

Desocultando quofidianos de mulheres



PROJETO MEMÓRIA
E FEMINISMOS

FICHA TÉCNICA

Título: A desocultar quotidianos de mulheres

Coordenação do projecto: Teresa Sales

Equipa editorial: Maria Augusta Seixas, Teresa Sales e Manuela Tavares.

Revisão de texto: Ana Pessoa, Carolina Moreira, Cátia Melo, Eugénia Morão, Irene Rodrigues, Manuela Tavares, Maria Augusta Seixas, Micaela Silva, Vera Silva.

Foto da capa: Paulete Matos

Concepção gráfica, impressão e acabamento:
SEXTACOR, Soluções Gráficas, Lda.

Edição:

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta/Projeto Memória e

Feminismos: novos olhares, outras vozes

Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e 30N
Alcântara-Rio, 1300-149 LISBOA

Tel: 218 887 005 | Fax: 218 884 086

E-mail: umar.sede@sapo.pt | www.umarfeminismos.org | www.cdofeminista.org

Depósito Legal: 377432/14

Tiragem: 500 exemplares.

Junho 2014

Agradecemos a todas as mulheres que deram o seu rosto e parte da sua história de vida, contribuindo com um legado emancipatório para a história dos feminismos em Portugal.

Este livro foi subsidiado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) no âmbito do projeto “Memória e Feminismos: Novos Olhares, Novas Vozes”.

Alguns textos presentes nesta edição não seguem o novo acordo ortográfico.

Introdução

São retalhos de vidas.

São pedaços de quotidianos que agora se desocultam.

Porque de muitos silêncios é ainda feita a vida de muitas mulheres.

As mais ousadas desatam os fios das suas histórias de vida e surgem mais empoderadas.

Outras, à medida que dizem o que ficou por dizer há muitos anos, refletem sobre si próprias.

Este livro constitui uma das peças do projeto “Memória e Feminismos II, Novos Olhares, Outras Vozes” que se desenvolveu em 2013/2014 nas regiões de Coimbra e Setúbal. Na anterior fase tinham sido recolhidas histórias de vida na Madeira e no Minho.

A historiadora e feminista Fina D’Armada que faleceu a 7 de Março de 2014, costumava dizer . “É preciso meter os quotidianos na história. E só as mulheres o podem fazer”. E é um facto que quando lemos estas histórias de vida tão ricas de ensinamentos, tão ricas de experiências damos conta da importância do trabalho que está a ser feito com este projeto da UMAR.

Para o desenvolvimento da história dos feminismos da segunda metade do século XX, torna-se crucial a preservação da memória histórica de muitas mulheres, não só das que foram protagonistas de activismos feministas, como de todas as outras que, de forma ainda mais invisível, trouxeram mudanças à sua vida e à de outras mulheres.

Os feminismos precisam de uma memória histórica. Construir essa memória é um desafio político e historiográfico, tal como afirmava a historiadora Anne Cova, na sessão de abertura do seminário evocativo do I Congresso Feminista e da Educação realizado em Maio de 2004 em Lisboa. Não é possível uma história dos feminismos sem a memória de mulheres de diversos sectores sociais, etnias, idades, orientações sexuais, mais ou menos envolvidas no activismo, que são portadoras de um património histórico ainda desconhecido.

Trazer a voz de quem ficou silenciado na história constitui um processo de produção de ciência e não apenas uma forma de acrescentar novas fontes à investigação histórica (Magalhães, 2012:11). Também a investigadora galega Carme Adán (2003:79) acrescenta uma outra razão ao referir que tornar visíveis as mulheres na história, reflectir sobre as suas experiências, devolver-lhes a palavra, fazer ouvir as suas vozes, recuperar memórias silenciadas, se integra no movimento teórico “das margens para o centro”, no qual se insere o feminismo, enquanto movimento político ao pretender que as mulheres deixem de ocupar as margens da sociedade e se situem no centro do conhecimento e da política.

As histórias de vida permitem a emergência de saberes alternativos, em especial por parte das mulheres, nas respostas que estas acabam por dar perante situações diversas dos seus quotidianos. Contribuem também para “a revalorização do sujeito da ação social confrontando o discurso universalista, unidirecional e racionalizador, trazendo a voz dos/as silenciados/as da história” (Magalhães, 2012: 9-10) Ainda, segundo Sofia Neves “O conhecimento da realidade, que é sempre parcial e subjectivo, depende do acesso às experiências individuais e colectivas, sendo este acesso viabilizado pela linguagem e influenciado pela interacção entre investigadores/as e investigados/as” (Neves, 2012:74).

As histórias de vida fazem parte de uma história oral ainda não suficientemente valorizada em Portugal. Todavia, o recurso às histórias de vida e a outras fontes orais como entrevistas, recolha de conversas entre mulheres, testemunhos, trouxe a emergência de factos novos, não reproduzidos nas fontes escritas. A história oral permite, ainda, compreender melhor alguns documentos escritos e dar a palavra à subjectividade das mulheres.

Segundo a historiadora Françoise Thébaud (2009:11) “A história das mulheres e a história oral trouxeram novos objectos de estudo, como o corpo e os quotidianos, estimulando um diálogo interdisciplinar com a sociologia, a antropologia e a psicologia. A história das mulheres e a história oral forçaram um outro olhar da história tradicional sobre realidades desconhecida”.

A UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta sabe do carácter inovador deste seu projeto e pretende dar-lhe continuidade. O apoio da pequena subvenção da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género tem sido muito importante pois permite a produção de materiais, como vídeos, folhetos, cartazes e a deslocação de investigadoras ao nosso país como é o caso das historiadoras Françoise Thébaud (Universidade de Avignon) e de Elisabeth Elgán (Universidade de Estocolmo) à conferência: “Feminismos, Memória e Histórias de Vida” realizada em 21 de junho de 2014.

Sem o trabalho de voluntariado em torno deste projeto não teria sido possível a sua realização e por isso, não podemos deixar de agradecer publicamente a algumas dessas pessoas: Ana Pessoa, Maria Augusta Seixas, Joana Sales, Carla Kristensen, Vera Silva, Ana Cansado e do núcleo da UMAR de Coimbra.

A excelente colaboração da Escola Superior de Educação de Setúbal nas pessoas da professora Ana Pessoa, da directora da ESE Joana Brocardo, do técnico de vídeo Francisco Matias e das alunas Ana Beatriz Filipe, Ana Catarina Lima, Luísa Carvalho, Natália Pirtac, Rafaela Bravo, Soraia Pires, Tânia Marques, foi fundamental para o desenvolvimento do projeto na região de Setúbal.

Um agradecimento especial à fotógrafa Paulete Matos pela cedência da foto de capa.

Às mulheres, que tornaram possível todo este trabalho, disponibilizando-se para estarem connosco várias horas, aquele abraço de sororiedade e a convicção de que este projeto estreitou laços de cumplicidade feminista.

MANUELA TAVARES
MARIA JOSÉ MAGALHÃES
TERESA SALES

Sumário

Ana Maria Pessoa	10
Cátia Melo.....	24
Domingas Gonçalves	38
Irene Rodrigues	48
Júlia Duarte	58
Julieta Rocha	70
Liliana Mesquita.....	80
Maria do Nascimento Falcão.....	92
Maria Inês Campos.....	102
Maria Luísa Engrila Barra	112
Natércia Massas.....	124
Nitakumari Shazad	136
Odete Rêgo.....	144
Orlanda Silva	156
São José Lapa	170



ANA MARIA PESSOA, 56 ANOS,
PROFESSORA NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO INSTITUTO
POLITÉCNICO DE SETÚBAL

*A questão da classe, da cultura e do género é um triângulo
muito complicado, não é?*

Eu andei na escola, sempre na escola pública

Chamo-me Ana Maria Pessoa, tenho cinquenta e seis anos. Trabalho há vinte e sete anos em Setúbal, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico. A minha vida profissional foi quase toda feita aqui.

Nasci em Lisboa. Os meus pais são ambos transmontanos, do concelho de Valpaços e, nos anos cinquenta do século passado foram daqueles que migraram para o litoral à procura de uma vida diferente. O meu pai, que já faleceu, veio para a fábrica dos Tabacos *Intar*, onde trabalhou até se reformar por invalidez. A minha mãe, que também fizera a 4^a classe, era regente escolar. Ou seja, tinha sido daquelas mulheres que tinham ido substituir as então professoras primárias porque Salazar, numa visão economicista e ideológica, entre 1936 e 1942, fechou as escolas de formação de professores primários, como se dizia na altura. Ao casar, continuou a trabalhar durante um ano, um ano e meio, em Trás-os-Montes, em duas aldeias no Gerês. Quando eu nasci, na então Maternidade dos Tabacos, porque a fábrica dos Tabacos tinha uma maternidade para os filhos dos empregados, a minha mãe ainda voltou a ir trabalhar. Levava-me com ela para a escola quando ia dar aulas. Tinha sessenta miúdos numa sala. Conosco e, para tomar conta de mim, tinha a minha prima mais velha com seis anos. Quando eu acordava, ela levava-me também para a escola e eu ficava na alcofa. Tenho uma irmã mais nova, vinte e um meses. Quando ela nasceu a minha mãe veio então definitivamente para Lisboa.

Eu andei na escola, sempre na escola pública, sempre na escola oficial, como se dizia. Não havia jardins-de-infância públicos por isso só fui para escola aos 6 anos. Fui para a 1^a classe onde hoje é a Escola Superior de Educação de Lisboa. Ali tive uma professora que, em novembro, ao perceber que eu sabia ler, deu-me uma bofetada. Foi a única que apanhei mas vi dar muitas. A minha mãe resolveu retirar-me da escola (nesses primeiros meses saíram 11 meninas da sala) e fui para casa, para uma espécie de ensino doméstico, então possível. Estive ainda uns meses em Trás-os-Montes, com a minha madrinha (essa professora primária que ali lecionava) e, no final do ano, fiz uma prova e passei para a segunda classe. Ao chegar aos nove anos, estava na altura de fazer o exame da quarta classe. Era o final de um percurso, até

porque nessa época já era obrigatório a escolaridade de 4 anos para as raparigas. No final dos anos 50, ainda só eram 3 anos para as raparigas e 4 para os rapazes mas nem mesmo esses mínimos eram cumpridos. Fiz então o exame da quarta classe e, quem quisesse ou *pudesse* continuar a estudar fazia o exame de aptidão à escola técnica e/ou ao liceu. Eu fiz ambos: o primeiro, na escola Marquesa de Alorna e o segundo, no Liceu Maria Amália vaz de Carvalho. Não era vontade do meu pai que eu fosse sequer estudar quanto mais para o liceu, para onde fui. O meu pai era um excelente pai, mas achava que nós podíamos começar a trabalhar também. A minha mãe não pensava da mesma forma: era mulher já com a ideia de que as filhas deviam continuar a estudar. Aliás, a minha avó materna, desde sempre dizia o mesmo, ela pensava que não era uma coisa só para rapazes, mas também para raparigas. Fui para o liceu porque eu aí tinha tido melhor nota. Nos anos seguintes tive bolsa de estudo que na altura me permitia ter os livros escolares, transportes e almoço na escola. Andei sete anos no liceu e estava ali quando foi o 25 de Abril. Às vezes a vida era complicada para quem vinha do um meio social como o meu e que não era, de todo, o da esmagadora maioria das minhas colegas. Quando eu tinha alguma dificuldade, por exemplo, em francês, inglês, noutras áreas que em casa não me podiam ajudar, tinha de esperar pelas aulas seguintes para tirara dúvida, porque a minha mãe ajudava-me imenso em tudo o que era áreas de português, matemática porque é muito inteligente e acompanhava-me sempre.

O liceu era exclusivamente feminino

O liceu era exclusivamente feminino. Aliás eu nem sabia que podia haver escolas mistas. Lembro-me de, na 1ª classe, haver um pátio hoje alcatroado mas que, à época era em calçada portuguesa, e que era o único sítio onde se podiam ver rapazes e raparigas mas, separados. Lembro-me de o diretor da Escola, o professor Dordonat, andar no meio do pátio para ver se as meninas e os rapazes passavam uma fila de pedras de calçada que estavam em posição diferente dos outros dois lados do pátio. Quando os rapazes passavam a divisória (invisível) do meio, os rapazes levavam um puxão de orelhas ou lá havia uma bofetada porque estavam a passar para o lado das meninas.

Depois no liceu as coisas eram mais complicadas porque tínhamos um grande rigor, quer nas entradas, nas saídas, no estar, não podíamos entrar numa sala de aula sem a professora, e o receio de castigos era interiorizado. Lembro-me que uma vez uma minha colega, chefe de turma, disse qualquer coisa à funcionária que estava no corredor (sobre o atraso da professora) e só ouvi a ameaça: “A menina volta a falar assim e levo-a à senhora reitora”. A minha colega, que se chama Ana Maria e cujo apelido não digo pois hoje trabalha em Bruxelas, fez xixi pelas pernas abaixo só de ouvir dizer que podia ir “à senhora reitora”!

Eu fui o que se chama boa aluna. Tinha obrigatoriamente que ser, porque se não tivesse boas notas e até *quadro de honra*, ou seja, mais de 14 valores de média, no ano seguinte não tinha bolsa de estudo. Para mim era um prazer pois gostava, e ainda hoje gosto, imenso de estudar. Sabia que nunca podia reprovar. Havia muitas restrições. Por exemplo, as alunas não podiam subir umas escadas enormes em pedra, lindíssimas, que ainda hoje lá estão. Eram o lugar de passagem só para as professoras. Essa proibição de tal forma me ficou gravada que, já depois do 25 de Abril, quando a minha filha fez o 10-12º ano naquela escola, quando ia a reuniões de encarregados de educação, nunca fui capaz de subir pelas escadas de pedra! Ver ali rapazes era impossível e proibido, mesmo no passeio e, hoje, quando os vejo lá, é a única escola onde isso me faz alguma impressão! A obrigatoriedade da bata branca é uma imagem que eu tenha dessa escola: uma imagem de raparigas, todas com cabeças com tranças, totós em corpos brancos, como se fossemos um rebanho, pois éramos muitas. Só na minha turma éramos quarenta. Não me lembro de corpo nenhum que não fosse branco. Se os havia? Nós tínhamos, mas não me lembro deles.

Quanto às professoras, tínhamos de tudo, como sempre houve em todas as escolas. O perigo são as generalizações! Tive algumas que me marcaram muito umas pela positiva, outras pela negativa. Concretamente, a minha professora de História, Maria Isabel Marnoto, penso que ainda é viva, era uma senhora muito interessante como professora. Falava-nos da história de outra maneira, com outros autores e eu não sei se ela seria muito bem vista na escola, pois nós íamos a aulas na Fundação Gulbenkian o que era esquisitíssimo à época. Ficou-me aí o gosto pela História, área em que fiz a licenciatura. Pela negativa e entre muitos outros, lembro-me de um diaporama (um

luxo, à época), sobre o “aborto” que vi na aula de Religião e Moral, no então 6º ano do liceu (hoje, equivalente ao 10º ano). Nunca me esqueço do impacto que tiveram essas imagens sobre mim e muito daquilo que eu pensei e depois pensei, e que ainda hoje penso, sobre a interrupção voluntária da gravidez, não tenho dúvida que é uma reação àquilo que vi. Nunca mais me esqueci dessas imagens, tiveram precisamente o efeito contrário que a professora terá pensado quanto ao que podiam ter..

*A passagem pela faculdade, já depois do 25 abril,
foi uma coisa fabulosa!*

A passagem pela faculdade, já depois do 25 abril, foi uma coisa fabulosa! Como as universidades fecharam um ano para remodelação de currículos, ainda hesitei em ir para Enfermagem. Candidatei-me e entrei na Escola Artur Ravara. Pensei também ir para professora primária. Foi a minha mãe que me preparou para o exame de aptidão, que era ainda preciso fazer na altura. Entrei no Magistério Primário de Lisboa mas eu queria ir para História! Gostava de ser professora. Nesse período em que a Faculdade de Letras não abriu, fiz o *serviço cívico* de que gostei imenso e hoje até há já uma tese de mestrado sobre ele. O *serviço cívico* foi uma espécie de treino de realidade pois quem normalmente tinha feito o liceu vinha de meios sociais que não conheciam a realidade dos despojados da sorte. Era uma espécie de ano de intervalo para percebermos o mundo em que estávamos. Foi um mundo que para mim não era desconhecido, mas que o era para a maior parte dos meus colegas. Eu trabalhei na freguesia de Nossa Senhora de Fátima e trabalhei com miúdos ciganos, miúdos do bairro, ali do bairro que tinham piolhos, miúdos que pediam por exemplo para lhes fazer um “pinsório” (suspensórios), que andavam descalços. O sitio onde nós trabalhávamos com os miúdos funcionava onde hoje é, a Soeira Pereira Gomes e o Centro de trabalho do PCP. Era uma zona de barracas onde hoje existe um condomínio. Foram quatro meses ou cinco de um trabalho intenso, interessantíssimo. Depois fui para a faculdade, para o curso de História e tive dos melhores professores que eu acho que havia à época. António Borges Coelho foi meu professor em quatro dos cinco anos que durou o curso e que me abriu os olhos para imensas coisas de que eu nunca tinha ouvido falar. Ainda hoje, quando o encontro, é sempre uma grande alegria porque foi um professor que me marcou imenso, imenso, imen-

so! Outros professores que também me marcaram foram Joel Serrão, José Manuel Sobral, Luís Guerreiro, Álvaro Simões, Luiz Filipe Thomaz, Zaluar Basílio, Isabel Castro Henriques...Esta foi uma professora de que nunca me esquecerei por duas razões: uma pelas questões das mulheres de que eu ouvi falar pela primeira vez, de um ponto de vista mais teórico, e outra questão também que era o facto de ela me ter dado uma disciplina que se chamava *História da África Negra*, de que eu nunca tinha ouvido falar e nem sabia que existia uma história que pudesse ser de África Negra não é, porque achávamos sempre que só havia historia europeia e branca. Lembro-me, nunca me esqueci, de um exemplo que ela um dia deu que foi: “ Vocês lembram-se quando andavam na escola e vos falavam da nossa chegada a Angola, a Moçambique, a outros sítios, e quando olhávamos para as pessoas e estavam nus? E agora imaginem as pessoas que lá estavam olharem para nós e verem-nos com umas golas muito altas, todos vestidos, só tomar banho de vez em quando, porque se tomássemos banho semana a semana já se era judeu,...”. Eu nunca me esqueço do impacto que isto teve sobre mim que já tinha dezoito anos quando ouvi isto pela primeira vez! Também tive o professor Barradas de Carvalho, o António José Saraiva, portanto houve muita gente que encontrei nessa altura. A questão política é também uma questão importante da entrada na faculdade, porque eu comecei a perceber muita coisa de que ainda hoje não me afastei. Em minha casa não se falava muito sobre isso, antes do 25 de abril. Lembro-me, por exemplo, de que a guerra colonial foi muito sentida em nossa casa, porque tivemos muita gente da família e alguns que morreram. Lembro-me como o meu pai ficava sempre muito incomodado quando, na altura do Natal, passavam aqueles pequenos excertos dos soldados que diziam sempre o número, o nome e mandavam *muitas propriedades* [sic] para a família. Lembro-me também do quotidiano, para mim esta questão política tem a ver com o quotidiano sempre muito tristonho. Lembro-me da campanha da CDE, lembro-me bem dessas coisas, mas não percebia muito bem, não é. Mas ao chegar à faculdade, no pós 25 de Abril foi uma grande escola em que aprendi imenso. Para mim há uma politica antes e depois do 25 de Abril, portanto não consigo pensar hoje, quando olho para trás ao fim destes quarenta anos, quando olho para trás e vejo aquilo que foi feito e aquilo que se manteve e aquilo que hoje está a beira de se perder, se nós não tivermos cuidado com isso. Eu gostava de deixar aos meus descendentes um país igual àquele que nós pensámos que seria possível construirmos no 25 de Abril.

Portanto gostava mais desse outro país, das pessoas alegres, das pessoas a trocar ideias, das pessoas a discutir, não vergar, não aceitar, não ter medo, porque hoje acho que se sente muito medo, e é uma das grandes diferenças que eu vejo. Uma das questões que me tem trazido imensa reflexão é o apagar da memória, quer da memória visual, por exemplo, destruindo, sei lá, a sede da PIDE na Antónia Maria Cardoso, o forte de Peniche... o dizer que antes se vivia melhor do que hoje. É pura mentira! Por exemplo, vamos ver mais uma vez o quotidiano, eu lembro-me da rua em que os meus pais vivem, que ainda hoje é uma rua enorme que vai ter directamente ao cemitério de Benfica, havia dois carros à época em que eu era pequena: um, de um médico e outro de uma outra pessoa que viviam lá. Hoje, nós passamos e vemos carros de um lado e do outro. Outro exemplo: as pessoas se hoje têm um problema, têm (ainda!) a possibilidade da segurança social, de uma assistência que não havia na altura. Por exemplo, a minha avó materna ficou viúva com oito filhos, a mais nova tinha seis meses e o mais velho tinha treze anos e não havia reformas nem apoios, nada disso.

As pessoas já esqueceram como eram os transportes? Pois eu não. Nos anos em que íamos passar férias a Trás-os-Montes, na aldeia, o percurso de cerca de 520 quilómetros demorava imenso: como o meu pai nunca teve carro, saíamos de Lisboa no comboio da meia-noite, chegávamos ao Porto. Depois apanhávamos outro para a Régua, depois da Régua para Vila Pouca de Aguiar, depois da Vila de Pouco de Aguiar uma camioneta até à aldeia, quando era para a do meu pai. Para a aldeia da minha mãe, ainda se ia, depois, duas horas e meia a pé e as malas iam em cima de um burro! Portanto era assim que nós fazíamos estas viagens, o que durava quase vinte e quatro horas pois saíamos à meia-noite e chegávamos às oito da noite. Chegávamos a mudar de roupa, na Régua, e pelo menos lavar a cara, o pescoço e as mãos quando chegávamos a Vila Pouca.

*Uma das questões que me tem trazido imensa reflexão
é o apagar da memória...*

Portanto, quando as vezes as pessoas me dizem que se vivia melhor eu nunca contradigo, nunca contradigo por estratégia. A minha questão é dizer: “Sabe que era assim

e assim e assim?”. Nós tínhamos 30, a 40 % das pessoas analfabetas no 25 de Abril, nos anos 60, não havia passe social, não havia os transportes públicos como temos hoje. Eu cheguei a usar um bilhete operário, que era um bilhete que, se saímos de casa antes das oito da manhã, podíamos usar para ir e para vir, à tarde, do liceu. Eu própria tive que ir para um liceu a muitos quilómetros de casa, porque não havia escola em mais sítio nenhum, portanto não havia escolas suficientes para as crianças, não se pensava sequer que todos fossem para a escola. Por exemplo, havia os liceus que eram para formar as futuras elites do país, não é assim? Eu por um enviesamento diferente entrei no liceu onde havia 2% da população que seria como eu, os outros 98% não tinham nada a ver com isso. Eu só pude estudar porque me davam os livros, hoje em dia as pessoas podem, têm um acesso completamente diferente à escola, a escolaridade obrigatória, a ida ao médico, sei lá, todas estas coisas do dia-a-dia são coisas que são muito importantes. A outra era a questão das mulheres. Essa era também uma questão que me fazia imensa impressão e sempre me fez embora eu não lhe soubesse chamar feminismo ou outra coisa qualquer, mas era uma questão que desde sempre tive muito enraizada.

*A minha avó materna [...] dizia sempre que tínhamos
que estudar, que nunca nos deixássemos mandar
por um homem*

A minha avó materna, de quem eu herdei o nome, era uma avó que, tendo vivido no antes do 25 de Abril, era uma mulher, muito mulher. Era camponesa e analfabeta. Era uma mulher de rigor e ela dizia sempre que tínhamos que estudar, que nunca nos deixássemos mandar por um homem. Ela tinha tido a sorte de gostar imenso do meu avô, do marido com quem casou depois de ter tido os cinco primeiros filhos. Os outros três vieram depois do casamento. Ela era uma pessoa muito interessante do ponto de vista do pensar, gostava sempre de nos ouvir, gostava sempre de saber das coisas novas que havia, trabalhava no campo, obrigava-nos a ir para o campo também, portanto eu fiz tudo. Apanhar as batatas, ir para a vindima, para a ceifa, para tudo! Portanto fazíamos isso tudo, porque ela achava que que era preciso também aprender a fazer as coisas, dizia sempre: “ se um dia precisarem de fazer, sabem fazer; se puderem mandar, também já sabem mandar e já sabem como se faz bem!”.

Era uma mulher que sempre achava que nós tínhamos que estudar e lembro-me de que ela dizia que “ se vocês conseguirem trabalhar, não precisam nunca de se casar”, porque não era o ideal de vida dela. Portanto a condição das mulheres. Sobretudo depois do 25 de Abril foi uma área em que eu comecei a pensar muitíssimo mais e, de outra forma. Também na faculdade fui preterida por uma questão que na altura não sabia como se chamava e que hoje diria de discriminação de género. Quando tentei concorrer para monitora de uma disciplina que se chamava Paleografia e que tinha como professor o cónego Isáias da Rosa Pereira, uma excelente pessoa que, como professor, me disse que havia dois rapazes a concorrer e que eu escusava de tentar porque ele iria escolher um rapaz dos dois rapazes. Isto foi assim embora eu tivesse tido melhor classificação do que qualquer um deles na área em para a qual se abria o lugar! Vá lá, teve a vantagem de me dizer cara a cara que não me ia escolher...E outras que tivemos mais... essa foi a primeira que encontrei.

Em casa, a questão da igualdade de género também era um tema que se colocava com frequência. O meu pai, que gostava imenso das duas filhas, tinha alguma tristeza por eu ou depois a minha irmã não sermos rapazes. Também pensava que nós devíamos ter ido trabalhar mais cedo, contribuir para a casa e, inclusivamente, ele achava que o nosso futuro seria sermos operárias. Eu fui a primeira licenciada na minha família e isso foi um grande orgulho para o meu pai que também ficava muito contente com as notas que a minha irmã e eu tínhamos no liceu. A minha mãe nunca pensou isso, ela defendia sempre que nós devíamos estudar e estudar sempre muito.

O meu pai nunca quis que a minha mãe trabalhasse, portanto era só o trabalho doméstico. Excepto uma altura em que o meu pai esteve anos desempregado e em que a minha mãe trabalhava, fazia malhas para fora. Ms trabalhava *dentro de casa*. Trabalhava muito, nós dobrávamos as lãs e ela fazia as malhas para fora. Tudo isto fez com que eu começasse a perceber mais coisas sobre o que era ser mulher. Fez com que eu começasse a perceber que era o salário da minha mãe que, na verdade, estando em casa, nos fazia avançar e mesmo quando o meu pai já estava novamente a trabalhar, ela nunca deixou de trabalhar. Esta questão de as mulheres não trabalharem sempre me incomodou muito.

As condições em que as mulheres trabalhavam eram duras

Por exemplo, as condições em que as mulheres trabalhavam eram duras. Nós não tínhamos máquina de lavar, a casa era uma casa muito simples, muito pequenina e eu lembro-me, por exemplo, da minha irmã que não gostava nada de andar na escola, mas era muito boa aluna, e da minha mãe para a estimular a estudar, lhe dizer: “ Então para ficar em casa, não podemos ficar duas, só pode ficar uma. Ou ficas tu e eu vou estudar, ou tu vais estudar e eu fico em casa “. E a minha mãe dizia: “tens que estudar porque é muito importante para poderes ter o teu trabalho, ter um ordenado do qual possas viver”. Portanto, era sempre esta conversa que nós tínhamos em casa. E na verdade a minha mãe foi sempre uma mulher de trabalho e acho que nos deixou e nos legou essa herança também. Eu sou de uma família de mulheres, de muitas mulheres, dos vinte e um primos direitos que eu tenho só oito é que são rapazes. Portanto temos uma família muito feminina e, sobretudo da parte da minha mãe, somos todas muito femininas e feministas. Desde pessoas que nunca se casaram, até outras que têm filhos e que também não são casadas, até outras que se casaram e que se divorciaram, portanto temos de tudo na família, e todas são mulheres de trabalho.

Na faculdade também encontrei, pela primeira vez, como colegas, muitos rapazes. Para quem hoje está habituado a viver com rapazes é outra coisa, mas no meu tempo foram muitos rapazes de uma só vez. Óptimas amizades ficaram desses tempos. Inclusivamente, como também aconteceu com muita gente, namoro e casamento e posterior divórcio. Foi muito interessante ter trabalhado pela primeira vez, lado a lado com rapazes, porque nunca tinha feito isso, em termos de escola. Hoje é normalíssimo os miúdos terem feito um trabalho em grupo, ou estarem em grupo a conversar, nós não! Portanto pela primeira vez encontrámo-nos todos na faculdade numa situação nova para todos, mesmo para quem tinha irmãos ou irmãs pois nunca tinham estudado na mesma instituição. Em relação às ligações com os rapazes às vezes era mais complicado porque havia, sempre, um *parece bem* e um *parece mal*.

*Uma das duas tias freiras [...] resolveu oferecer-me
um livro escrito pela Simone de Beauvoir [...]
Foi um livro que me deu uma pancada grande!*

Uma das ideias que as pessoas tinham era que as raparigas deviam fazer o enxoval para quando se casassem, mesmo as que estudavam. Eu não me lembro de alguma vez ter tido essa ideia de me casar, como um fim em si. Eu queria estudar para trabalhar mas casar, não me lembro de ter querido isso. Até porque, desde bem cedo, esse tema me fazia alguma reflexão pois não me parecia que a maioria das mulheres casadas fosse mais feliz do que as que não o eram. Tive uma tia (já falecida), uma das duas tias freiras que tenho, uma mulher muito interessante e que uma vez resolveu oferecer-me um livro escrito pela Simone de Beauvoir e que se chama(va) *Memórias de uma menina bem comportada*, que eu nunca esquecerei. Não devia haver na altura grandes críticas literárias, porque a minha tia não deve ter sabido e, nunca soube, qual era o conteúdo do livro. Imaginem, quem conhece o livro, o que ele me fez e o impacto que ele teve em mim! Foi um livro que me deu uma pancada grande! Eu também lia imenso, mais do que ir ao cinema, porque não ia. A primeira vez que eu fui ao cinema tinha doze anos e fui ver *Música no Coração*. Eu li aquele livro e fiquei siderada. Nunca expliquei à minha tia o livro que ela me tinha dado. Nunca falei com ela, sobre isso. Hoje tenho pena, hoje acho que devia tê-lo feito, mas nunca se proporcionou e depois, não valia a pena. Mas era uma tia fabulosa, uma tia muito, muito querida.

Esta questão da família e da religião também é interessante. Eu sou afilhada de padre, sobrinha de duas freiras, tenho duas primas freiras, e fui catequista até aos dezassete anos. Mas o 25 de Abril também isso me levou. Lembro-me que uma das coisas que, já depois dos 17 anos, mais me custou foi compreender a forma que a Igreja tinha/tem de lidar com muitos problemas quer teóricos, sociais, económicos quer do quotidiano, quando eu comecei mais a pensar nestas coisas todas a sério. A morte e a relação das pessoas com ela é outro assunto sobre o qual ainda penso muito.

Ainda antes de acabar o curso o meu pai ficou doente (durante vinte anos), portanto eu tive de ir trabalhar pois a minha irmã também estava na faculdade, em Filosofia.

Nessa altura a minha mãe também foi trabalhar *fora de casa*, pela primeira vez, com 50 anos. A minha mãe foi trabalhar como auxiliar de ação educativa e conseguiu esse emprego porque uma das alíneas do edital do concurso referia que, quem tivesse sido regente escolar podia ser opositora ao dito lugar, podia entrar nesse concurso. Portanto foi para funcionária de uma escola. Teve graça porque, dois anos depois de eu ter começado a trabalhar, estávamos as duas na mesma escola: ela como funcionária e eu como professora de História. Nos dois anos iniciais da minha vida docente eu estive em duas escolas privadas: a Coopescola e o Colégio Valsassina. Foi uma experiência fabulosa e não posso esquecer ambas mas, em particular e com muita saudade, o então diretor da segunda, o Dr. Frederico Valsassina. A minha defesa do ensino público não tem nada a ver com as duas instituições de ensino privado onde trabalhei! É uma questão de princípio, político, que defendi e defendo.

Depois também me casei com um colega que havia conhecido no tempo do tal *serviço cívico*. Para além do curso de História, também fiz o curso de bibliotecária, em Coimbra. Depois fiz o estágio na Biblioteca Nacional, em Lisboa. Ao mesmo tempo e, porque o estágio de bibliotecária embora sendo obrigatório não era remunerado, dava aulas na escola da Damaia, hoje escola D João V, ou seja, eu saía de casa às oito da manhã e entrava às nove da noite, com meia hora de almoço, que eu aproveitava entre a Damaia e a Biblioteca Nacional para comer uma sandes durante o percurso de autocarro. Isto foi já nos anos oitenta e dois-oitenta e cinco. Depois fiz o estágio de professora em Odivelas e, já depois de estar na Escola Superior de Educação, fiz o meu mestrado e doutoramento em *História da Educação*. No primeiro tive como orientador o professor António Nóvoa. E eu queria estudar qualquer coisa que me ajudasse a perceber se havia formas alternativas de estar na escola. E daí que fosse estudar a história da *Escola Moderna* em Portugal. No segundo, tive como orientador Rogério Fernandes e queria perceber como é que o *Estado Novo* tinha agido sobre as mulheres, na área da educação formal. Acabei por investigar o tema da educação das mulheres e das crianças naquele período mas visto a partir de uma revista intitulada *Os Nossos Filhos*, dirigida por uma mulher – Maria Lúcia Namorado, mãe de um atual membro do Comité Central do PCP e prima de Marias Lamas. Essa diretora da revista guardou, e eu analisei, toda a correspondência (num total de 12.500 cartas) que lhe foi dirigida por muitas mulheres deste país.

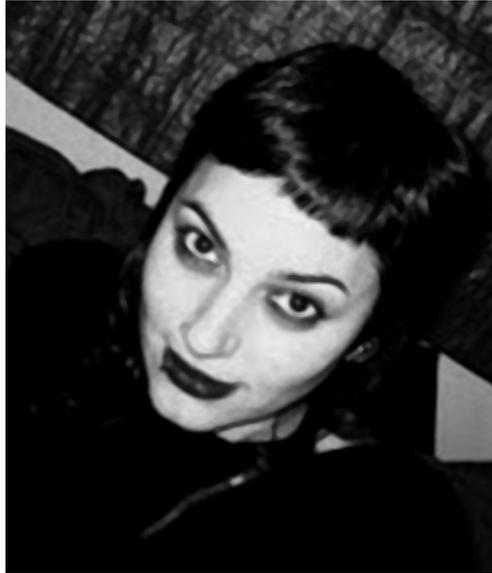
*... A questão da luta das mulheres é uma questão
que está sempre presente*

Tenho uma filha, que neste momento tem 25 anos, que já saiu de casa há muito tempo. Ela esteve a fazer a licenciatura em Manchester, em Genética, e neste momento está a fazer o doutoramento em Cambridge, no Reino Unido e trabalha na área de duplicação do ADN.

Também com ela e, sempre no meu quotidiano, a questão da luta das mulheres está sempre presente. Eu nunca tive militância política, em partidos. Não estou filiada em nenhum mas não tenho dúvida de que pertença a uma área que foi sempre a esquerda. E não tenho dúvida que nunca saí de lá. Creio que estou mais intolerante agora do que eu estava logo no pós 25 de Abril. Para mim, a questão de *classe* foi uma questão que esteve sempre muito presente na minha cabeça. Tenho muito presente a noção de *classe*, a *origem de classe*, *traição de classe* que hoje incomodam muita gente e que até negam que se possa pensar e falar sobre. E depois liguei sempre estas questões à minha prática como professora. Por exemplo uma das minhas preocupações é a *igualdade no acesso* e a *igualdade no sucesso*. Eu acho que não tenho jeito nenhum para militante. Acho que a minha militância é no dia-a-dia e não propriamente uma militância política. Eu não tenho a mínima dúvida de que a questão da reflexão sobre *classe*, e, dentro da classe a *questão de género* também. Portanto são três grandes áreas que assim, teoricamente, me acompanham. Se eu tivesse que organizar os conceitos que me norteiam na minha vida, seriam estes, sem dúvida. Portanto não consigo conceber uma Europa de direita, não consigo perceber... Sempre votei, é uma questão muito importante, sempre dei muita importância ao voto, à participação. No primeiro ano em que o Bloco de Esquerda concorreu à Assembleia da República, portanto às legislativas, eu fiz parte da lista aqui por Setúbal, como independente. Fui da Mesa Nacional do Bloco de Esquerda e trabalhei sempre nas áreas em que me foi pedido que o fizesse. Mas a minha intervenção não passa tanto por aí. Faz-se todos os dias junto dos/as estudantes, junto daqueles/as com quem trabalho, pelos temas que abordo, da forma como os abordo, da forma como estou na sala de aula, isto na minha profissão. Já depois dos anos noventa, tenho ligação com algumas pessoas da UMAR. Portanto eu tenho estado ligada a

algumas das iniciativas que vão sendo feitas. Tenho sempre um grande prazer em ali estar nas iniciativas.

Tenho a certeza de que muitos destes princípios foram passados à minha filha que é muito solidária e gosta de pensar. Uma das minhas preocupações foi sempre falar destes temas com ela e de a lembrar de que nunca podemos esquecer de onde vimos e que temos de saber para onde queremos ir. Eu tento passar isto todos os dias, é uma militância, a militância das mulheres e dos homens num mundo educativo em que se quer privilegiar a memória que reproduz e não se quer compreensão e reflexão. Muitas vezes percebo que as/os estudantes com quem trabalho, sobretudo as/os que vão ser professoras/es e comunicadores, não conseguem desmontar os discursos instalados porque, hoje como sempre, o discurso é polissémico e nem sempre é fácil desmontá-lo. Por exemplo, no discurso sobre as mulheres há muito por fazer pois dá-se como adquirido que os direitos delas estão conquistados. Onde? Como? A questão da classe, da cultura e do género é um triângulo muito complicado, não é?



CÁTIA MELO, 32 ANOS

Eu nunca tive medo de dizer, e eu quero dizê-lo com toda a voz e propriedade: “Eu sou uma mulher!”

O meu nome é Cátia Melo, nasci em Vila Nova de Famalicão, tenho 32 anos. Vivo em Coimbra desde 1999, altura em que entrei para a Universidade. Sou antiga na República das Marias do Loureiro e fundadora da UMAR Coimbra. A minha mãe é professora e foi colocada em Izeda, Bragança. Vivi parte da minha infância e pré-adolescência, desde os 6 até aos 12 anos, em Izeda. A partir daí, e até aos 18 anos, vivi em Vila Nova de Famalicão. Vim para Coimbra só com 18 anos, quando entrei na Universidade, aliás com 17, faço anos em Novembro.

Venho de uma família quase só de mulheres, em que as mulheres assumem e têm um papel muito forte! A minha tia-bisavó, por exemplo, era dona de uma pequena fábrica, uma pequena confeitaria, em Famalicão, pelas histórias que se contam, foi solteira a maior parte da vida e era ativista política, uma mulher sem medos. A minha avó também é um exemplo de uma mulher muito forte e reivindicativa, à sua maneira! Enquanto operária, foi protagonista de uma greve contra um despedimento de um colega de trabalho antes do 25 de Abril. A minha tia e a minha mãe, as duas filhas, são duas mulheres também resistentes, fortes, lutadoras. Aliás, o meu avô também veio de uma família de mulheres, mulheres muito fortes, umas minhotas a sério, (com bigode e tudo!), portanto ele aprendeu desde pequenino a ter que deixar o espaço das mulheres ser das mulheres, um espaço para serem mulheres fortes, mulheres que não se deixavam (nunca!) ser pisadas, por homem nenhum, nem pelo patronato, por ninguém. Também ele era um ativista político. Toda a família, do meu avô e da minha avó trabalhavam na feira, as minhas bisavós, e a minha avó paterna também, todas trabalhavam na feira! As feiras lembram-me aquelas mulheres todas, essas minhotas aguerridas, as minhas tias, as minhas tias avós, as minhas tias bisavós, que também cheguei a conhecer... na maioria, mulheres de grande porte, ainda por cima! Sempre trabalharam, faziam a recolha das batatas, da fruta, etc., em camiões, em carrinhas, por todo o norte do país, sem terem carta nem nada, eram elas que conduziam e eram as donas das tendas da feira, mulheres de negócios. Cada uma delas a sua própria patroa! Os maridos trabalhavam nas fábricas e elas é que trabalhavam na feira, portanto, aquilo era delas, era o negócio delas, sempre foram mulheres muito independentes e nunca permitiram interferências masculinas naquilo que eram os espaços delas.

Tenho essas referências e sou um bocadinho daquilo que elas eram e são, essas tantas mulheres que fizeram e fazem parte de mim. Sei que tentei seguir alguns dos exemplos delas, sei que tentei fazer e ser algo que as orgulhe. A forma como eu falo, (é engraçado!) traz-me reminiscências dessas mulheres de vozes fortes e assertivas.

As minhas recordações de Izeda são das viagens a Famalicão, da vida no campo, do andar de bicicleta, dos rapazes, da minha pré-adolescência, obviamente, muito importante para o meu desenvolvimento como mulher e como pessoa. Ficámos mais anos em Trás-os-Montes porque a minha mãe assumiu um cargo importante na escola em Izeda: ela foi secretária e vice-presidente do Conselho Diretivo e ajudou a construir as instalações de uma escola nova para a população de Izeda e arredores. A anterior escola era dividida entre o Ministério da Justiça e o Ministério da Educação, portanto, era uma prisão de menores e escola. A minha mãe lutou muito por aquela escola. Foi a altura em que ela também se envolveu mais em política e na profissão. Foram também os anos para me descobrir mulher e a minha sexualidade. Também descobri a minha paixão por pessoas, histórias e a Antropologia. Voltei para Famalicão.

Nunca soube de onde surge esta paixão pela Antropologia, mas começou mesmo muito cedo. As vivências, as pessoas, as diferentes pessoas. Lembro-me que uma vez vi um documentário sobre uma antropóloga na Irlanda e li uma enciclopédia de um biólogo sobre África. Ficou a paixão por esse mundo desconhecido. Vem também da minha vivência e experiências em Izeda com os ciganos. Eu quando vivia em Izeda, vivia numa rua só de ciganos. Eu lembro-me de querer descobrir, e tenho apontamentos, e tenho no meu diário coisinhas escritas sobre de onde é que eles vieram, de onde é que vinha a D. Fátima, que era, na altura, algo como a minha ama, e que era cigana, que tomava conta de mim e do meu irmão, e lembro-me de escrever donde é que ela vinha, donde é que vinham os pais dela... ela a dizer que era cigana turca, que usavam as saias mais assim, que era diferente da família de baixo, lembro-me de a fazer contar as histórias dela e dos outros. Sempre tive esta paixãozita esquisita. E sempre quis ser antropóloga, nunca me imaginei mais nada. Antropóloga, para poder viajar e para poder descobrir e para dar asas a essa minha curiosidade sobre as vidas das pessoas. Mesmo com a minha avó, todas estas histórias que eu sei sobre a minha família, sou eu quem pesquiso e fui sempre eu, desde pequenina, que insistia e chateava para ouvir as histórias sobre todos, a da família, os casamentos, enfim.

*Vim seguir o meu sonho para Coimbra.
Antropologia. Lá teria a minha independência,
era uma cidade mais ou menos pequena,
além disso, as histórias que se ouviam fascinavam,
como as do movimento estudantil*

Vim seguir o meu sonho para Coimbra. Antropologia. Lá teria a minha independência, era uma cidade mais ou menos pequena, além disso, as histórias que se ouviam fascinavam, como as do movimento estudantil. As referências da história, para mim, eram sempre da Universidade de Coimbra e eu achava que era ali que eu queria estar. Um primo vivia cá numa República. Vivía no Kimbo dos Sobas. Foi ele quem me apresentou à cidade embora já tivesse algumas amigas de Famalicão cá a estudar, mas elas eram praxistas e eu já tinha uma consciência e já sabia, logo no 11º ano, que não iria submeter-me à praxe, às humilhações; eu já sabia que queria ser anti praxe! Um ano antes, a minha mãe leu um artigo que tinha saído no jornal *Público* escrito pelas Marias do Loureiro contra a praxe Académica em Coimbra. Deduzimos, eu e a minha mãe, que haveria um nicho contra a praxe: as Repúblicas. Tínhamos ouvido histórias horríveis de praxe e, embora ingénua quanto ao que significava ou às suas práticas, a minha mãe, preocupada, sempre me apoiou na decisão de não admitir ser praxada. Entrei como comensal para o Kimbo dos Sobas, a mística República dos estudantes africanos.

Na primeira semana de aulas, não pus os pés dentro do departamento. Entrei pela primeira vez dentro do Departamento e dentro de uma sala de aula e... era uma “aula fantasma” com um gajo parvo qualquer a contar uma historieca qualquer e a meter-nos medo. Os meus colegas foram mobilizados para a praxe, para irem ficar “de quatro”, posição de animal, dispostos corredor fora, meninos e meninas separados, como convém! E... “de quatro”! Nos corredores de Antropologia! ... Eu só pensava “Onde é que eu vim parar?” Saí de lá, de queixo o mais erguido possível e a concentrar-me para só chorar quando chegasse lá fora! ...E chorei! Baba e ranho! Nunca mais meti os pés no Departamento durante mais umas semanas. Foi difícil! Toda a gente a praxar e a ser praxada, só se ouvia berros na rua, era horrível andar na rua. Expliquei ao meu avô e à minha avó que não vestia o traje porque me tinha de submeter a uma série de humilhações, como lamber vidros nas cantinas da

Universidade, cantar músicas badalhocas a chamar-me puta a mim própria... não via sentido nenhum em orgulhosamente usar o tal traje de estudante.

Mas vivi esses primeiros tempos em Coimbra como uma boémia, a seguir o veterano Doutor Pardal que vivia em minha casa, quem me ajudou nos primeiros meses aqui. Eu andava com ele e com os amigos, levavam-me aos tascos e, pelo menos, assisti a conversas interessantes, discussões engraçadas com pessoal de História, de Arqueologia, eles tinham uma tertúlia. Foi com eles que conheci Coimbra, que conheci a praxe, a de “p” grande e a de “p” pequeno. Foi também com eles e com os amigos praxistas deles (alguns pertenciam ao conselho de veteranos) que aprendi a argumentar contra ela. Fui praxada, uma vez, deve ter sido por altura da Latada. Tive num jantar de curso, um jantar a que uma colega me convenceu a ir para conhecer o pessoal. Andei às voltinhas, dancei com as mãozinhas no ar, andei com sapatos trocados, de mão dada (como no infantário). Lá fui eu a um jantar de curso, comi com as mãos, eu fiz as praxes todas, lá o que eles pediram, era só cantar e fazer umas coisitas porque é “só”, é sempre só uma coisita assim de nada! No final do jantar era o concurso de Miss e Mister Caloiro. Quando estava a desfilar, quando dei a voltinha... parece que o meu cérebro abanou e pensei “O que é que tu estás aqui a fazer? Quem és tu? Ui! Espera aí, não sou eu!”. Peguei nas minhas coisas e fui-me embora. Foi isto. Peguei nas minhas coisas, fui-me embora. Tentaram praxar-me em casa, e mais vezes,... sem sucesso!

Entretanto tentei entrar para o Kimbo dos Sobas. Eu era comensal já na casa. Havia mais raparigas comensais. Tentei concorrer à casa como elementa e havia uma série de apoiantes, mas o Mor era o Lawrence e o Lawrence não queria, por nada, que uma mulher entrasse na casa. E a última palavra é sempre do Mor. Havia uma regra explícita em casa que era “Não entram mulheres”, como aliás, na maioria das Repúblicas em Coimbra. Mas a experiência no Kimbo fez-me conhecer outras realidades e pessoas. Nessa altura o meu grupo de amigos passou a integrar estudantes europeus e africanos que vinham estudar em Coimbra. Frequentávamos a associação académica, tanto as secções como o bar, festas de Erasmus, de Repúblicas e as festas africanas. Pela primeira vez apercebi-me e lidei com realidades tão diferentes da minha e que vieram a moldar algumas das minhas opções políticas, algo polémicas, como a prostituição de jovens universitárias, maioritariamente africanas. O meu in-

gênuo fascínio por África concentrou-se nas histórias das suas mulheres. A realidade da marginalidade a que muitas mulheres se têm que submeter, o racismo, o aborto, a xenofobia, o sexismo, as políticas e os caciques, os partidos e as jotas... tudo entrou de repente na minha vida.

*O Solar Marias do Loureiro era na altura, de esquerda,
sensível à causa feminina e feminista e anti-praxe.
Nós eramos o bastião anti-praxe em Coimbra.*

Conheci a Rita, que era de Antropologia e vivia na República das Marias do Loureiro. Foi ela quem me disse, e convenceu, a ir experimentar jantar e conhecer as Marias. Lá fui eu jantar. Já tinha ouvido falar das terríveis Marias, tanto no Kimbo como noutras Repúblicas que passei a frequentar. As putas do Loureiro, as marias putas, as freiras, as fufas! Estava assustada, confesso. Queria tanto ser Maria que estava amedrontada! Só pensava que me iam odiar, que não era material para Maria, mas queria tanto...! Isto foi logo depois da Queima das Fitas, ainda em Maio. Pedi à minha mãe para me aconselhar como é que eu me havia de comportar dentro de uma República que era feminista, de gajas, de mulheres que todos odiavam e admiravam tanto. Gajas que eram, (finalmente!) contra a praxe, gajas aguerridas. E eu estava um bocado em pânico. E... a minha mãe parece ter sempre compreendido que era ali o meu lugar. “Mas tu és uma mulher, e forte, também!”, dizia-me. Correu tão bem o primeiro jantar que me convidaram para ir fazer um almoço. Pedi as instruções à D. Fernanda, cozinheira do Kimbo, quem me dizia que eu era maluca a querer integrar aquela casa de putas malcriadas que não sabiam comportar-se como mulheres! Em todas as outras refeições, recorri à ajuda da Lurdes Modesto!

As Marias eram um exemplo completamente diferente do Kimbo dos Sobas. Lá no Kimbo dos Sobas chegavas, tinhas a mesa pronta, tinhas a cozinha toda lavada, arrumada, tudo direitinho, tudo a postos para os meninos se sentarem e comerem. Nas Marias não, nas Marias via-se uma cozinha mais desarrumada, o pessoal a participar e a fazer, a ajudar na refeição, ajudar a pôr a mesa, a tirar a mesa, o ritual de toda a gente junta, depois ir para o café do Zé, tomar café todas juntas, para depois nos separarmos novamente. As Marias eram um exemplo diferente de todas as outras. Claro que cada casa tem a sua particularidade ou políticas, não há duas iguais, mas

nós, orgulhosamente Marias, destacávamo-nos, sempre. O Solar Marias do Loureiro, era na altura, de esquerda, sensível à causa feminina e feminista, e anti-praxe. Nós eramos o bastião anti-praxe em Coimbra. Eu quando cheguei fiquei fascinada com a quantidade de reportório que tinham, a diversidade de acções e actividades que desenvolviam e lideravam. Debates, ciclos de cinema, concursos de poesia, exposições, em colaboração ou não com outras repúblicas ou professores. E posso agora contar um bocadinho da história das Marias do Loureiro, e da minha lá...

Surge em 1983 como casa comunitária pela força e dinâmica de quatro Marias. E o nome, pensado ou não, ficou: Marias, afinal o nome comum, colectivo, das mulheres portuguesas! Viviam numa casinha mais pequenina no número 62 da mesma rua. Nas fotografias parecia uma casinha de bonecas. Mudámos para a casa em frente em 1998 com a ajuda do Dr. Luzio Vaz, no primeiro andar. A casa passou a Solar em 1993 e a República em 2003. Foi muito complicada a passagem a República, embora estatutária do Conselho de Repúblicas (CR). As Repúblicas têm voto. As casas comunitárias e os solares não. Não têm direito ao voto ou, no caso, ao veto – o Conselho de Repúblicas decide sempre por unanimidade.

Quando entrei na casa, ir aos CRs era estranho! Nós tínhamos direito a opinar, falar, discutir, mas era-nos vetado o direito a votar. Não tínhamos direito a decidir sobre nada. Em 1998 isto foi dramático porque as Marias pressionaram o CR para assumir uma posição a favor do aborto e foi, desde aí, que se tornou claro que nos deveríamos comportar e fazer respeitar de outra forma, aproveitando o nosso papel de República de Coimbra, definindo e assumindo, enfim, um novo papel para a nossa casa. Impôs-se que nos virássemos mais para fora das Repúblicas, e do meio estudantil, da própria Universidade, de Coimbra. E eu entrei nessa fase. Sempre fomos uma casa extremamente activa, apesar das críticas. Isto de sair para fora, de construir um outro papel para a nossa República, criou uma magoazinha invejosa nas outras Repúblicas, e as críticas continuaram. Isto foi importante para nós porque crescemos muito e aprendemos muito. Eu aprendi.

E a experiência não era só as acções e reivindicações. Essa experiência rica de que falo é também a experiência de viver em comunidade, de partilhar, a experiência do quotidiano dentro da casa. Algo que nos diferenciava, é uma diferenciação importante,

era o tipo de organização comunitária que nós tínhamos. Era um tipo de organização feminina e feminista, que ia desde a partilha das refeições, à opção de, ao contrário de quase todas as outras repúblicas, não termos uma empregada. Ideologicamente, e porque assumimos uma consciência social e política específica, para nós era impensável ter uma empregada, uma mulher cozinheira, a quem pagássemos para fazer as nossas tarefas. Dividíamo-nos, para as fazer. Outra diferença era a forma como nós dividíamos essas tarefas. Era uma divisão realmente igualitária. Dividíamos as contas da casa por pessoa, cada uma de nós tinha a seu cargo uma conta fosse ela da água, da luz, do telefone. Nunca tivemos estatutos! Éramos uma República de mulheres, nunca tivemos ou precisámos de regras. Elas impunham-se, mais ou menos, conforme as novas pessoas que chegavam e o tipo de vivência e partilha passava muito por aí. Cada mulher que entrasse, por cada mulher que fosse eleita elementa, a casa mudava e transformava-se, um bocado de acordo com essa pessoa. A distinção entre “elementas de casa” e “não elementas de casa” nunca foi uma coisa tão estanque ou tão hierárquica ou tão fixa que impedisse as novas pessoas de falarem, de darem opinião ou de votarem, sequer. Nas outras casas já não era bem assim. Na casa houve muitas transformações, obviamente. Entram umas, saem outras. Isto é o processo normal e impõe-se que aconteça, só assim cada casa desenha a sua história, cada República se constrói e desconstrói.

Nas Marias, ao longo dos anos em que fui elementa, passámos de ser uma casa sensível à causa feminina e feminista, para sermos uma casa feminista, contra a praxe, mas sempre genericamente de esquerda! E isto implicou transformações que não só refletiram novas ideias de coletivo e do papel da nossa República, que quisemos ver transformada também enquanto centro social e ativista, mas também a maturidade e os tipos de transformação de cada uma das elementas, da própria vivência e aprendizagem da casa. Individualmente, ela foi reflexo das minhas experiências e vivências em Erasmus: Coletivo Zapatista em Barcelona e o movimento Okupa.

E por isso é que eu dizia que cada vez que alguém entrava lá para casa mudava um bocadinho a casa. A estrutura base mantém-se sempre. A comunidade mantém-se sempre. O tipo de organização nunca mudou, nem nunca foi preciso mudar porque já vinha das Marias, já era Marias! E sempre foi muito, muito feminina. É porque

as nossas referências são femininas. As nossas referências são de mulheres. A nossa experiência de ser mulher, de estar com este corpo no mundo, com as mamas, sem um pénis no mundo, o tipo de vivência que nós temos, obviamente, é diferente, e nós aprendemos a experimentar isso muito cedo e a integrá-las no que somos.

*Era chegada a altura de nós sermos, finalmente,
uma República. Eu sentia-me como uma sufragista*

Num Conselho das Repúblicas, para falar era muito difícil. Um dos conselhos que uma mulher que vivia noutra República me deu foi “Tu quando tiveres que falar em CR tens que gritar! E grita muito alto! Porque se não eles não te vão ouvir... as vozes graves abafam a nossa voz aguda”. Não interessava os argumentos, a opinião, ou conquistar respeito. Para nós, o CR foi uma aprendizagem, chamavam-nos histéricas...poderá! [...] Eu aprendi a ter que gritar muito alto e a NUNCA ME CALAR! NUNCA ME CALAR! Porque não era só a minha opinião que estava em jogo. Era o respeito pela opinião de todas nós. E eu nunca me calei. E, com o tempo, conquistámos um espaço naquelas reuniões, um espaço para falar, um espaço para dizer de nós. Nós sempre confiámos que a pessoa que ia ao CR, representar-nos, levava a nossa opinião, ou seja, ela não me ia representar, ela ia dizer aquilo que eu queria dizer também. Sabia que essa pessoa expressaria a minha opinião e, lá está, eu quando fui representá-las, as Marias, eu sabia que eu estava a falar pelas Marias. E eu sei que as Marias confiavam sempre na minha opinião e foi por elas, todas elas, que ajudei a conquistar o nosso espaço.

Estatutariamente, no CR, um Solar passa a República, ou seja, passa a ter direito a veto, depois das outras Repúblicas reconhecerem que participou em CR, como Solar, foi interventiva e passaram x anos em que aquele comprovou ser um bom contributo para aquilo que é o CR. Era chegada a altura de nós sermos, finalmente, uma República. Eu sentia-me como uma sufragista, na altura. Às vezes, por mais que a gente berrasse, por mais que nós falássemos, no final, a nossa opinião não era contada. E muitas vezes nós tínhamos opinião diferente no CR inteiro. E não era porque não podíamos votar que não a tínhamos ou a defendíamos. A Rapo-Tacho, na altura, apadrinhou-nos e propuseram um CR para decidir a nossa passagem a República. Nesse CR... se já éramos feministas, se já tínhamos dado o pulo para o feminismo, então aí...encrudescemos! Então aí torna-

mo-nos MESMO feministas, passámos do sufragismo ao feminismo. Nós fomos vetadas nesse primeiro CR de passagem a República. Os argumentos, em suma, eram que nós por sermos mulheres, por sermos as Marias do Loureiro, por defendermos políticas e posicionamentos feministas e não admitirmos homens em casa (repare-se que a maioria das repúblicas em Coimbra não admitiam mulheres na altura!) não merecíamos ser República. O argumento tão ferozmente defendido contra era tão somente este: nós, Marias, éramos só mulheres. Este foi um argumento defendido, infelizmente naquela altura, pelas nossas companheiras, de outra casa de mulheres, as Rosa Luxemburgo.

Nesse momento, já se lutava em Portugal pelo direito ao aborto digno e foi abordado como uma questão de saúde pública, contra a marginalização e perseguição às mulheres que o tinham praticado. Fomos para as portas dos tribunais manifestar-nos. Foi quando, pela primeira vez, senti a importância e diferença “mais a sério” em ser mulher, não uma cidadã de pleno direito, uma diferença que interferia com o nosso corpo, a nossa saúde e vida. Este assunto afetava cada uma de nós, por diferentes razões e motivações e lutamos juntas contra a inoperatividade e desprezo da Associação Académica, de outras Repúblicas, da sociedade em geral. Foi a que considero como a minha primeira acção de luta significativa enquanto feminista.

Ser contra a praxe era uma acção militante e activista

Virámos uma casa feminista, de esquerda e CONTRA a praxe académica em Coimbra, a favor da despenalização do aborto. Esta foi uma das nossas mudanças, e foi radical! Já não éramos anti-praxe, éramos contra a praxe. E o ser contra a praxe, na altura, esta distinção de anti e contra ainda não estava definida. O anti-praxe era, para nós, não entrar na praxe, negar a legitimidade da mesma ou do Conselho de veteranos ou, simplesmente, não querer saber. Ser contra a praxe era uma acção militante e activista contra a praxe académica em Coimbra.

Em 2003, assinámos, construímos e redigimos o Manifesto Contra a Praxe a nível nacional, com os Antípodas do Porto, com o M.A.T.A de Lisboa e... nós. Nós que éramos, e sempre fomos e até hoje acho que ainda somos, o movimento contra a praxe em Coimbra. É assim que o Movimento Contra a Praxe em Coimbra é feminista e tem uma organização feminista também em todos os colectivos ou plataformas que

foram surgindo porque nós, as Marias, estávamos sempre na sua génese e organização, e porque nós eramos inevitavelmente a referência. Tenho que referir o Bando de Nós Contra a Praxe, ou a P.A.P.A. (plataforma anti-praxe académica), as fanzines e os panfletos, mencionar os debates, as acções de rua, as caças às trupes, as tentativas e acções de interrupção de praxes espontâneas ou planeadas de entre algumas das nossas actividades.

Estas acções e tentativas de consciencialização relativas à praxe são consequência das nossas acções e militância e intervenção nas políticas do país e particularmente naquelas relativas ao Ensino Superior. Tentámos ter um papel muito activo e participativo na Academia e na defesa dos nossos direitos.

Em 2004, foi o culminar daquilo que já se vinha a prever ser um dos maiores ataques ao Ensino Superior público, e é quando assistimos, pela primeira vez, em anos, a uma reconstituição de um movimento estudantil, que sei, ajudámos a reanimar com acções diversas. Nesse ano, especificamente, organizámos, com o Conselho de Repúblicas, a invasão da Abertura Solene da Universidade de Coimbra por acharmos relevante encerrar solene e metaforicamente a Universidade e a 12 de Outubro de 2004 participámos na tentativa de invasão à reunião do Senado que ia aprovar, finalmente, a propina máxima para a Universidade de Coimbra. Foi uma data especial, marcou o movimento estudantil e marca a primeira vez que a Universidade chama a polícia e agride os estudantes e reprime os estudantes no espaço da Universidade, desde o 25 de Abril.

É muito difícil sumarizar e até conseguir contar todas estas vivências e experiências, uma história que, apesar de ainda curta, terem tanto para dizer. Falo das minhas experiências em Coimbra, como a Cátia das Marias, ou tudo aquilo que aprendi, pelo tipo de experiências que vivemos dentro de casa, nas outras casas, nas conversas, nas centenas de discussões, reuniões e argumentações, pelo tipo de colectivo e comunidade que quisemos construir e vivemos.

*Cada uma de nós tinha uma forma de ver, ser, sentir
e viver o feminismo, ou a comunidade, ou a experiência
de casa, de gestão, sempre diferente umas das outras.*

“Há muitos feminismos. Há tantos feminismos como feministas.” Para mim isto faz-me sempre lembrar, e faz-me sempre reportar, à minha experiência nas Marias do Loureiro. Cada uma de nós era uma feminista diferente das outras. Nas Marias aprendi o que é que era ser feminista, porque aprendi que, realmente, havia espaço para o feminismo de cada uma de nós. Cada uma de nós tinha uma forma de ver, ser, sentir e viver o feminismo, ou a comunidade, ou a experiência de casa, de gestão, sempre diferente umas das outras. Foi exactamente no meio das diversas diferenças, que ao longo da minha vida se vieram a compor, que aprendi. Mas foi enquanto Maria do Loureiro, e ao longo da minha formação académica, pelas ruas de Coimbra e nos meandros de muitos livros que aprendi a atribuir-lhes o significado significativo que têm na experimentação do mundo. Sou uma feminista da diferença. Apliquei as minhas diversas vivências academicamente também. E aprendi a lidar com elas positivamente nas Marias, a viver com elas, a saber aprender com elas.

Aquilo que eu queria desenvolver no Doutoramento era (...) uma teoria feminista para todas as outras ciências e para a nossa vida quotidiana, que nos possibilite construir (...) um mundo feminista, um mundo de mulheres também.

As Marias ajudaram-me a ser quem eu sou e a crescer como nunca me imaginei crescer. Sempre apliquei o exemplo das Marias no tipo de feminismo que defendo e estudo. Isto, em Antropologia, um mundo só de homens também, tentei sempre escrever e dizer como mulher acerca das nossas experiências e conquistar esse meu, nosso, espaço introduzindo questões feministas. A minha tese de Licenciatura é exactamente uma tentativa de trazer à Antropologia o feminismo. O feminismo e a diferença sexual. O ser mulher. Eu nunca tive medo de dizer, e eu quero dizê-lo com toda a voz e propriedade: “Eu sou uma mulher!”. Entretanto também integrei o Mestrado de Estudos Feministas. Não acabei o Mestrado, fiquei pela pós-graduação. Como tinha muito boas notas entrei para Doutoramento mas não tive bolsa e tive que desistir da Academia, para já. Fui trabalhar. Trabalho num mundo de mulheres, o das lojas de shopping! E este é um mundo completamente diferente daquele que eu estava habituada. No meu trabalho e aquilo que eu queria desenvolver no Doutoramento era um feminismo teórico e prático, uma teoria feminista para todas as outras ciências

e para a nossa vida quotidiana, que nos possibilite construir um mundo onde nós caibamos. Um mundo feminista, um mundo de mulheres também. Porque é. Nós só não estamos é incluídas nele ainda. Eu gostava, realmente, de desenvolver trabalho nessa área! Também gostava de ser sindicalista agora das lojistas! Pode ser que seja o meu próximo passo!

*E eu quero continuar a fazer isto na minha vida.
Reivindicar que aqui dentro, aqui dentro deste corpo
não há espaço para opressões, medos, indignidade.
Mais que isso, quero poder ensiná-lo!*

Neste momento estou grávida! E revejo-me tantas vezes e em tantas situações naquilo que estudei e só vi em teoria como no tipo de opção para o parto, inexistente no nosso país, a perda de identidade de mulher para passar à “mãe”, à “grávida”. Ou enquanto jovem licenciada desempregada em situação de dependência e marginalidade social. Ou agora, como trabalhadora assalariada num mundo de trabalho de mulheres privadas do direito a serem mulheres, em que presencio despedimentos por gravidez, por exemplo e o atropelamento contínuo de direitos. O 8 de Março impõe-se como uma data reivindicativa mais do que nunca! O direito aos nossos corpos também! O nosso corpo continua a ser político.

Continuo activista e a querer integrar uma plataforma que me permita reivindicar direitos específicos, aliás, o meu medo quando saí das Marias era emudecer e ter que me calar! Eu não estou habituada a lutar sozinha, eu estou habituada a ter uma rede por trás, a ter um colectivo, a ter um suporte, a ter as minhas amigas a darem-me força. E, no mundo do trabalho tudo é diferente. Nós sentimo-nos mesmo sozinhas a lutar contra uma série de opressões, contra a ganância de patrões, enfim se calhar temos que ouvir mais aquelas mulheres operárias, mais aquelas mulheres de força e luta, que, tanto nas pequenas como nas grandes lutas, nos podem ensinar mais. Precisamos criar redes maiores e dar segurança àquelas que se vêm privadas de amigas, colectivos e suportes. Nas Marias sentimos isso numa determinada altura. Nós, apesar de sermos uma República feminina e feminista em Coimbra, precisámos de nos juntar, de agregar lutas, de outras forças. Juntámo-nos à UMAR, ainda na minha altura e, mais recentemente, à Marcha Mundial das

Mulheres. O mesmo aconteceu com as plataformas anti-praxe que integramos ou com a Não te Prives.

Cada vez que nós entrávamos dentro do espaço das Marias nós dizíamos sempre isto: “Cada vez que entras aqui dentro de casa, entras num espaço de liberdade. Um espaço não homofóbico, num espaço não sexista, num espaço de igualdade. Em reunião de casa, decidimos “Não vamos permitir, nunca mais, comportamentos machistas e homofóbicos aqui dentro de casa. Acabou. Expulsamos as pessoas. Sejam os nossos melhores amigos, sejam os nossos piores inimigos. Não há espaço para isto.” A partir daí construímos todo um mundo novo de Marias. E eu quero continuar a fazer isto na minha vida. Reivindicar que aqui dentro, aqui dentro deste corpo, não há espaço para opressões, medos, indignidade. Mais que isso, quero poder ensiná-lo! Ensinar como é que nós, mulheres, podemos passar do estatuto de vítimas para outra coisa. Passar para aquilo que também nos define como mulheres que é a luta. Eu lembro-me, tantas vezes, do exemplo das Zapatistas. As mulheres zapatistas são as primeiras a irem para a frente de batalha. As mulheres palestinianas são as primeiras a irem enfrentar os polícias e na frente de batalha. São as primeiras a irem para a frente. Nós somos essas mulheres também. Eu tento fazer isso na minha vida. Ensinada pelas Marias do Loureiro, sim. Não consigo dissociar o meu feminismo daquilo que é ser Maria do Loureiro.



DOMINGAS GONÇALVES, 62 ANOS,
OPERÁRIA, DELEGADA SINDICAL, PRESIDENTE DO CLUBE RECREATIVO
E DESPORTIVO DE MIRATEJO

As raparigas das gerações vindouras que não deixem perder aquilo que nós conquistámos. E que continuem a lutar para ter todos os direitos iguais aos homens, que tenham as mesmas oportunidades de trabalho, de lazer. E que sejam felizes. Façam por isso.

Vivo na freguesia de Corroios desde 1970, portanto há 34 anos. Vim para Almada em 1969, tinha dezasseis aninhos. Fui para a escola com sete anos. Fiz a quarta classe na escola da Sonega que é uma povoaçãozinha da freguesia do Cercal. Eu vivia nos montes mesmo, no campo. Estudava, ajudava a cuidar dos meus irmãos mais novos e ainda fazia tarefas no campo, no terreno do meu pai. Fazia o que podia: não podia carregar uma saca de cem quilos como o meu pai. Mas fazia e gostava, gostava muito de andar no campo a fazer as coisas com o meu pai.

Para aquela altura era uma rapariga rebelde

Com doze anos saí de casa e fui servir como empregada doméstica. Estive a servir em Sines. Aí passei uma adolescência muito feliz. Sair do campo para a vila já era outra coisa. Eu era uma rapariga que gostava de viver a vida, de passear, de conviver com amigos, com jovens da minha idade. Para aquela altura era uma rapariga rebelde, porque gostava de desafiar as coisas que naquele tempo eram proibidas para as mulheres, eram criticadas. E eu, com o meu espírito de liberdade, já nessa altura, não havendo liberdade, eu fazia tudo para a conquistar, para ser livre, para fazer o que queria. Dos doze aos dezasseis estive a servir na zona entre Porto Covo e Sines. Depois, aos dezasseis anos, vim para Almada também para servir. Arranjei um namorado de Corroios. Casei em 1970 e fiquei em Corroios depois de casada. Tenho duas filhas e dois netos.

Época de grande evolução industrial na zona

Quando me casei, inscrevi-me, praticamente, nas fábricas todas que aqui existiam. Foi numa época de grande evolução industrial aqui na zona. Fui trabalhar para a Automática Eléctrica Portuguesa, na altura Plessey Automática Eléctrica Portuguesa. Era [um trabalho] muito miudinho, mas eu gostava muito. Gostava muito. Fui trabalhar para uma secção onde se faziam as centrais telefónicas. O meu trabalho era ligar fios e soldar. Com a evolução que houve do material eléctrico passou daquelas centrais electromecânicas para a electrónica - os circuitos impressos - e foi uma evolução muito grande ao longo dos anos. Trabalhei ligada ao ramo trinta e seis anos. Com o desmantelamento da Automática foram criadas novas empresas e eu optei sempre pelo posto de trabalho, nunca aceitei indemnizações para me ir embora. Passei por várias empresas todas do ramo do material eléctrico e electrónico até 2007, quando a última faliu. Esses anos todos foram anos de muita luta pelo posto de trabalho.

Foram anos de muita luta pelo posto de trabalho

Foram trinta e seis anos. Fui delegada sindical muitos anos, fiz parte de todas as lutas que houve no desmantelamento da empresa e na criação das novas empresas. Sempre lutando pelo posto de trabalho, pelo meu e de todos os meus colegas. Infelizmente quem ganhou foi o patrão, como sempre. Fizeram o que quiseram. Puseram muita gente no desemprego. E finalmente, ainda fui para o desemprego aos cinquenta e seis anos. Estive no desemprego até ao final e depois passei à reforma por ser desempregada de longa duração. Nesse espaço [de tempo] fiz ainda um curso no Centro de Emprego. Um curso para nada. Eu já tinha quase sessenta anos. Disse logo ao doutores que não valia a pena o Estado investir em mim porque eu não tinha idade já para ir desempenhar aquelas funções. Seriam umas funções que eu gostaria muito de desempenhar porque já estava ligada a elas na empresa, que era higiene e segurança no trabalho; no meu trabalho pertencia à Comissão de Higiene e Segurança. Agora uma coisa são aqueles cursos que o Sindicato dá, que é o básico para um curso de Técnica de Higiene e Segurança do Trabalho em que sem tem disciplinas de leis, técnicas, matemáticas, várias disciplinas que eu gostei porque quando me entrego às coisas é para fazer. Sabia que aquilo não me ia dar para nada mas eu gosto de saber. Dediquei-me ao curso, trabalhei muito para tirar o curso, só que nunca o usei. Quem me dava trabalho aos sessenta anos? Ninguém. Fiz o estágio, gostei muito de fazer o estágio, na construção civil. Não me importava nada de ter ido trabalhar para a construção civil. Mas foi na altura em que a construção civil estava a cair e a empresa onde eu fiz o estágio já não tinha trabalho nem para os pedreiros, quanto mais para uma técnica de higiene e segurança. Fui para a reforma.

O Clube Recreativo e Desportivo de Miratejo, gerido por mulheres há quase vinte anos

Entretanto, eu já era sócia do Clube Recreativo e Desportivo de Miratejo, eu moro em Miratejo há vinte anos. E tivemos eleições. Já era uma mulher que estava à frente do clube que é gerido por mulheres há quase vinte anos, portanto no mandato anterior a mim, também era uma senhora que era Presidente, e como ela foi morar para outra zona, para longe, não tinha já possibilidade de aqui ficar. Como eu já estava muito ligada ao clube acabei por ser eu a encabeçar a lista. E há três anos que estou aqui à frente do clube. Além de toda a minha ligação política, o meu trabalho políti-

co, também pertencço a uma Comissão de Utentes da Saúde já desde 2009, penso eu. Socialmente faço o que posso.

*Tenho consciência que fiz, que contribui
para um mundo melhor. Isso eu contribui!*

Estive vinte anos casada e agora estou divorciada. Fui feliz, fui infeliz. É a vida. O meu lema é viver o presente. Esqueço o passado, não penso no futuro, vivo no presente. Vivo um dia de cada vez. Só lamento é uma coisa. É passar a minha vida a lutar por uma vida melhor, e também para que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e deveres. Para se ter direitos também tem que se ter deveres. E infelizmente vou morrer e não vejo aquele mundo que eu sonhei. Ultimamente temos visto uma regressão, um voltar ao passado, aquele passado contra o qual os nossos pais e os nossos avós lutaram muito e que agora a geração dos nossos filhos, infelizmente, talvez vá perder. As pessoas vivem muito dos bens materiais. Acho que há falta de solidariedade entre as pessoas. Cada um mete-se no seu canto, vive as suas vidas e não faz nada para melhorar a situação do nosso país, nem do mundo. Ao fim e ao cabo é o mundo inteiro que está revoltado. Eu sonhava acabar com as guerras e morro e o mundo continua em guerra. Mas tenho consciência que fiz, que contribui para um mundo melhor. Isso eu contribui! Se não consegui, outros no passado também não conseguiram.

*O aborto foi uma coisa que sempre foi feita,
sempre se praticou.*

As mulheres desde a década de sessenta foi sempre a evoluir e penso que continuam a evoluir. É essa a imagem que eu tenho. Felizmente! O aborto foi uma coisa que sempre foi feita, sempre se praticou. Toda a vida se praticou. Há histórias do passado incríveis. Havia mulheres no campo que simplesmente metiam um bocado de sabão pela vagina para abortar quando não queriam ter mais filhos, porque não tinham possibilidade de os ter. Portanto sempre existiu. E chegarmos ao século XXI e a mulher não poder decidir livremente que não quer ter um filho porque não tem possibilidades para isso, é inadmissível. Porque apesar de no nosso país ter deixado de ser crime ainda não é praticado facilmente. Uma mulher não chega lá e diz que pretende abortar. Acho que ainda tem muitos travões. Não é assim tão simples só se engravidar quando se quer. Porque há casais que têm uma probabilidade de engravi-

dar mesmo usando contraceptivos. Eu cheguei a engravidar usando contraceptivos. Eu não tinha possibilidade de ter esses filhos por isso, não me envergonho, de dizer que abortei. Tive os filhos que eu quis, que eu planeei. Claro, nessa altura em que eu os fiz, se tivesse sido apanhada se calhar era presa. O que é facto é que toda a gente sabia que se fazia. A Igreja Católica foi sempre um entrave para a legalização do aborto. Votaram contra, quando foi o referendo para o aborto, organizaram aquele movimento pelo Não, que era o Zézinho, que foi um escândalo aquele feto em boneco que utilizaram para comover as pessoas, para alcançar os objectivos deles, foram homens e mulheres da Igreja Católica. O aborto é uma decisão a dois, não é só um que decide. É um filho que é dos dois, tem que ser decidido pelos dois. Têm que chegar à conclusão que não têm condições, ou que não querem. A pessoa pode não querer pura e simplesmente. Não pode ser obrigada a ter um filho que não quer ter. Cabe à população não deixar que estas leis, que foram aprovadas, voltem para trás e que lutem por isso. Uma coisa é certa: o povo não pode deixar. Porque isto, no fundo, é sempre a Igreja Católica que intervém nestas coisas, que põe travões à liberdade de decisão das pessoas.

A nossa geração conseguiu muita coisa.

E espero que as futuras gerações consigam manter aquilo por que nós lutámos, que conseguimos, porque a nossa geração conseguiu muita coisa. Se nós fizermos uma retrospectiva da geração dos nossos pais para a nossa, há uma diferença espantosa. A geração das nossas filhas, dos nossos filhos nem lhes passa pela cabeça aquilo que nós passámos no nosso tempo. As raparigas das gerações vindouras que não deixem perder aquilo que nós conquistámos. E que continuem a lutar para ter todos os direitos iguais aos homens, que tenham as mesmas oportunidades de trabalho, de lazer. E que sejam felizes. Façam por isso.

As guerras entre homens e mulheres não nos levam a lado nenhum. Hoje as mulheres têm muito mais formação académica do que os homens e porque é que elas não estão em lugares estratégicos? Porque é que continuam a ser usadas? Eu penso que as mulheres têm mais sensibilidade para resolver problemas, tanto grandes como pequenos. Se uma mulher estiver à frente de uma grande empresa talvez consiga socialmente criar um ambiente melhor e resolver os problemas com mais sabedoria do que os homens. Não estou com isto a diminuir os homens, de forma alguma, porque todos fazemos falta neste mundo para fazer girar esta máquina.

Neste momento a democracia está posta em causa porque, ultimamente, e fazendo uma análise à situação, nós hoje ainda temos liberdade de falar, mas em termos económicos esta geração jovem, agora, está pior do que estava a nossa geração. Recordo-me que, quando eu tinha dezassete, dezoito anos, na altura em que me casei, foi quando deixei o emprego doméstico para entrar na indústria, eu dava-me ao luxo de despedir-me hoje de uma fábrica e amanhã já estava a trabalhar noutra. Eu trocava de emprego por cinco escudos. Trabalhei em vários ramos: antes de entrar na Automática trabalhei em fábricas de costura, trabalhei em fábricas de cortiça, mas foi tão pouco tempo que eu até no início não mencionei isso. O meu primeiro trabalho foi de facto na Automática mas depois saí. Tive uma fase em que saí de uma casa em que estava a servir e pensei ir para uma fábrica mas entretanto não tive meios para me sustentar, tive que voltar para a terra, isto ainda é 1969/70, isto foi tudo muito rápido. Tive ali pequenos percursos de vida. Voltei para a terra, para a casa dos meus pais, comecei ainda a trabalhar no campo, mas cheguei à conclusão que não era aquilo que eu queria e voltei novamente para cá e fui trabalhar para a Automática e estive lá só dois meses, porque depois não tive meios para me sustentar e fui servir novamente. Então quando me casei é que entrei na indústria a sério, numa fábrica de costura, só que chateei-me com o patrão: disse-me o que eu não gostava e eu não estava para ouvir o que ele dizia. Despedi-me.

A cortiça, era a única fábrica onde não faziam análises.

Despedi-me só que já estava grávida e então fui trabalhar para a cortiça. Era a única fábrica onde não faziam análises. Exactamente, faziam análises e se estivesse grávida não entrariam na fábrica. Isso hoje ainda é assim. Continuamos iguais. Então, como na fábrica da cortiça não se faziam análises, não se faziam exames médicos, a minha sogra trabalhava nessa fábrica, que era o Queimado e Pampolim, na Amora, e a minha sogra falou lá com o chefe e meteu-me lá. O trabalho aí era horrível. Eu chorava todos os dias. Porque estava grávida e passava os dias a vomitar por causa do cheiro da cortiça. Não aguentava aquilo. Depois de ter a minha filha voltei novamente para a Automática. Na cortiça, a repressão era tão grande, que nem podíamos ir lavar as mãos. O trabalho era muito duro. Eu era novita e estava na pior secção da fábrica. A minha sogra estava numa secção melhor, mas quem entrava, a juventude, ia toda para aquela secção, onde fazíamos bóias para os barcos, onde se prensava a cortiça; a cortiça era cortada às rodinhas e depois era prensada numas máquinas e se a gente se descuidava, queimava as mãos, ficava

com as mãos queimadas. E era muito sujo, porque era onde se pegava a cortiça ainda em bruto. E tinha um chefe que nos cortava a água para nós não irmos lavar as mãos. Recordo-me que nós éramos todas chavalitas, cheias de sangue na guelra, e então também fazíamos a vida negra ao chefe. Quando eram aí cinco e meia, nós saíamos às seis e não queríamos vir com as mãos pretas para a rua como é óbvio, as minhas mãos ficavam pretas, não havia luvas, não havia nada disso. Às cinco e meia nós começávamos a varrer a secção, nós é que tínhamos também que fazer a limpeza à fabrica, e então iam duas ou três, o lavatório era na rua não era dentro da casa de banho, a única coisa que era reservada era a sanita, o resto era ao ar livre. Havia um carreiro de lavatórios e nós íamos lá lavar as mãos e ele ia e fechava a torneira de segurança. Ora nós topámos, ia uma para o pé da torneira, escondia-se -porque ali havia muitas pilhas de cortiça, escondia-se atrás da pilha da cortiça, ele fechava a torneira, virava as costas, a outra ia abrir e as outras continuavam a lavar as mãos. Aquela meia hora era assim esta festa. Depois ele chegava aos lavatórios, chegava lá e já a água estava aberta, como é óbvio. Mas nós nunca fomos apanhadas. Havia muitos esconderijos, havia as pilhas da cortiça e dava-se a volta. Ele ia por um lado, a gente ia pelo outro. Com a nossa inteligência a gente conseguia dar a volta. Não gostei, mas foi uma experiência. Não gostei de lá estar mas se eu for dizer que me arrependo de lá ter passado, não. Porque felizmente posso dizer que até hoje não fiz nada de que me possa arrepender. Ou mal, ou bem. A fazer mal também se adquire experiência.

O 25 de Abril

Um dos dias mais felizes da minha vida foi de facto o 25 de Abril. Eu recordo-me, - ainda vivia com a minha sogra, ainda não tinha casa, até então eu já era casada mas não tive casa, não conseguia ter casa. Recordo-me que o meu marido ia para o trabalho muito cedo porque trabalhava em Lisboa e entrava às oito em Lisboa, saía de casa muito cedo. Eu trabalhava perto de casa, levantei-me mais tarde e recordo-me da minha sogra me ir acordar muito aflita a chorar, para eu não ir trabalhar, para não sair de casa e ainda foi à paragem à procura do filho, a ver se via o filho, para não ir para Lisboa porque ela foi a primeira a ouvir a notícia da Revolução. E aí então eu dei um salto da cama e “caraças o Salazar vai abaixo é o melhor que nos pode acontecer!”. O Marcelo, o regime salazarista, que já era o Marcelo Caetano, mas era o regime ainda do Salazar, com algumas melhorias mas poucas.

Eu recordo-me que dias antes do 25 de Abril, quando ia para o trabalho, andava uma avioneta a distribuir papéis e eu apanhei um papel, não o li no caminho porque apesar de não estar ligada à política já ouvia muitas histórias, que as pessoas eram presas, que não podiam falar contra o governo, contra o Presidente da República. Então eu quando li aquilo, já não recordo bem do que é que o papel dizia, mas dizia mal do governo português e eu fiquei toda entusiasmada com o papel e escondi o papel e levei-o para casa. À noite quando cheguei a casa ia para ler aquilo e a minha sogra e o meu marido entraram em pânico porque alguém me podia estar a ouvir. Eu, nessa altura, não tinha muito consciência daquilo poder ser um perigo, estar a ler um papel que era contra o governo. Eu ainda não tinha consciência nenhuma política nessa altura, mas tinha a consciência que era contra o governo que existia.

O dia 25 de Abril como é óbvio, foi para mim, eu sei lá, nem sei exprimir o que é que eu senti nesse dia. Quando a minha sogra me disse para eu não ir trabalhar nesse dia eu, como é óbvio, levantei-me logo. Fui a correr ainda com mais vontade para o trabalho. Cheguei ao trabalho e de facto os chefes tinham recebido ordens da administração para fechar a fábrica e mandarem-nos para casa. Nós entrámos às oito e às dez foi tudo para casa. Estava tudo eufórico. Recordo-me de ir para casa com aquela euforia toda para ouvir as notícias. Lembro-me que as pilhas nessa altura custavam cinco escudos e eu não tinha cinco escudos para ir comprar pilhas para pôr no rádio. E fui comprar as pilhas fiadas mas eu tinha que ouvir as notícias. E fiquei atenta o dia todo a ouvir as notícias. Se fosse hoje iria para Lisboa. Nessa altura não fui porque eu não tinha consciência.

Em 73, fui incentivadora da greve na minha secção

Sem querer já andava a colaborar com lutas, até sem saber, na fábrica. Fiz parte de uma greve geral, de uma greve na fábrica, de todos os trabalhadores, em 73. Fui incentivadora da greve na minha secção, porque quem estava a organizar a greve já devia se calhar ter confiança em mim e vieram-me dizer para eu dizer às minhas colegas, as que estavam perto de mim. Porque era complicado organizar uma greve antes do 25 de Abril. Foi muito complicado e admiro as pessoas que estavam à frente nessa altura. Só mais tarde, depois do 25 de Abril é que vim a saber quem eram os sindicalistas desse tempo, na clandestinidade. E recordo-me que eles me disseram: “Tu quando chegares, depois de almoço, [páras!]” aquilo foi parando sectorialmente, porque as secções não tinham o mesmo horário de almoço e nós fomos parando.

Conforme vínhamos do almoço, ficávamos paradas, no local de trabalho. E recordo-me que na minha secção fui eu que vim logo para a secção para me sentar e parar. Estavam mais duas ou três da minha confiança e parámos e a fábrica parou a 100%. Recordo-me dos chefes, - estava tudo nos postos de trabalho sem fazer nada, os chefes vieram pelo corredor, pareciam uns militares, também coitados não deviam saber o que é que estavam a fazer, e perguntaram: “Então minhas senhoras porque é que não trabalham?” E nós moita carrasco, nem um pio, ninguém falou. Aquilo foi uma pressão. E estivemos assim três dias, se não me engano. Acho que aquela greve durou três dias. Não tínhamos contrato colectivo de trabalho e conseguimos.

Mais tarde viemos a saber que estiveram as carrinhas da PIDE junto à fábrica para nos obrigar a trabalhar e prender meia dúzia deles possivelmente. Mas o director da fábrica era a nosso favor e ele impediu que a PIDE entrasse na fábrica dizendo, prometendo-lhes que nos ia pôr a trabalhar e de facto já não me lembro do desenvolvimento, como é que foi, mas sei que gradualmente, conforme parámos depois também em negociações com os delegados sindicais na altura, eles lá conseguiram qualquer coisa nas negociações. Neste momento não me recordo, foi há muitos anos e eu nessa altura não estava mesmo ligada ao Sindicato. Recordo-me que nós acabámos por recomeçar a trabalhar. Levantámos a greve, começámos a trabalhar mas conquistou-se [alguma coisa] com essa greve.

A seguir ao 25 de Abril comecei logo a interessar-me pela política

A partir do 25 de Abril, isso é que foi! A partir daí é que me liguei, não me liguei logo ao Partido Comunista, trabalhei com eles. Uma coisa curiosa: acho que as pessoas às vezes entram nas coisas sem saber porquê. Eu, a seguir ao 25 de Abril, comecei logo a interessar-me pela política, pelos partidos políticos que já existiam e os que nasceram nessa altura. Recordo-me que apareceu uma movimentação para criar a UDP que eu assinei, mas depois, li os programas dos partidos todos para as primeiras eleições, todos, quer dizer, todos à esquerda, porque havia os partidos ligados à direita, aos patrões, aos ricos e como é óbvio eu era pobre, na altura não tinha sentido nenhum ligar-me a partidos de direita. Li o programa do Partido Comunista, li o programa da UDP, li o programa do PS e de alguns outros partidos daqueles de extrema - esquerda, a OCMLP, pronto tudo o que era de esquerda, li tudo. Lia os da direita para saber algumas coisas mas sem interesse. Optei depois pelo Partido

Comunista. Apesar de ter dado o nome para a formação da UDP nunca cheguei a votar na UDP. No primeiro acto eleitoral que houve votei logo no PCP, no qual voto até hoje. Mais tarde acabei por me inscrever no Partido Comunista, comecei a trabalhar a nível sindical, fui monitora dos Pioneiros, uma organização de crianças, ligada ao Partido Comunista, que tinham tempos livres e colónias de férias; fui monitora dos Pioneiros de Corroios. O engraçado disto foi que quem me levou para ser militante do Partido Comunista foi a minha filha mais velha. É curioso, apesar de eu andar já a trabalhar com os meus camaradas da fábrica a nível das lutas na fábrica, porque eu andei nas lutas todas que houve na fábrica, tanto antes como depois do 25 de Abril, nunca me tinha ligado, nunca tinha sido militante porque o ser militante do Partido Comunista exige muito trabalho, e eu não tinha condições para isso porque tinha duas filhas pequenas e tinha muitas exigências do meu marido, pelo que, de facto, não podia ingressar no Partido nessa altura. Mas a minha filha aparece-me um dia em casa a dizer que queria ir para os Pioneiros e eu nessa altura não sabia bem o que é que eram os Pioneiros. Eu conhecia os Escuteiros, os Pioneiros não. E fui saber quem eram os Pioneiros. Ela tinha amigas na escola que eram dos Pioneiros e queria ir para os Pioneiros. Eu fui com ela saber quem eram as pessoas dos Pioneiros e quando lá chego era o Partido Comunista. Tudo bem, ela foi. Entretanto eu tinha uma pequenina mais nova que queria ir com a irmã mas ela era tão reguila, tão reguila que eu não a confiava a ninguém. Comecei a ir aos sábados à tarde quando eles estavam lá na sede a fazer os trabalhitos. Comecei a ir também para levar a pequenina que dizia que queria ir para os pinheiros porque ainda não sabia dizer Pioneiros. Entretanto houve uma monitora que se foi embora e eu já andava a trabalhar com eles, já saía com eles, já andava a colaborar, sem ser militante, e, convidaram-me para ser monitora, mas aí já implicava ser militante do Partido e foi assim que eu me inscrevi no Partido. Depois nunca mais deixei de ter cargos de responsabilidade. É assim. Já fiz parte de listas da CDU para as autárquicas. Neste momento fui eleita para a Assembleia de Freguesia. Enquanto eu tiver perninhas para andar irei sempre ao desfile do 25 de Abril, em Lisboa. Porque é um dia inesquecível para mim.



IRENE RODRIGUES, 68 ANOS. EX-LIVREIRA

O meu gosto pelos livros começou no Montijo com as bibliotecas itinerantes da Gulbenkian

Era uma escola mista, em que os rapazes e as raparigas não podiam conviver nem no recreio, tinham de estar separados

Nasci há 68 anos no Montijo, mas, perto dos 18 anos fui estudar para Lisboa. No entanto, continuo a ter a minha família toda no Montijo e por isso ainda hoje lá vou frequentemente.

A terra onde nasci é hoje cidade, mas, na altura, era uma vila muito conservadora e marialva. Tinha alguns grandes polos de emprego: uma fábrica a Isidoro que empregava dezenas e dezenas de homens e mulheres e a Mundet que era a fábrica da cortiça. Morava relativamente perto para ouvir os toques das entradas e saídas das fábricas e quando ia para a escola tinha de passar perto da fábrica do Isidoro, passava na mesma rua e via aquelas dezenas e dezenas de pessoas que trabalhavam nessa fábrica. O apito era uma coisa que se ouvia em quase todo o Montijo. A Mundet era mais distanciada da minha casa. Eu era muito jovem, mas contactava muito os vizinhos e as vizinhas; a maior parte era gente operária. E lembro-me de ouvir com alguma frequência dizerem “olha o tio Manuel foi preso; esta noite vieram buscá-lo...”. Era o terrível cabo da GNR que ia buscar as pessoas. “Olha, vieram esta noite buscar a D. Maria das Dores”, mas porquê, interrogava-me. Depois comecei a perceber - eram pessoas do Partido Comunista, eram operárias, operários; de facto tudo aquilo tinha a ver com a política e prendiam pessoas, isto antes de 1974.

Quando era miúda lembro-me de ir frequentemente ao cinema Joaquim de Almeida no Montijo que é um cinema enorme. Nós éramos pequenos e gostávamos de ver os filmes do Joselito e da Marisol.

Não havia liceus oficiais, apenas um liceu particular e, por isso, fui fazer a admissão ao liceu a Setúbal. Entretanto, abriu uma Escola Industrial e Comercial no Montijo, para evitar ir todos os dias para Setúbal, acabei por ficar nessa escola, que tinha dois cursos: o curso comercial e o curso de formação feminina; para mim, eram ambos muito estranhos, mas entre o comercial, que seria sobre contabilidade, que não me apetecia, matriculei-me na formação feminina. Era uma escola mista, em que os

rapazes e as raparigas não podiam conviver nem no recreio, tinham de estar separados, e só podíamos conversar com os rapazes a cem metros de distância da escola, porque se uma professora ou o diretor nos encontrasse podíamos ser castigadas. Isto para dar uma imagem do que era o Montijo nessa época! Mas, como o que eu queria era estudar química, acabei por vir para Lisboa perto dos 18 anos. Tinha de fazer o exame ao Instituto Industrial para poder entrar no Técnico (IST), pois era preciso obter equivalências por não ter frequentado o ensino liceal. Passei no exame, mas depois, por motivos da minha vida, tive de começar a trabalhar. Por isso, não podia estudar de dia. O Instituto Industrial ainda veio a abrir um curso à noite, mas só para alunos que trabalhassem num ramo de acordo com o curso que escolhiam. Aí, eu disse “basta” e abandonei os estudos.

A “Livrelco” foi a minha escola política

Em 1967, fui trabalhar para a LIVRELCO, que era uma Cooperativa Livreira de universitários muito importante. Vendia em exclusivo aos seus sócios e sócias, com grandes descontos. Lembro-me de que um dos livros de medicina - o célebre Rouvière [*manual de anatomia*], por exemplo, em três volumes, era caríssimo - os estudantes tinham assim a oportunidade de obter os livros muito mais baratos. Por outro lado, a Livrelco foi a minha escola política. Foi muito importante, porque embora eu viesse com alguns conhecimentos, eram muito ligeiros e sem grande consciência política e é aí, com o Maio de 68 e o grande activismo político das pessoas à minha volta, que começo a abrir os olhos de outra forma para estas questões. Acho que foi na Livrelco que, durante muitos anos, fiz a minha militância política. A Cooperativa tinha, além do mais, um papel muito importante na divulgação dos livros proibidos pelo regime. Não tínhamos edição, não éramos editores, tudo o que pedíamos vinha do estrangeiro, como por exemplo, as publicações sobre o Maio de 68. Tínhamos acesso às editoras estrangeiras que nos mandavam os livros. Com frequência, os livros não chegavam porque os pacotes ficavam na Alfândega [apreendidos pela PIDE]. Eram abertos, não eram devolvidos, portanto isso também era prejuízo para a Livrelco. Também, conseguíamos obter os livros portugueses que eram proibidos. Tínhamos contacto com edições francesas, vendíamos muito a edição francesa da *Maspero*, os diários do Che Guevara, do Fidel de Castro; tudo aquilo que nós encomendávamos

ao estrangeiro recebíamos, quando a PIDE o permitia, quando a censura não os apreendia na Alfândega, como já disse. É evidente que com frequência os livros estavam escondidos, tínhamos apenas um exemplar à venda.

Ao longo dos anos, tivémos várias visitas da PIDE, que levava os livros considerados perigosos (no aspeto político, no aspeto sexual...). Os pides que lá iam, de uma forma geral, era gente pouco instruída. Levavam uma listagem. Eles sabiam lá quem era o Wilhelm Reich!, não sabiam mas estava ali escrito. Na nossa sala de trabalho tínhamos um poster do Che Guevara, eles iam tiravam o poster e nós tornávamos a colocar outro. Um dia vão lá dois pides fazer mais uma apreensão. Começámos a importar livros em língua portuguesa das Edições Mir de Moscovo que editavam as obras do Lenine, e também livros técnicos, indicados por algumas faculdades, que estavam em exposição. Quando eles passam por um dos expositores param e diz um para o outro “Ah!, Manual do Betão Armado? Edições Mir de Moscovo, ah! armado e Moscovo isto deve ser perigosíssimo!”, e lá foram apreendidos todos os exemplares.

A Cooperativa mantinha também uma atividade cultural muito importante: os chamados sábados culturais. Foi aí que contactei pela primeira vez com a Natália Correia, com o Ary dos Santos, que participaram em algumas dessas sessões. A Livrelco, sobretudo as suas direções, eram pessoas de esquerda. Quando comecei, participava com eles, eu que na altura nem estudante era. Lembro-me perfeitamente de irmos para a Faculdade de Medicina passar ao *stencil* os comunicados de denúncia da guerra colonial, da situação política, dos presos políticos. Depois, andávamos à noite, a colocar os comunicados nas caixas de correio.

*Havia muitas mulheres na Livrelco,
mas as direções eram normalmente de homens*

À Livrelco é que eu devo, de facto, parte da minha formação política. Nós sempre tivémos à venda *O Segundo Sexo* da Simone de Beauvoir. A primeira vez que o li, foi comprado na Livrelco. Havia muitas mulheres na Livrelco, mas as direções eram normalmente de homens. Contudo, ao nível da equipa de trabalho éramos sobretudo mulheres, umas tinham uma consciência política mais forte e falávamos entre nós e com

quem contactávamos. Lembro-me que havia uma pessoa, não vou dizer o nome – não interessa – era um elemento da Livrelco que falava comigo e com a Cândida, sobre o marxismo-leninismo. Portanto, costumo dizer que mais do que aquilo que fiz, eu estive em sítios óptimos, em períodos excelentes de acontecimentos deste país e do mundo.

Tínhamos nas direcções da Livrelco elementos que mais tarde se destacaram na vida politico-partidária. A cooperativa foi constituída por estudantes de agronomia que, na altura, eram jovens na sua maioria pertencentes ao Partido Comunista, depois foram entrando outras pessoas com outras convicções políticas e ideológicas. Quando cheguei à Livrelco estava lá uma trabalhadora - a Clara Jardim - mais velha do que nós com uma grande formação política, antiga militante do PCP. Foi ela que nos deu uma bagagem política que nós não tínhamos. Conheci o Nuno Portas, que era estudante de arquitetura. Aquela gente de arquitetura fez uma campanha interessantíssima para angariarmos mais sócios/as para a Livrelco. Quem me entrevistou, quando entrei para a Livrelco foi o então estudante Mário Lino. A Livrelco começou na Avenida Barbosa do Bocage e mais tarde mudou-se para a José Carlos dos Santos, muito perto da antiga Feira Popular. Começou a entrar também muita gente de Medicina e de Direito, nos órgãos sociais, já com os ML's começaram a existir grandes divergências... eram assembleias em grande disputa ideológica. Lembro-me do Arnaldo Matos, da Violante, do Carlos Paisana que ainda hoje é do MRPP e de quem sou muito amiga. Depois houve também outros que deram na AOC, na UDP, etc. Aquilo era de facto um mundo fabuloso. Havia pessoas como o Vítor Ramalho que está hoje no PS e que foi um grande amigo, o Zé Lamego, e penso que a Assunção Esteves também foi da Livrelco. Enfim, tínhamos um grande número de associados e associadas. Foi na Livrelco que conheci a Cândida Ferreira, a Manuela Góis e o Vítor Nogueira, essa amizade ainda hoje continua. Um dia temos de nos juntar e fazer a história daquela Cooperativa Livreira.

Entretanto, o Américo Tomás promulgou o Decreto 520/71 segundo o qual as cooperativas só podiam ter fins comerciais. A Livrelco, tal como outras cooperativas culturais que existiam na altura, não estava nestas condições. Era a forma de nos calarem de uma vez por todas. Depois de no ano anterior ter sido fechada e novamente reaberta, a Livrelco encerrou definitivamente em 1972.

Entretanto, tinha aberto a livraria Opinião, que ainda quis constituir-se como cooperativa, mas já não foi permitido. Do pessoal que criou a livraria, lembro-me do Carlos Porto, por exemplo, antigo elemento da Divulgação. Assim, em 1972, fui para a Opinião, porque tinha ficado no desemprego com o encerramento da Livrelco. Antes de 1974, esta livraria era o ponto de encontro de muita gente de esquerda. Situava-se no Bairro Alto, na Rua Nova da Trindade (o espaço ainda hoje existe, pertence às edições Cotovia), num meio rodeado de jornais, jornalistas, escritores...; O Conservatório também era ali perto. E ficava mesmo em frente ao jornal “A República”, outro centro nevrálgico das movimentações da época. Também foi muito visitada pela PIDE.

Tive conhecimento do 25 de Abril por uma amiga, que me telefonou a dizer: “Irene já ouviste a rádio, liga a rádio, vê o que está a acontecer”. É evidente que a minha preocupação foi despachar-me rapidamente para ir para a Opinião, que se situava perto do quartel do Carmo, e aí assistimos à rendição do Marcelo Caetano. A livraria Opinião, a partir daí, passou a ser o ponto de encontro de referência de muita gente que vinha do estrangeiro, refugiados políticos de outros países. Foi outra experiência fantástica. Porém, passados uns anos e acompanhando o país em geral, começámos a ter dificuldades financeiras. Não conseguíamos fazer face às despesas e a livraria acabou por ser encerrada definitivamente, penso que em 1981. Saí da Opinião um pouco antes desta fechar, porque tive um convite para ir trabalhar numa editora. Eu que antes só tinha tido contacto com os livros já depois de impressos, ia ter a oportunidade de estar na sua produção e assistir ao outro lado do livro.

Entrei para as Edições 70, em 80/81, para a parte editorial, outro período fabuloso. O grande trabalho, nessa altura, eram as co-edições feitas para os países de língua portuguesa. Portanto, lidávamos com imensos autores angolanos, moçambicanos, cabo-verdianos, guineenses... Conheci o Luandino Vieira, o Manuel Rui, o Craveirinha, entre muitos outros. Trabalhei aí três anos.

Entretanto, fiquei grávida, tive a minha filha em 1983. Ainda estava nas Edições 70 quando recebo um telefonema de um amigo a dizer: “A Livraria Bucholz precisa de uma livreira e eu pensei em ti”. E, assim, em 1984 vou para a Livraria Bucholz, que foi a melhor livraria deste país durante anos a fio. Além de livros, vendia discos, tinha

sido até há pouco tempo uma grande galeria. Foi também importantíssimo o contacto com as pessoas que por ali passavam. Trabalhei na Buchholz cerca de 20 anos.

A minha vida de desportista

Enquanto estudante fazia ginástica na escola, mas aquilo era uma coisa sem importância. Tive conhecimento que ia abrir o Clube Desportivo do Montijo e ia ter uma equipa feminina de basquetebol. Só que nessa altura eu vivia em casa de uns tios, porque os meus pais tinham-se separado. O meu pai estava em casa deste irmão que estava doente e eu acompanhei-o. Lembro-me de ter dito lá em casa “eu quero ir jogar, quero fazer parte desta equipa”. A minha tia, isto já lá vão muitos anos, conservadora, mãe de filhas muito bem comportadinhas, que seriam futuras donas de casa, reagiu logo: “não, nem pensar uma rapariga a jogar basquetebol de perna ao léu nem pensar, nem pensar». Portanto, fiquei frustrada com este não, mas não desisti.

Quando vim para Lisboa fui para a ginástica e tinha uma professora brasileira antiga campeã de basquetebol no Brasil. No final de cada aula de ginástica arranjávamos sempre uma equipazinha entre os homens e as mulheres para fazermos um joguinho de basquete. Um dia um senhor que era lá da ginástica vem dizer-me “o Sporting vai ter novamente equipa de basquetebol feminino. Eu gostava que fosses para lá”. Comecei a jogar basquetebol no Sporting, onde estive uns anitos, mas poucos, porque aqueles clubismos também me faziam alguma confusão. Depois fui para o CIF, que era o chamado Clube Internacional de Futebol, que apenas tinha futebol amador; tinha também basquetebol e era muito conhecido pelo ténis, tanto a nível de homens, como de mulheres. No CIF, clube cem por cento amador, tive oportunidade de jogar muitos anos, da minha equipa ser campeã de Lisboa em Basquetebol. O que mais me interessava era a prática do desporto, mas também era agradável termos estas vitórias. Fomos campeãs de Portugal, durante muitos anos e tivemos oportunidade de contactar com equipas estrangeiras, que eram muito melhores do que nós, bastava irmos a Espanha, não havia comparação possível, mas foi um grande enriquecimento também na minha vida, porque criei amizades que ainda hoje perduram, como criei na Livrelco e na Opinião.

Lembro-me da criação da UMAR e acompanhei muitas das suas atividades

Depois de Abril de 1974, participei em manifestações, por melhores condições de vida. Havia muitas mulheres nas manifestações que lutavam por melhores salários, creches para os filhos... E acompanhei desde o início, no meu entender, a organização que mais tem lutado pelos direitos das mulheres em Portugal: a UMAR.

Lembro-me da criação da UMAR, acompanhei muitas das suas atividades. Na luta pela interrupção voluntária da gravidez, por exemplo. Lembro-me do julgamento da Conceição Massano. Só tardiamente é que me fiz sócia da associação. E, como é que eu me reaproximo da UMAR? Também, através dos livros. Ia decorrer o Congresso Feminista em 2008, e uma amiga, a Maria Viegas, diz-me: “Olha, estive a falar com a UMAR, com a Manuela Tavares, que gostava muito de uma pessoa que pudesse tratar no Congresso de uma pequena exposição de livros”. A Maria respondeu à Manuela Tavares “não há problema, eu tenho uma amiga que é ideal para isso”. concordei: “Com certeza, estou disponível”. Em 2008 entro na UMAR finalmente como sócia e passo a ter um papel mais activo.

Sou mãe solteira por opção

Sou mãe solteira por opção, nunca quis casar. Vivi, tive companheiros, tenho uma filha que adoro, acho que sou uma mulher que não digo mal da vida. Fui sempre bem tratada, fui sempre bem amada. Fui mãe solteira, o pai da Mariana também queria ser pai. Eu é que fui anti casamento. A seguir a Maio de 68 achávamos que o casamento era uma uma coisa instituída contra a qual não estávamos de acordo. Cada pessoa deve fazer o que quer. Tem esse direito. Continuo a pensar do mesmo modo. A Mariana nasceu em 1983. Se eu fosse mãe solteira antes de 1974, não tinha direito à baixa de parto, por ser mãe solteira. Não pagavam a baixa de parto, nem tinha direito às horas para a aleitação. Não tínhamos direito a nada. Mas eu fui mãe solteira depois (25 de Abril). A Mariana e eu temos uma excelente relação com o pai.

Ficou-me na memória, quando eu andava a estudar no Montijo, portanto por volta dos meus 15 ou 16 anos, o caso de uma colega que apareceu grávida e aquilo foi um escândalo. Marcou-me muito a forma como a expulsaram. Ela foi viver com o pai da criança, mas expulsaram-na mesma, porque ela teve a ousadia de estar grávida na escola. Senti uma grande revolta na altura.

Quando ia ao Montijo, as pessoas que eu conhecia da zona onde vivi, perguntavam-me “então filha quando é que casas?” E eu respondia-lhes que não queria casar. Quando apareci grávida, tornavam a perguntar, quando é que eu ía casar. Eu continuava a afirmar que não queria casar. De facto, pertenci àquele movimento de contestação ao casamento. Acho que cada pessoa faz o que quer, cada mulher casa ou não casa, como quer e com quem quer.

A minha filha já foi à vida dela, tem 30 anos. Tenho uma grande relação ainda com irmãos – a nossa família está reduzida a isto, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas, sobrinhos netos, sobrinhas netas, de facto é uma geração muito mais nova. Tenho uma irmã mais velha, tinha outro irmão que morreu e tenho outros dois que são mais novos. Este é o relacionamento que eu tenho com a minha família. Vivo em Lisboa há muitos anos, eu vim viver para Lisboa mas durante uns tempos eu estudava em Lisboa e vivia no Montijo. Vinha todos os dias. Só que naquele tempo o barco demorava uma hora, às vezes mais de uma hora, era uma viagem, sobretudo no inverno, um bocadinho complicada, foi por isso que eu optei vir viver para Lisboa. Mais tarde fui para a minha vida profissional, para as minhas vidas de activismo e de desportista. E para a minha vida cultural claro. Quando falo nos enriquecimentos que tive nos sítios por onde passei, isso traduz-se também em enriquecimentos culturais.

O balanço da minha vida? Acho que gostei do que fiz. Não vou dizer que fiz tudo aquilo que gostaria de ter feito, mas o que fiz gostei. O meu gosto pelos livros começou no Montijo com as Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian. Eu requisitava livros todas as semanas – a carrinha da biblioteca ia lá uma vez por semana – e portanto eu ia buscar os livros, lia, depois íamos entregar e aí começou o meu grande gosto pela leitura e pelos livros. Devo isto às Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian, que foram

muito importantes para o enriquecimento e desenvolvimento das pessoas. Lembro-me que a miudagem ía às carrinhas da Gulbenkian. É curioso – isto há cinquenta e tal anos.

A possibilidade que eu tive de ir lendo, de ir acompanhando foi desenvolvendo o meu nível cultural. Sempre gostei de viajar, mais tarde viajei bastante com o desporto. Quando estive na Livraria Bucholz fui a muitas feiras internacionais de livros. E cada vez mais eu fui abrindo os meus horizontes.



JÚLIA DUARTE, 65 ANOS, PESCADORA NA FONTE DA TELHA,
MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO DE PESCADORES E MORADORES
DA FONTE DA TELHA

É o que dou de conselho a todas as mulheres, que lutem por aquilo que sonham e gostam. Seja que trabalho for. Que lutem por aquilo que gostam.

À segunda-feira ia a pé da Fonte da Telha até à Charneca da Caparica

Chamo-me Maria Júlia Martins Figueiredo Duarte, nasci na Fonte da Telha, tenho 65 anos, nasci a 27 de Setembro de 1948 e moro na Fonte da Telha desde que nasci. Quando era pequenina cá não havia escolas. Fui para a escola tinha já 9 anos, fui para a casa dos meus avós que moravam na Charneca da Caparica. Ficava lá durante a semana, só vinha cá ao sábado. À segunda-feira ia a pé da Fonte da Telha até à Charneca da Caparica, vinha para a escola, e assim sucessivamente até aos 11 anos. Fiz a 1^a, 2^a e 3^a classe. Entretanto, a minha tia que morava com os meus avós adoeceu. Os meus avós e a minha tia foram morar para o Monte da Caparica e fui com eles. Fazia a mesma vida, estava lá toda a semana e vinha só aos fins-de-semana, ver os meus pais. Fiz lá a 4^a classe e fiquei mal. Vim para o pé dos meus pais. No ano seguinte, queria ir tirar a 4^a classe, mas o meu pai disse-me que não.

Comecei a ajudar os meus pais. Eles tinham uma taberna, mercearia, (um bocadinho de tudo) na Fonte da Telha. Quando tinha 14 anos, disse aos meus pais que queria tirar a 4^a classe. Veio uma escola aqui para a Fonte da Telha. A professora que se chamava Agostinha gostava muito de mim e incentivou-me a tirar a 4^a classe. Tirei como adulta, já claro! Fui fazer o exame a Almada, fiquei bem.

Achei graça porque quando fui fazer o exame, a mais nova era eu, que já tinha 15 anos. Era tudo oficiais da marinha, da tropa... até perguntei à professora “tanta gente?”, eram uns trinta e tal a fazer exames. Disseram-me que eles só tinham a a 3^a classe e que era obrigatório a 4^a classe. Achei engraçado.

Outra coisa que achei também engraçado: perguntavam a todos qual é o 1^o rei de Portugal. Toda a gente respondia que era Afonso Henriques, aos trinta e tal. Ora, quem já não sabia aquilo. Eu, como fui quase das últimas a fazer exame, escolhi o último rei, eles acharam piada “Porque é que a menina escolheu o último”, “porque toda a gente disse o 1^o eu quero dizer o último”. “Então sabe qual é o 1^o?”, “Sei”. “E o 2^o”? Sei. E o 3^o? Também. No fim acabei por dizer a história toda, os reis todos. No fim do exame, os professores que eram 3 chamaram a atenção de todos, que queriam

falar e disseram: “estão a ver esta menina, veio fazer o exame da 4ª classe, mas sabe, não é como vocês. Esta menina sabe”. Fiquei toda contente, não é?

Comecei a dar-me bem com a professora, ela vivia cá sozinha, era de Viseu, salvo erro e queria que eu continuasse a estudar, para tirar a admissão, o primeiro ano para ser professora regente, aqui na Fonte da Telha. Disse aos meus pais – “não senhora, a menina não sai daqui”. E, aqui fiquei, sempre a aviar os copos de vinho, as mercearias, essas coisas todas.

Foram passando os anos, o meu pai era uma pessoa muito doente, tinha muitos problemas, cá não havia ninguém para dar injeções. O Dr. Pessoa que era o médico do Monte da Caparica, chamou-me e disse-me: “vou ensinar-te a dar injeções, para as dares ao teu pai”. Assim foi, ensinou-me a dar injeções, e dei muitas ao meu pai. A partir daí quando os banhistas vinham passar férias, (sabiam que eu dava injeções ao meu pai), eu é que dava injeções aos banhistas todos.

Entretanto, o Senhor Nicha, que era o chefe dos Bombeiros, também dava assistência no posto da Polícia Marítima, queria alguém para tirar os pontos, tratar das feridas, porque aos fins-de-semana ia para Lisboa, para a casa dele. Tinha cá uma, mas tinha outra em Moscavide, morava lá. Então, na ausência dele, eu é que era a enfermeira.

Casei aos 19 anos, fazia os 20 em Setembro. Casei em Junho. Praticamente, continuei a fazer a mesma coisa: a dar assistência às pessoas, a dar injeções. O meu marido, veio do Ultramar, sabia dar injeções e também as dava.

Adorava e ainda hoje adoro o mar. Gosto muito do mar.

Quando casei adorava e ainda hoje adoro o mar. Gosto muito do mar. Para ir ao banho à praia, ou andar na praia, tinha que ter sempre companhia, os meus pais não me deixavam ir sozinha. Fosse com grupos de rapazes ou de raparigas, tinha de ir sempre acompanhada. Eles chegavam cá “Oh Julinha, vamos todos para o banho”. Eu dizia: “tenham lá calma, que tenho de lavar a loiça e varrer. Se vocês querem que vá mais depressa, um que agarre na vassoura e outro no pano da loiça”. Todos os dias às 2 e tal, 3 horas, eles apareciam, para eu me despachar. Isto em solteira.

Mas além disso, quando era solteira, os meus pais tiveram sempre muita confiança em mim, ia para os bailes, para a Piedade, para a Charneca, para todo o lado. Eles deixavam-me ir, bastava só dizer, vou para casa da minha tia, ou da minha prima. Eu ia ao baile com elas. Eles deixavam-me sempre ir. Mas assim que comecei a namorar, já nunca mais me deixaram sair sozinha, nem para a praia nem nada. Tinha que levar sempre companhia.

Agora vou andar à pesca contigo... Vou!

Quando me casei, o meu marido era pescador e eu estava naquela vida a ajudar os meus pais (lá na taberna, restaurante, era tudo junto), disse ao meu marido “agora vou andar à pesca contigo”. Ele disse “ não senhora, tu nunca pescaste, nem sabes nada disto, nunca vens para a praia, vais agora?”. “Vou sim senhora, se és pescador, eu também sou, quero andar na pesca”. Ele disse-me que não. E, eu “Vou”. “Tens que ajudar a tua mãe”, “não me interessa a minha mãe, a minha mãe que arranje quem quiser, eu vou à noite, a minha mãe precisa mais de ajuda é de dia”, dizia eu. Assim foi, tanto teimei, que comecei a andar ao mar com o meu marido.

Acabava-se a época e eu ia para a Lagoa de Albufeira

Acabamos o verão, aqui na Fonte da Telha não havia mais nada. Acabava-se a época e eu ia para a Lagoa de Albufeira e lá estava. Fazia a vida lá, todo o inverno. Com o dinheiro que ganhei da pesca desse verão, comprei três redes e fomos para a Lagoa de Albufeira. Um senhor emprestou-me a barraca estava lá toda a semana. O meu marido tinha uma bicicleta, a gente ia de bicicleta. Levava as nossas coisinhas atrás da bicicleta e, lá ia. No ano seguinte ganhei mais dinheiro. O meu marido comprou uma bicicleta para mim. Era baixa-mar e fomos de bicicleta, ele na dele e eu na minha. Quando chego ali à Mina do Ouro, a roda caiu, grande trambolhão. Caí, fui a subir à Mina, que é uma rocha muito íngreme, para apanhar a estrada que vem do outro lado, e lá fomos.

Fazia a vida assim, de verão na Fonte da Telha na arte e de inverno ia para lá pescar, com estas redes de linguado - as três redes. Entretanto, o meu marido comprou, não sei se foi 100 braças, trilhou ele a rede que apanhava peixe miúdo: fanecas, pescadas, besugos, esse peixe.

Morei nos dois primeiros anos com os meus pais e a gente fazia essa vida. Entretanto, nasceu a minha filha. Quando nasceu ainda morava com os meus pais. Fui sempre muito poupadinha e ganhei dinheiro para fazer esta casa, que é hoje: dois quartos, uma salinha e a cozinha. Da salinha quando a menina nasceu, é que fiz o quarto dela. Fiquei com o meu quarto e a cozinha. Com o dinheiro que ganhei durante o verão e das redes da pesca no inverno. Continuei sempre a ajudar os meus pais. Vinha cá pescar, eles ajudavam-me. À noite a minha mãe tomava conta dos meus filhos. Ao fim de 19 meses tive logo outro, um rapaz. A minha mãe ajudava-me a tomar conta deles, quando ia de noite para a pesca. Entretanto, compramos um barquinho.

Até hoje tenho a cédula

Quando já tinha a minha filha crescadinha, tinha uns dois anos, havia um senhor que era da Polícia Marítima agora, dantes era Cabo de Mar – o Duarte. Ele disse-me “oh Julinha já andas ao mar, porque é que não vais tirar a cédula”. Incentivou-me e fui tirar a cédula. Foi muito engraçado. Naquela altura para tirar a cédula, tinha que se tirar o registo criminal, levar o papel das habilitações, saber nadar, aqueles pormenores todos. Esse senhor Duarte, como era Cabo de Mar, sabia essas coisas todas e informava o tenente na Trafaria. E este sabia de tudo. Quando me disse que tinha de lá ir, nesse dia estava a chover, eu levei o fato de banho por baixo, porque tinha de ir ao banho na Trafaria. Ele disse-me “agora a senhora tem de ir nadar”. “Claro!”. Disse eu - “qual a distância que quer que nade” - “É daqui a uns 10 metros” - “Desculpe, para nadar isso, não me vou molhar, ou vou nadar até lá ao fundo, que está para lá de uma bóia grande, ou vou nadar até aquela bóia e venho, para ir ali, não me vou molhar”. Mas fez-me despir, e disse-me: “tenho pena de si, vista-se lá, não vai nadar a lado nenhum, porque estou informado que a senhora sabe nadar muito bem, e pela resposta que me está a dar, sei que sabe nadar”.

Queria abrir uma garrafa de champanhe para festejar, que era a a 1ª senhora a ter cédula marítima do Tejo para cá [sul]. Já quando tinha ido tirar o Registo Criminal, os senhores também queriam abrir uma garrafa de champanhe – porque era pescadora. Chamou toda a gente “esta senhora que está aqui a tirar o Registo Criminal, vai ser pescadora”. E eu assim: “mas que admiração!” - “É a primeira vez, nunca passou aqui ninguém para tirar...”. Até hoje tenho a cédula.

Era uma vida dura, se era dura...

Andei muitos anos a remos, as minhas mãos aqui no meio eram só calos de remar. Ia tão longe como eles hoje vão com os motores. E, então comecei a andar aqui no mar com as tais três redes. O meu marido comprou mais redes miúdas. Chegava a terra e vendia aos banhistas. Não ia à lota. O peixe era tão pouco que não ia à lota, mas também ganhava mais. Quando começamos a apanhar mais peixe é que começamos a ir à lota. Apanhava uma média de 10kg de peixe, vendendo ao quilo, só para mim e para o meu marido dava, agora ir para a lota com aquilo.... Ainda hoje há esse defeito aqui na Fonte da Telha com o peixe miúdo, não há gelo, não há condições, estraga-se tudo. Se forem peixes grandes conservam-se. E há lotas. Naquela altura a lota era na praia. As lotas eram na praia.

Continuei à pesca com o meu marido, ia sozinha com ele nesse barco pequeno. Havia muitos dias que ia daqui às 8 da tarde e vinha às 8 da manhã. O meu marido largava as redes, eu levava um pesticozinho e para jantar, a gente jantava lá. Às vezes levava uma manta e lá estava aconchegada. Metia-se novamente as redes, às 7 da manhã. Chegava aqui às 9/10 horas para vender esse peixinho. Fiz assim muitas vezes. Também compramos tijelas. Andei ao mar com as tijelas do polvo. Às vezes íamos depois do almoço.

Era uma vida dura. Se era dura. E tudo puxado à mão. Não havia tratores, não havia nada dessas coisas. A corda por estar muito tempo dentro de água ganha aquelas conchinhas e chegava com as mãos todas feridas de puxar. Estica-se aquilo e é preciso muita força. Passei muito. Mas também passei bocados muito bons. Quando era à tarde no verão ia meter as tijelas com o meu marido ou largar as redes, andava sempre a bem dizer de fato de banho, ou com calções ou de lenço atado à cintura e lá ia ao banho, lavar-me. Só depois é que vinha.

Sempre gostei e adorei andar ao mar

Sempre gostei e adorei andar ao mar. Quando era ali para o lado do Cabo Espichel a ver o dia nascer no meio daquelas rochas. Adorava ver aquilo. O meu marido até me chamava a atenção “vais emalhar o peixe, não estejas só a olhar para a rocha e para o mar. Tens tempo todos os dias para ver isso”. Eu adorava. Andei ainda uns 15

anos a fazer esta vida. Entretanto, tive um problema num rim e tive que ser operada. Quando fui operada, o médico (conhecia-me porque vinha passar férias cá para a Fonte da Telha), disse-me: “Não podes andar mais à pesca, se for outro trabalho qualquer podes”. Esteve-me a explicar que a operação ao rim é muito melindrosa. Estive quase um ano de baixa, naquela altura não se ganhava nada. Depois disse-me se queria ser reformada, “claro se não posso andar ao mar!”. A minha vida é andar no mar e deixei de ir.

Ai! Vou morrer, nunca mais vejo o meu pai nem a minha mãe

Começava o verão, quando eu vinha para a Fonte da Telha, estava na Lagoa de Albufeira, estava grávida da minha filha, 4 meses. No meu barquinho pequenino punha a loiça toda, o colchão, as mantas, tudo muito atado. Entretanto, chega-me um rapaz, um pescador da Fonte da Telha e disse para o meu marido “onde é que vais” - “vou-me embora para a Fonte da Telha”, era o Lito, e esse Lito disse “tu não vais para a Fonte da Telha, está uma maresia medonha, não consegues lá chegar”. [O marido] “Não, está destinado ir para a Fonte da Telha, é hoje que vou para a Fonte da Telha”. O meu marido chega à Boca, encalha ali a lancha e vai ver o mar. A Boca estava assim muito funda, grande, muito funda e partia, ora mar aqui, ora mar acolá. [O marido] “bem, com calma isto vai”. E disse-me: “salta para dentro da lancha e vamos embora”. Estava ainda frio, saltei com botas de água, calças e casacos. Quando ele vai para sair da Boca para entrar no mar, realmente estavam aquelas vagas muito grandes. Via aquelas vagas muito grandes!

Ai! Vou morrer, nunca mais vejo o meu pai nem a minha mãe. E fechava os olhos. Fechava os olhos e o meu marido, largava os remos e vinha ter comigo “olha, filha, filha está tudo bem?”-“Está tudo bem, sim”, eu com medo, porque ele estava com os remos largados. Nisto vinha outra vez outra onda, mas ele andava aos S, ora partia aqui, ele fugia para ali, vai ali vai para acolá, e saímos ao mar. Quando saímos ao mar eu respirei fundo – bem desta já estou livre. Quando chegar à Fonte da Telha, já não tenho medo. E assim foi. Quando a gente vinha assim a conversar pelo caminho, realmente ali na Mina o mar é bom. [O marido] disse-me assim: “sabes uma coisa, gasolina já não há, e a gente não pode voltar para trás, temos que ir mesmo para terra, quando chegarmos à Fonte da Telha”. Eu assim ”não há

problema porque tu corres o regato”, que é correr a onda, vai com o barco assim na onda e eu não tenho medo.

Chega aqui [Fonte da Telha] e realmente, estava mar a valer. Ele vai à nossa tralha, com cordas faz um género de cruz para prender tudo, caso o barco virasse não se perdessem as coisas - lá vinha a loiça, os colchões, a tralha toda. E ele disse: “vá, agora vamos tirar as botas”, quando ele diz vamos tirar as botas, que nunca dizia, eu vi que a coisa estava mesmo feia. “Tira as botas, tira esse casaco e preparar”, “Portanto é assim, eu vou apanhar o mar, vamos a remar, se eu for ao fundo, tu não te agarras a mim, nem eu a ti, cada um vai a nadar para terra”. “Tudo bem”. Combinámos tudo muito bem. Assim foi. Correu tudo bem.

*Rebentou-se o carrapito e eram cabelos,
eram pernas, tudo no ar!*

Outra vez, também, nesse mesmo barco, a gente ia às 7h da manhã para sair ao mar. Nessa altura os barcos eram deitados ao ombro, deitados abaixo do ombro, por exemplo, eu e o meu marido, se éramos só dois, íamos ajudar outro barco a puxar o barco para baixo e depois os outros vinham ajudar a gente. Era assim. Então, deitámos os barcos todos abaixo, e eles saíram ao mar. Esperaram pela maré e saíram ao mar. O meu marido, marcou ali um bocadinho a maré má e disse-me “aguenta-te”. Quando às vezes, cai o barco no mar abaixo, aquilo bate e a gente solta-se. Ele diz “aguenta-te”. A pensar que era aquilo, pumba, o mar partiu em cima da minha cabeça, dentro do barco. Ora os meus remos foram parar à borda de água. Eu tinha o cabelo muito grande, rebentou-se o carrapito e eram cabelos, eram pernas, tudo no ar. Eu não via nada. A nossa sorte, é que o barco nunca virou. Assim que vejo, levanto-me e fui ver se tinha pé, mas não tinha.

O meu marido conseguiu aguentar os remos dele. Comecei a gritar para ele “aguenta só os remos. Aguenta, não deixes virar”. E eu sempre para ali, tuca, tuca, tuca..., fui andando assim pelo barco fora. Quando tinha pé, o meu marido ali a dizer asneiras “Ei, ninguém me vem ajudar?”, a chamar. Eu assim “Calma. Não chames ninguém, não é preciso ninguém, estamos aqui os dois, eu já tenho pé. Não tenhas medo, deixa estar, é preciso é não deixares virar o barco”. Quando tive pé fui pu-

xando o barco, puxando o barco...e assim foi. Chegámos a terra, puxei o barco e ele saltou, porque tinha as botas de água até cá cima cheias de água. Eu é que tinha as pequeninas, se salta de onde eu saltei, ia ao fundo e já não vinha ao de cima. Entretanto, chegou um senhor à borda de água - “É preciso ajuda?”. Disse-lhe “Vá mas é apanhar os panejos, os remos”, que estava tudo a dar à praia, “vá apanhar isso tudo, porque aqui está tudo safo”.

*Medo, não tenho, mas tenho muito respeito ao mar.
Além de adorar andar ao mar*

Antigamente, vamos lá ver, não sei qual era a ideia dos pescadores, que saíam a remos e lá fora é que punham o motor a trabalhar. Agora não. Agora é logo aqui, pronto, põe-se o motor a trabalhar e é a safa, com estas maresias. Se não fosse o motor, nem metade dos dias iam ao mar. E era assim. Foram as duas vezes que tive mais medo do mar. Nem é medo. No dia em que fui ao fundo, não tive medo, porque o barco não virou. As pancadas é que eram perigosas. Cheguei a apanhar grandes temporais. Este dedo aqui chegou a cortar, a deitar sangue e sempre a cortar o dedo e eu ali, para safar, para a gente vir para terra. A vida do mar é um bocado dura. É preciso gostar-se muito da vida do mar, porque pescar no rio, como eu pesquei na Lagoa de Albufeira, o problema ali era só ter frio, muitas vezes queria aquecer, com as mãos geladas, nem conseguia remar. Agora o mar, é preciso ter respeito ao mar. Medo, não tenho, mas tenho muito respeito ao mar. Além de adorar andar ao mar.

Seja homem ou mulher que ande embarcado, ganhava uma parte, naquela altura, quem ficava em terra era uma parte. Muitas vezes ficava em terra, vá, não embarcava, para dar a vez a um homem, para ganhar uma parte e eu ganhava a meia parte. Mas se fosse necessário ir largar o chumbo ou a rede, ou ir remar, ou não sei quê, eu fazia essas coisas todas.

Apanhamos 7 caixas de carapau

Uma vez também, é muito engraçado, já nessa altura tinha o barco de arrasto e tinha outra lanchinha, havia muitos negros de carapau. O meu marido ia com os outros homens à procura dos negros do carapau. Nessa altura eu tinha 5 mulheres comigo,

mas elas só andavam a puxar a rede. O meu marido disse-me: “ hoje não há nada. Leva a lancha para a Fonte da Telha, que vou ter com eles que ficaram com o barco, porque hoje não há negros nenhuns”.

Eu fiquei. Só estava lá um senhor nesse dia e éramos algumas 5 mulheres. Nisto vejo um negro. Quando eles se vão embora, eu assim: “calma, calma vem ali um negro”. “Lá é onde?”. Pus-me dentro da lancha, deixei uma com a corda, que aquilo é uma corda e depois vem a rede, eu assim: “fica aqui quietinha”. Na lancha geria eu: “vocês aqui! Tu”. “Eu não sei remar”. A outra, “também não sei.” E estava lá um homem: “Oh Júlia, também não sei”. Disse logo uma asneirola, e “caramba, nem homens nem mulheres, ninguém sabe remar!”. Eu então a remar. Como aquilo era de verão, remava e atirava a rede ao mar, depois remava outro bocado, atirava ao mar a outra e, dei a volta. Mas com aquela atrapalhação toda o saco veio virado ao contrário. Elas estavam em terra e dei-lhes a outra ponta, vejo o negro do carapau já no meio da rede, e vejo o saco ao contrário. Lá vou a nadar. Vou e agarro na rede e puxo para trás. As minhas pernas, (andava sempre em calções), ficaram todas cheias de sangue dos picos do carapau. Tudo cheio de sangue. E pumba, pumba, pumba...., virei o saco ao contrário, e, então puxei. Andava sempre, mais a mais de verão, de fato de banho. Com aquela lufa toda, andava com o peito à mostra. E o senhor quando via, virava a cara -“então, porque é que estás a virar a cara, puxa isso”. Mandava vir com todos. A ralar. A pequena “oh Julinha, andas aí com o peito à mostra”. E eu “ai, meu Deus”.

Apanhamos 7 caixas de carapau, não era muito, mas não havendo nada, era muito. Elas ajudaram-me, não é, entre todas pusemos o carapau nas caixas dentro da lancha, a rede, e viemos a remar. Viemos embora a remar. Chega o meu marido com o outro barco e disse assim: “olha, não houve nada filha, não apanhámos nada”. “A gente também não, mas vai ali à lancha”. E ele assim: “o quê? Não me digas que apanhaste este peixe?” Depois contei-lhe a história. Ficaram todos muito contentes, porque tanto eu apanhar ou eles, aquilo é dividido por todos, não é?. Ficaram muito contentes. Achei muito engraçado, também essa parte.

*Uma mulher que anda ao mar e vem aqui vender o peixe.
Pega no tractor, pega no carro...*

Há mulheres e raparigas novas, a embarcar e andar ao mar. Só há aqui uma pequena que anda assim ao mar. Nas artes andam. Mas, dou sempre conselho, nós como mulher ou homem, seja que profissão for, a gente tem que gostar do que está a fazer, não é ir ao mar por ir. Aqui na Fonte da Telha muitas mulheres não sabem nadar e têm medo, as senhoras da minha idade. Esta malta nova já sabe nadar muito bem, mas dizem que isto não é vida para elas, só vão para desenrascar. Só há uma pequena que está a fazer mesmo vida do mar. Agora as outras, é só puxarem a rede, ir à lota, guiarem os tractores, vão também com os tractores à lota, que era o que eu fazia, também ia à lota. Antigamente, também não havia lota na Fonte da Telha, quando o meu marido estava a pescar, ficava ele a governar a arte e eu é que ia para a Costa com a camioneta a levar o peixe para a lota. E lá os pescadores admiravam-me muito. Diziam assim: “ Olha para isto, uma mulher que anda ao mar e vem aqui vender o peixe. Pega no trator, pega no carro...”

Associação de Pescadores e Moradores da Fonte da Telha

Estou na associação de Pescadores e Moradores da Fonte da Telha. Não se admite estarmos a pagar um balúrdio de água e de esgotos, sem os termos. Não temos esgotos! Então, vamos lutar por isso. A ver se fazem uma estrada como deve ser, na Fonte da Telha, porque muitos turistas não vêm cá porque é buraco e buracos. Aqui, na Fonte da Telha não fazem nada. Vêm cá com as máquinas alisam, mas aquilo é o mesmo que nada. Também, há ali um sítio onde era a escola de antigamente, aquele terreno foi dado à associação dos Pescadores, que agora é de Pescadores e Moradores (dantes era só de pescadores). A ver se a gente faz ali um centro de convívio, para ver se a gente faz as nossas reuniões, e resolve os assuntos da Fonte da Telha. Para termos um local, porque não temos nada. É só cafés e uns vão e outros não. É assim.

*É o que dou de conselho a todas as mulheres,
que lutem por aquilo que sonham e gostam.*

Estou a tratar de dois velhotes. Da parte da manhã vou tratar deles. A senhora esteve oito meses acamada. No Hospital de Almada, ensinaram-me a dar banho à senhora na cama, a tratar dela. Ia lá todos os dias, claro!, dar-lhe banho, fazer-lhe o almoço, dar-

-lhe de comer à boca e orientar o marido. Ela entretanto recuperou, mas anda numa cadeira de rodas. Continuo há três anos a tratar desse casal.

Tenho os meus netos, também ajudei os meus netos quando eram pequeninos. A minha filha trabalhava no café, uns quatro meses, era eu que tratava dos meninos. À noite vinha busca-los e de manhã vinha pô-los. Agora tenho outro pequenino, que estou a ajudar também - o Ícaro. A Margarida é a mais velha, fez ontem 17 anos. Tenho o João Tomás que tem 12 anos e o meu Ícaro. Tenho os meus três netinhos e vou-os ajudando. Cuido da minha casa, faço as minhas coisas todas, a minha lida toda. Quem pinta as casas por fora e por dentro, sou eu. Só para fazer grandes limpezas, é que falo a uma senhora para me ajudar. Nos tempos livres pinto uns quadros. Fiz uns quadros. Faço assim umas macacadazitas, para passar também o tempo.

Dou coragem às mulheres, para terem força, para andarem ao mar, porque o tempo difícil já passou. Eu andava com os barcos às costas para ir para o mar. A rede da arte xávega andava com ela às costas, ali com uns 70 Kg, ou sei lá quanto, quantos quilos para estender. Agora não. As coisas são mais fáceis. Agora não vão ao mar, é só puxar as redes, escolher o peixe, é o que elas fazem. E então, se gostam de andar ao mar, não é só para fazer ver, é andarem ao mar com coragem. Que tenham força, que gostem do que fazem. Que façam. É o que dou de conselho a todas as mulheres, que lutem por aquilo que sonham e gostam. Seja que trabalho for. Que lutem por aquilo que gostam.



JULIETA ROCHA, 76 ANOS, EX-OPERÁRIA CONSERVEIRA

A vida foi muito difícil para mim

“Cheguei aos meus oito anos e tive que começar a ir trabalhar na fábrica com a minha mãe”

Sou a Julieta de Assunção Espírito Santo Rocha, tenho 76 anos. Nasci na freguesia de Santa Maria em Lagos. Sou viúva e vivo em Almada.

Diziam que era só uma ditadura mas para mim foi fascismo. Com os meus seis anos, a minha mãe conserveira, o meu pai pescador, e nós, eu e o meu irmão, (tinha um irmão, a minha irmã nasceu anos depois), tínhamos que ir fazer recados aos senhores, para podermos comer, porque passávamos fome. Por vezes davam-nos os figos bolorentos, e comíamos pão com banha. E ficávamos, até às tantas da manhã, à porta, à espera que a minha mãe viesse para podermos comer qualquer coisa, mas ela já não tinha nada em casa. Não tinha. Trabalhava; saía de casa às sete da manhã, tinha a sua hora de almoço que era a correr, meia hora que fosse. Ela dizia-me com antecedência: “se fores fazer algum mandado” que era como se dizia no Algarve, “aceita dinheiro, não aceites pão”. Nós tínhamos tanta fome que acabávamos por aceitar o pão com banha, aquela banha era boa! Escusado será dizer que a minha mãe tinha esta vida de trabalho e que se nós lhe agarrássemos a saia para pedir, até se calhar um beijo, levávamos uma palmada porque ela estava muito cansada. A vida era de facto muito dura.

Cheguei aos meus oito anos tive que começar a ir para a fábrica, com a minha mãe. Ela trabalhava na fábrica José Abreu Pimenta de Lagos. Comecei a ir trabalhar com ela.

As fábricas pagavam às míudas uma miséria. Quando nós íamos diziam que era por exemplo oito tostões, por semana. Acabavam por nos dar quatro. Quando era para pagar diziam “és uma mocheça”, uma mocheça é uma míuda. “És uma mocheça não te podemos dar mais” mas para trabalhar eu tinha de ser igual. Porque eu tinha de me pôr em cima de um caixote para poder chegar às bancadas que era onde nós escorchávamos o peixe, ou seja tirar a cabeça ao peixe. Havia umas grelhas de inoxidável para nós, quando acabávamos de pormos lá o peixe e irmos lavá-lo a uma pia que era o tipo de uma banheira. Portanto quando eu ia lavar o peixe, isto não dá para esquecer, nunca, o que foi aquele regime. Quando eu ia lavar o peixe, as lágrimas eram

mais que eles e era a pensar quando é que eu caio aqui, porque era tão pequenina, a lavar ali as grelhas com aquele peso com uns tamanquinhos, que tínhamos que usar lá por causa da salmoura. Era realmente uma escravidão. Porque hoje quando dizem que no tempo de Salazar havia montes de empregos, a gente saía de um lado e ia logo para o outro. A gente saía de uma escravidão e íamos para outra. Havia muitas fábricas mas era tudo, miséria.

*Havia algumas múdas que vinham a chorar porque
lhes tinham apalpado o peito e tudo o mais*

Quando já era mais crescida com os meus quinze, catorze anos havia assédio dos patrões e dos encarregados; não podíamos ir à casa de banho que eles iam logo ter conosco. Havia algumas múdas que vinham a chorar porque lhes tinham apalpado o peito e tudo o mais. Mas eu tinha um certo génio que era um caso sério. E quando chegou à minha vez de eu ir à casa de banho e apareceu o Joãozinho eu tinha uma tábua com um pregos assim em bico, e eu disse-lhe “se você me toca desfaço-lhe a cara com esta prancha”. Era uma múda, tinha para aí catorze anos. Escusado será dizer que tive que ir para a rua. Rua! Despedida! Quando se diz assim no tempo de Salazar havia montes de empregos, a gente saía de um lado e ia logo para o outro. Oh meu amigo a gente saía de uma escravidão e íamos para outra. Havia muitas fábricas mas era tudo de miséria.

Depois casei, casei jovem com 18 anos. Tinha o meu filho não havia creches, não havia nada...

O meu filho ficava numa caixa, as caixas da sardinha, em que se vendia a sardinha. Havia uma cabana ao lado onde púnhamos os filhos e estávamos irrequietas porque havia ratazanas. Havia crianças que os dedos dos pés e das mãos eram comidos pelas ratazanas, e uma pessoa estava numa ansiedade constante para saber se o filho estava em condições ou não. Era assim que se vivia. E é importante que se saiba. E os jovens precisam de saber isto. Porque quando eu falo com o meu neto ele quase fica na dúvida. Digo-lhe uma coisa: é muito importante saber-se isto. E nós éramos exploradas. Quando recebia os dezoito tostões no fim-de-semana era quando passava mais fome, porque ia à mercearia, tínhamos aquelas mercearias pequeninas onde pedíamos fiado,

e quando recebíamos iam pagar e ficávamos sem nada. O que se comia nesse dia era café e pão com banha. Pedíamos três tostões de banha, e então desde míuda que me lembro disso: “Senhora Pacheca a minha mãe quer três tostões de banha porque vamos fazer umas papas de milho”. E ela dizia: “três tostões não. Olhaavas, um bocadinho. Vá lá, vá lá nem chega a três tostões.” Ou então meio decilitro de azeite, porque um decilitro de azeite nunca nos davam. Além dos patrões que faziam de nós uns escravos, havia também aqueles onde nós comprávamos as coisas. Era uma vida inacreditável.

Eu cheguei em míuda a ir às quatro horas da manhã com a minha mãe ao campo levar umas sardinhas salgadas para depois nos darem um bocadinho de feijão ou grão

O meu pai era pescador e o meu marido também. Havia traineiras que faziam muito dinheiro. As que faziam muito dinheiro, (os camaradas, dizia-se assim naquele tempo), que iam juntando uns tostãozinhos para o Inverno. Porque antigamente era assim: três meses de Verão, três meses de defeso e três meses de Inverno, portanto só se trabalhava três meses e quem conseguisse nalgumas traineiras, (que eram chamados os mestres de sorte), as pessoas podiam juntar no Inverno um feijãozinho, um bocadinho de carne, salgávamos as sardinhas, os biqueirões, (os biqueirões que eram anchovas, cá dizem anchovas). E então as pessoas organizavam-se. Mas havia aquelas traineiras que faziam muito pouco era muita fome durante o Inverno. Eu cheguei em míuda a ir às quatro horas da manhã com a minha mãe para irmos ao campo levar umas sardinhas salgadas para depois nos darem um bocadinho de feijão ou grão. O que é que aconteceu? Esse que tinham as traineiras, que ganhavam bastante bem quiseram ser patrões. Compraram traineiras também e imediatamente montaram umas mercearias, para nós irmos buscar lá a comida. E quando chegava a altura do pagamento (de eles pagarem) ficava a paga na mercearia. Tínhamos que pagar a casa, vestir os filhos, comprar uns sapatinhos (que andavam por vezes descalços). Mas como íamos buscar comer à mercearia, já não se recebia mais nada. Quando chegava ao fim do mês, esses donos das traineiras, diziam: “quantos filhos tens?” Se ganhava naquele tempo por exemplo, um conto de réis, mil escudos, eles diziam “óh pá sóavas trezentos”, outro levava só duzentos. Nunca pagavam tudo. Então o meu marido chega a casa um dia e diz: “olha trago só duzentos réis para casa”. “Duzentos? E agora como se trata do resto?”

Levei a noite a bater à porta das mulheres para nos organizarmos

E então digo eu: “não pode ser, marido vamos fazer o seguinte: cada traineira tem trinta e cinco tripulantes, vamos organizar os tripulantes e vamos à capitania do porto, vamos lá falar com o comandante. Nós mulheres não podemos fazer isto mas vocês como homens juntam-se de cada traineira, mesmo que não sejam todos, reuní-mos e vamos à capitania fazer queixa e dizer que eles têm de nos pagar aquilo que nos devem”. Então o que é que aconteceu?. Quando eles lá chegaram já lá estava a ramona. Juntaram-se uns quantos. Eu que tinha realmente dado a ideia também organizei as mulheres. “Nós agora vamos e não podemos consentir que os nossos maridos vão presos porque eles não fizeram mal a ninguém”. Levei a noite a bater à porta das mulheres para nos organizarmos. Havia algumas que não queriam. “Não falam vocês falo eu, não se preocupem mas vamos embora. Têm que ser todas, todas aquelas que os maridos foram presos”, (o meu não foi, que o meu marido não era de falar muito, era mais os copinhos, não era de falar muito). “Agora vamos”. Fomos para a Capitania, da Capitania veio a polícia e a GNR. Eu sempre à frente, levei com os cavalos. Veio a GNR, todos os homens se queriam meter e eu disse “aqui nenhum homem se mete, só as mulheres”. Havia um sargento da Guarda que era muito pequenino e com o cacete e uma pistola veio direito a mim e eu disse que eu com um cassetete e uma pistola também era muito valente, mas quando disse isto levei logo uma coronhada e fui presa porque eu disse-lhe que ele “nem com um assoprão se conseguia aguentar em pé”, mas infelizmente tinha a arma”.

Fui lá para dentro com o meu filho e foi o maior dos horrores. Veio a PIDE e depois ainda tive que ser operada... levantaram-me o bico do peito todo com uma pinça! E as palavras obscenas, nem sequer fazem uma ideia! Mas eu era realmente tão revoltada e continuo a ser, cada bofetada que levava cada cuspidela que lhes mandava na cara. Fiquei com a minha cara num oito, partiram-me estes dentes todos. Fiquei oito dias. Fiquei, mas antes disso fomos todos para a porta da GNR pois estavam lá os homens que tinham sido presos. Meteram uns canhões à porta e disseram “quem primeiro der um passo fica lá”. Voltei com o meu filho ao colo e disse: “lembrem-se de mim para toda a vida, lembrem-se de mim mas não desistam da luta” e avancei e foi nessa altura que me deram a coronhada e me partiram os dentes que ainda hoje tenho aqui a

cicatriz. E estive lá dentro; mesmo com a boca numa desgraça mandavam-me lavar as cavalariças que era onde dormíamos, ali em cima da palha, com os percevejos.

Esta luta foi muito grande e os jovens devem lembrar-se de que se pode voltar a isto, se não lutarmos. Este governo é o que quer fazer. Não tenhamos a mínima dúvida. Estamos a roubar aquilo que nós trabalhamos. Eu trabalhei uma vida inteira até à idade de me reformar e reformei-me por invalidez porque tenho os ossos numa desgraça. Já fiz seis operações.

Claro, depois daquela luta, não me deram trabalho, nem a mim nem ao meu marido. Nunca mais pude voltar para a fábrica nem ele para o mar. Viémos para Lisboa à procura de emprego, porque havia aqui os arrastos e o meu marido tinha carta de mestre. Cheguei a andar aos caixotes de lixo para dar de comer ao meu filho, porque a mais pequenina ficou com a minha mãe. Ninguém nos dava emprego até que um dia enfrentei o Almirante Tenreiro. “Eu quero comer. Quero dar de comer ao meu filho”. Dormi nos bancos de jardim do Cais do Sodré. Levei lá oito dias, até já tinha bolhas nos pés, para falar com o Almirante Tenreiro; o porteiro dizia que eu não podia falar com o Almirante e que tinha de escrever uma carta. Eu dizia: “então eu vim do Algarve para falar com ele e agora quer que eu escreva uma carta”. Nem pense nisso, eu fico aqui à espera. Já estava amarfada com aquilo. “Fico aqui à espera, portanto o senhor quando chegar o senhor Almirante, que eu não conheço, diz-me quem ele é”. Ele dizia que não podia, mas o homem já estava tão cansado da minha insistência, sentiu-se tão mal de eu já estar ali aqueles dias todos com aquele sol, que acabou por me dizer que faria sinal quando ele chegasse. Quando chegou digo-lho eu assim: “senhor Almirante estou aqui à oito dias à sua espera para lhe dar uma palavrinha”. Ficou a olhar-me e disse: “quem é esta miúda?” olhou para o porteiro e disse: “mande lá a senhora para cima”. Cheguei lá e contei-lhe tudo o que tinha passado, porque é que não me davam trabalho. E ele disse assim: “mas minha amiga” e eu pensei lá vou ser presa com este também. Mas prometeu emprego para o meu marido na Companhia Portuguesa de Pesca. Depois fomos morar para Almada. Trabalhei na Portugália Editora a vender publicidade, na fábrica dos soutiens e na Prom quando havia aqueles sabonetes e tinha que subir aquelas escadas com aqueles sacos enormíssimos dos sabonetes e dos champôs. Sempre trabalhei. Trabalhei até me reformar.

*O 25 de Abril foi uma alegria, foi a coisa melhor
que me aconteceu*

Eu não fui à escola porque fui trabalhar. Fui trabalhar aos oito anos, a minha mãe não me pôs na escola. Sei ler e escrever porque aprendi com os meus camaradas aos 34 anos e já em Almada. Eu vim para cá com 24 anos.

O 25 de Abril foi uma alegria, foi a coisa melhor que me aconteceu. Isto está dentro do meu coração. A liberdade, quando uma pessoa andava deprimida com um sofrimento tão grande, foi a coisa mais bonita, (eu digo aos jovens) que aconteceu, foi o vinte cinco de Abril. E tenho um grande desgosto que nas escolas não se dê ênfase a uma coisa tão linda que nos aconteceu. A libertação dos presos políticos, foi uma alegria. Eu tinha um tio que morreu por ser queimado na garganta quando ia sair da cadeia. A seguir vem o 25 de Novembro que convenhamos foi realmente uma contra revolução. Particpei em muitas lutas. Numa manifestação quando do julgamento do Rui Gomes, mataram o Luís Caracol que era um jovem e eu levei pancadaria sem destino, que até perdi os sapatos. Estava num julgamento na Boa-Hora, no julgamento do Rui Gomes. Mas ali à volta as pessoas foram muito solidárias, deram-me uns chinelos e meti um lenço na cabeça e disse: “Paciência mas eu tenho que o fazer. Há jovens dentro do tribunal e eu não os posso deixar assim”. Passei entre a polícia e disse: “eu vou ali pagar umas velinhas, o meu marido morreu - coitado ainda não tinha morrido - ele morreu, eu venho cá todos os dias, por favor deixem-me lá ir rezar por ele, é a igreja onde eu costumo ir”. E eles disseram: “Passe lá!”. Consegui meter-me no tribunal. Consegui avisar aqueles jovens, aquelas pessoas todas que lá estavam para não se manifestarem cá fora porque já tinham morrido pessoas. E consegui que saíssem todos muito calmos.

Eu antes não estava organizada em partidos, depois é que fui para a UDP que era o partido que eu achava que tinha mais revolta e que concretizava aquilo que eu sentia. O meu marido não me acompanhava nas lutas, era uma pessoa alcoólica, uma pessoa com outras vidas. Entretanto aqui em Almada estava ligada às mulheres, à UMAR.

Houve uma senhora que em Almada foi a uma mercearia comprar bacalhau e como o senhor lhe estava a pedir mais caro do que nos outros sítios a senhora pediu-lhe

uma factura e ele deu-lhe com o bacalhau na cara. A senhora ficou marcada na cara e o que é que a senhora faz, vai para tribunal com o assunto e nós fomos apoiá-la. A UMAR esteve lá à porta e acompanhou-a no dia do julgamento. Só que no dia do julgamento o tribunal decidiu que o senhor lá da mercearia é que tinha de ser defendido e que nós não tínhamos o direito de lá entrar. Mas nós tentámos e lá entramos só que a polícia escusado será dizer começou a mandar-nos embora e a carregar. Eu estava tão indignada, tão marafada que consegui tirar o cacete da polícia que me deu cacetadas e eu dei também nele. Dias depois a polícia foi a minha casa. Traziam uma ordem para eu ir ao posto falar com o sargento. Fiquei marcada pela polícia e nos dias a seguir ao julgamento eles passavam por mim e insultavam-me. Diziam que havia tanta falta de leite e tanta vaca à solta. Insultavam-me até dizer chega.

Quando eu entrei no posto, o sargento disse: “Senhora Dona Julieta”. E eu digo: “ai que delicadeza, que delicado que o senhor está hoje. Ontem era todos os nomes, e vê como está a minha cara;? quer que eu lhe mostre os rins e aqui a parte do lombo tudo negro?”. E ele: “Senhora Dona Julieta. O que se que passa é que a senhora agrediu a polícia, insultou; e agora a senhora vai assinar este papel a dizer que estava exaltada”. Eu disse que me recusava a prestar quaisquer declarações, queria ser julgada. “Olhe Senhora Dona Julieta que vai ser julgada e vai se dar mal”. “Eu quero ser julgada, mas não vou ser eu que vou ser julgada, são vocês que vão ser julgados”. E foram. Fui para tribunal, e toda a gente sabe ali em Almada, pois o caso foi muito falado. Ainda hoje as velhotas me vêm falar disso. Muitas, mesmo!

A polícia dizia que eu era vendedora ambulante, que morava ao pé da polícia, sei lá montes de coisas, e que eu tinha agredido a polícia, que eu fazia injúrias à polícia. E eu caladinha, porque o juiz não me mandava falar. Às páginas tantas vejo todos, havia delegados e advogados a dizer que eu tinha de ser condenada porque tinha feito injúrias à polícia e faltado ao respeito. Claro que eu tinha o meu advogado que lá me ia defendendo. O juiz, os advogados e estavam dois delegados também, saíram da sala e depois voltaram. O juiz disse: “Levante-se a mulher”. E eu não me levantei. Só o fiz à terceira vez e disse: “Sabe senhor Doutor Juiz eu nasci e por isso é que estou aqui”. A minha mãe pôs-me este nome: Julieta de Assunção Espírito Santo. Hoje sou Rocha do meu marido, e é assim que eu quero ser tratada”. E então ele disse: “Senhora Julieta tem alguma coisa a dizer a este tribunal?” “Sim eu tenho, se me é dado esse

direito, porque eu sei bem onde estou, mas se me é dado esse direito eu tenho. Para já a minha posição face à polícia é intransigente. Infelizmente ainda hoje é. Tenham paciência. A minha posição face à polícia é intransigente pelo passado e pelo presente. É a farda. O meu pai, quando cantava o fado da desgraçadinha, era preso. Quando chegava a casa vinha todo negro pois a GNR dava-lhe tareias”.

Eu fui presa e contei ao juiz tudo quanto se tinha passado: quando trabalhei, quando fui presa, a minha vida em míuda. “E sabe Senhor doutor juiz entre mim e todos os senhores que aí estão há uma grande diferença. É que os senhores levavam táu-táu para comerem. Eu levava porrada para não comer. Se a minha mãe tivesse pão para comer um peixinho sabe o que é que acontecia? Se eu tirásse um bocadinho, levava porrada. Era a nossa diferença”.

Contei-lhe também o que se havia passado no julgamento do Rui Gomes e porque é que estava ali. Levantei a blusa e mostrei os sinais. “Estou negra da pancada que a polícia me deu. Porque eu fui para defender uma senhora que estava a ser maltratada, roubada. Eu, a UMAR, um grupo de mulheres”. E foi aí que o juiz perguntou à polícia: “então diga-me lá quantas pessoas estavam lá fora quando houve o julgamento?” Estava uma multidão. “E então porque é que só esta senhora é que está a ser julgada?”. Entretanto o juiz levanta-se no meio daquele ambiente todo e diz: “Dona Julieta eu trazia três anos de prisão para a senhora e uma indemnização à polícia. Mas eu vou assumir aquilo que vou fazer agora. Dou-lhe dois anos de pena suspensa e digo à senhora que se eu passasse pelo que a senhora passou, não sei qual seria a minha posição face à polícia”.

Esse juiz, quando eu me lembro até me vêm as lágrimas aos olhos. Grande homem. Cá fora ele abraçou-me e disse: “É uma grande mulher. Não volte a ser julgada neste tribunal que eu recusava-me a julgá-la”. A polícia, alguns deles até deixaram cair o cacete. Por isso eu digo que as pessoas devem sempre lutar.

A mulher tem o direito ao menos de ser dona do seu corpo

Também estive na luta pelo aborto que essa foi uma luta também sempre para a frente. Eu também os fiz. Sabe como é que eu os fiz? Uma míuda, que naquele tempo

era uma múda com dezanove anos, fiz com pé de salsa. Com pé de salsa como a minha mãe me ensinou. Com vapores, com água muito quente que até nos queimava. Eu fiz outro com vinho, canela, tudo fervido e umas ervas que íamos apanhar e que nem sabíamos o que é que elas eram. Estive mal, mal, bem mal. Porque o aborto não era consentido. Eu comecei a namorar o meu marido em múda e o meu pai não gostava dele. E eu acabei por engravidar para casar. Apareceu uma senhora a dizer que ele a tinha desonrado. E naquele tempo era assim. Apanhou três anos de prisão. Tinha onze dias de casado. Apanhou três anos de cadeia. Isto é para dizer quando eu fiz o aborto. Portanto eu sou a favor do aborto. E lutarei por isso. Porque eu não tinha condições para ter outro filho. E mesma aquelas que possam ter condições, as pessoas, as mulheres têm que ter o direito de ser donas do seu corpo, donas da sua vida. Ninguém tem o direito de mandar no corpo de alguém. Quando elas têm dor, quando se sofre, quando têm fome, é ela que tem de resolver a sua situação. Quando têm os seus problemas, não são eles que os vêm resolver. Não resolvem nada, pelo contrário. Portanto a mulher tem o direito, ao menos, de ser dona do seu corpo. Seja porque caminho tome, sempre.

A vida foi muito difícil para mim. Vivi com um marido alcoólico, vinte e quatro anos. Foi difícil. Por fim morre com um cancro no soalho da língua. Com trinta e dois quilos eu pegava-lhe ao colo para lhe dar banho. Era uma múmia. Cinco meses depois do meu marido morrer mataram-me uma filha. Eu acho que a mataram, nem sei quem foi, nem me preocupei em saber. Foi atropelada ao sair da escola com doze anos. A minha vida tem sido um bocado difícil, desde que nasci até hoje. Agora tenho os dois filhos.. A filha acabou o fundo de desemprego, o marido dela também foi embora. O filho está no fundo de desemprego, felizmente agora está bem. E eu já fiz seis operações e estou cá. Vamos ver qual é que será a última hora.



LILIANA MESQUITA, 26 ANOS, DESEMPREGADA

Se há pessoas, ciganas ou não ciganas, que não estudaram, elas que aproveitem a oportunidade, que estudem e que sejam livres. E que não estejam agarradas ao marido!

*O meu pai é de cá de Coimbra,
a minha mãe é de Mirandela.*

Sou Liliana Mesquita, sou de Coimbra. Tenho vinte e seis anos. O meu pai, antigamente, trabalhava numas bombas de gasolina e a minha mãe não fazia nada, porque ela é doente: foi operada ao coração, tem ataques epiléticos e tem asma. Não pode trabalhar. Tenho dois irmãos, um mais velho e outro mais novo do que eu. Tenho três meninas e um menino. A Érica tem 10, a Cristiana Dara tem 9 anos, o Ilídio Santiago tem 7 e a mais nova tem 4, que é a Guiomar.

O meu pai é de cá de Coimbra, a minha mãe é de Mirandela. O meu pai não é cigano. Antigamente vivia na Rua Direita, na parte de baixo. Ele foi sempre criado com ciganos. A minha avó desprezou o meu pai e um tio meu, então, eles juntaram-se os dois e vieram para aqui, porque o meu pai era da Mealhada, de Santa Luzia. Como ela os mandou para fora de casa, ele veio para Coimbra e acabou por ser criado por uns ciganos. Eu nunca conheci a família do meu pai porque eles..., acho que são racistas, eles não gostam dos ciganos. Nem mesmo a minha avó. Eu nunca a vi. Fui para conhecê-la uma vez e ela não me deixou entrar para dentro de casa. Só uma tia e um tio é que nos ligam mais, mas a outra família nós não conhecemos. Esse tio, ele fala comigo mas, muita gente da família do meu pai não, não querem saber. Como a minha mãe é cigana...

*Com as professoras era bom. Com os colegas...
eles às vezes é que eram um bocadinho racistas.
Às vezes havia aquelas coisas de ser cigana.
Estava mais tempo sozinha do que mesmo com os colegas.*

Da infância, o que eu me lembro foi só aqui em Coimbra. Na Rua Direita. Era onde a gente vivia. Depois fomos para ali, para o Bota-Abaixo, do Bota-Abaixo fomos para debaixo da Ponte do Açude. Ia para a escola, normal, saía da escola e ia para casa. A escola, antigamente, era só até à uma, ou das duas às cinco, era só assim. Andei na escola de São Bartolomeu. Andei na escola até ao quarto ano, mas não cheguei a completar porque tivemos uns problemas cá em Coimbra e fomos para Mirandela. E, depois, aí andava na escola uma semana ou duas, depois mudávamos para outra, andávamos sempre assim. Nunca cheguei a completar o quarto ano. Na escola andava bem, o meu

irmão comigo, o mais velho, e uns primos meus também. Só tive duas professoras diferentes. Uma gostava que a gente lesse a *Bíblia* de manhã, que era importante para ela, e nós aprendemos também com ela a ler a *Bíblia*. Com as professoras era bom. Com os colegas... eles às vezes é que eram um bocadinho racistas. Às vezes havia aquelas coisas de ser cigana. Estava mais tempo sozinha do que mesmo com os colegas.

Lá na escola, havia a Filomena e a Isabel, funcionárias. A Isabel tinha um filho, o Bruce e ele nunca me disse -“Tu és cigana.”, mas outros sim, e a Isabel e a Filomena não gostavam que eles chamassem ciganas. Também não era só eu cigana, havia mais ciganos lá. Ela não gostava que chamassem assim, ciganos. Sentia-me mal porque podíamos dar-nos todos bem e estávamos a dar-nos mal. Ainda hoje há isso. Em certas escolas há isso.

*Era melhor lá porque não desprezam os ciganos
e assim, lá é tudo igual, é tudo a mesma coisa.*

Debaixo da ponte... estive primeiro lá três anos com a minha mãe e depois fomos viver para Espanha, em Salamanca. Fomos para Espanha, depois tornámos a ir para Mirandela, andávamos assim. Nós vivíamos nas carrinhas. A minha mãe separou-se do meu pai, fomos viver para lá. Já estão há muitos anos separados. Cada um quis ir para o seu lado e foi. A minha mãe esteve junta com um homem, que ela já conhecia há muito tempo, é o pai da minha irmã, mas acabaram por se separar e até hoje ela está aí sozinha.

Lá na Espanha, a assistente social ajudava na casa, no comer, o que ela precisasse. Éramos quatro: eu, a minha mãe, o meu irmão mais novo e o meu irmão mais velho. Lá na Espanha não davam trabalho ao meu irmão mais velho porque ele só tinha dezassete anos, mas ele desenrascava-se, arranjava ferro e essas coisas e ia a vender. Eu estive num colégio em Salamanca. Fiquei eu e o meu irmão mais novo e, então, a gente ia lá à escola. Lá é diferente. Era melhor, lá eles não desprezam os ciganos. Lá é tudo igual, é tudo a mesma coisa! E, se for preciso, ainda ajudam mais. E é mais aberto, dá mais oportunidades. De Salamanca fomos para Samora. Estive lá cinco anos.

Em Mirandela trabalhei na azeitona e íamos para as feiras com a minha tia, com os meus primos, fazíamos assim essas feirinhas. Era divertido. Eu, o meu irmão mais

velho, a minha tia e os dois filhos dela, mais velhos, pagavam sempre a azeitona, a batata, a castanha, tudo. Cá nunca trabalhei, lá trabalhei, lá dão uma oportunidade para uma pessoa trabalhar e cá não. Cá só mandam para cursos, mas também é bom. Lá se a gente, por exemplo, a gente não tem trabalho fixo mas se houver (chamam-se jeiras) para a apanha da azeitona, castanha, vindima, eles vão chamar as pessoas a casa. Há pessoas que já lá nos conhecem, então iam lá a nossa casa e chamavam-nos para irmos trabalhar.

O meu sogro chegou-se ao pé da minha mãe a saber se eu podia ser noiva do filho dele (...). A minha mãe disse se eu quisesse tudo bem. Eu disse que sim, ele também, ficámos noivos!

Conheci o meu marido em Macedo de Cavaleiros. Tinha 12, 13 anos. Ele é mais velho que eu dois anos. Ele tinha 15. Nós conhecemo-nos porque a minha tia casou-se com o irmão dele, a minha tia era viúva, casou-se com o irmão dele e nós conhecemo-nos assim. Tinha aquelas *briguinhas* primeiro. Brigas primeiro e depois... era tipo as crianças..., chega para lá e assim! Nós temos um vício que é: quando é pedir, é fazer noivado! O meu sogro chegou-se ao pé da minha mãe a saber se eu podia ser noiva do filho dele e a minha mãe disse que sim. Tinha 11 anos. A minha mãe disse se eu quisesse tudo bem. Eu disse que sim, ele também, ficámos noivos! Estivemos cinco anos comprometidos e depois, aos 15 anos, casei-me com ele. Ia a fazer 16 anos quando casei com ele. Ele estava em Macedo de Cavaleiros e eu estava em Samora, em Espanha. Às vezes a minha mãe ia lá comigo, estava lá a minha tia, outras vezes era por telefone. Mas não era nada *namorado*, não se podia! As mulheres solteiras ciganas não podem dar... só telefone e chega. Os noivos não brincam, nem falam, só por telefone. As mães não deixam. Às vezes encontrávamo-nos na casa da minha tia, mas era muito raro, porque a minha tia também estava sempre em cima. Podíamos falar e assim mas não namorar, como hoje em dia, não.

*O meu não é casamento nem pela igreja, nem pelo civil.
É só casamento cigano.*

Casei-me em Provença, Macedo de Cavaleiros, a terra do meu marido. O casamento foi bonito. Um bocadinho triste porque a minha tia tinha perdido uma menina. Eu

nem queria festa, porque ela tinha perdido uma bebé, mas ela quis assim. A minha tia não fez luto, quando são crianças, até aos dez anos, a gente não veste de preto. O meu casamento não é por registo civil, agora o de muitas não sei. O meu não é casamento nem pela igreja, nem pelo civil. É só casamento cigano. A noiva vai igual vestida de noiva, está com os familiares, com o noivo. É como sendo de igreja, tem o bolo igual, tem os convidados, mas não vamos à igreja nem vamos assinar nada. É só assim. É, só festa. A mulher tem de estar virgem. A madrinha da noiva tem que mostrar o lençol com o sangue aos pais da noiva e aos pais do noivo. Costume dos ciganos, sempre. É só a virgindade, é a prova da virgindade, pronto.

Fui eu mesmo que não quis um casamento católico, porque eu acho que isso não, acho que não é bom porque, por exemplo, uma pessoa casa-se sabendo que depois amanhã ou passado pode-se separar. Vai estar a gastar dinheiro no casamento, vai estar a gastar dinheiro na separação, para isso não vale a pena. A minha opinião é essa, agora a de cada um serve para si. Eu acho que é isso. Nem todos os casamentos duram para sempre.

De Espanha fui para Macedo de Cavaleiros viver com o meu marido. Engravidei e vim cá para Coimbra, com a minha tia. Estivemos a viver debaixo da Ponte do Açude. Estivemos lá muitos anos. Tive duas meninas lá.

*A minha tia é como uma segunda mãe para mim,
ela foi quem me criou, a modo de dizer.*

A minha tia é como uma segunda mãe para mim, ela foi quem me criou, a modo de dizer. E criou a minha filha mais velha. Por isso eu tenho-a a ela como uma segunda mãe. É ela que me ajuda muito. Mesmo quando me casei com o meu marido era ela que me ajudava sempre. A minha menina, quando nasceu, era muito pequenina e era ela que lhe dava banho, mudava a fralda, vestia..., ela é que fazia tudo à bebé. A minha tia sempre esteve comigo. A gente vivemos todos debaixo da ponte, depois viemos para aqui. Ela agora é que saiu daqui e foi para outra casa, mas estamos sempre juntas. Também tenho cá a minha mãe mas é mais com a minha tia do que com a minha mãe. Ficámos lá a viver debaixo da Ponte do Açude, depois é que houve oportunidade de vir para aqui, para o Parque Nómada. Primeiro vieram duas da nossa família, depois veio a minha tia. O meu marido não queria vir mas eu agarrei, disse que sim, e viemos todos para aqui. Acho que foi pior asneira, mas pronto!

Já queria ser cabeleireira desde pequena.

A minha filha vai pelo mesmo caminho, a mais velha.

Numa actividade que a gente tem aqui, que é sobre emprego e formação, que é a Andreia que dá, ela falou-me de ir fazer um curso na Inovinter. Era para tirar o quarto ano, e eu aceitei. Fui lá, inscrevi-me e fui chamada para fazer o quarto ano. Depois do quarto ano, a Dra. Cristina, que é a coordenadora de lá, disse que ia haver um sexto ano e perguntou às pessoas que se queriam lá ir inscrever e eu aceitei. Como eu dava menos faltas, havia lá pessoas que davam mais, fui seleccionada para ir tirar o sexto ano. Ainda não tinha acabado o outro curso quando a gente se inscreveu e fomos seleccionadas. Comecei o sexto ano e acabei agora em Janeiro, dia vinte e nove. Correu bem. Conheci pessoas que não eram ciganas e pessoas que são ciganas. Fiz amigos e amigas também. Gostei de lá estar, foi uma experiência nova.

Tenho vontade de fazer o curso de cabeleireira e para isso tenho de fazer o nono ano. Vão abrir cursos novos para fazer o nono ano e para fazer cabeleireiro, ao mesmo tempo, e inscrevi-me para tirar o curso. Depende agora lá das senhoras, se me aceitam ou não. Fui lá ontem a uma entrevista e vou lá outra vez amanhã. Depois ligam-me, porque já começa dia vinte e nove. Eles ligam para as pessoas que são seleccionadas para o curso de cabeleireira, é cabeleireira e estética. É as duas coisas, cabeleireira e esteticista. Ficamos com a carteira de profissional de cabeleireiro e vamos tirar o nono ano. A senhora ontem disse-me assim -“Então, quer ser cabeleireira porquê?” eu disse -“Porque gosto.” -“E o que é que sabe fazer?” -“Olhe! Cortar cabelo e pintar cabelo eu sei. O resto tem de me ensinar você.” Já queria ser cabeleireira desde pequena. A minha filha vai pelo mesmo caminho, a mais velha.

Não é um cigano de antigamente, é um cigano moderno

Quando o meu marido não estava a frequentar o curso ele é que ficava em casa e ia buscar os meninos. Às vezes saía às cinco, outras vezes saía às seis, era ele que ia buscar os meninos e era ele que ia pô-los na escola. Em casa também ajudava, na lida da casa, ajuda-me em tudo. Às vezes, quando não estou em casa durante o dia, ou quando a gente não consegue arrumar durante o dia, ele faz o jantar e eu arrumo a casa. Não é preciso eu pedir, ele vê e vai-me ajudar. A gente divide, ou então ele lava a louça. Não é um cigano de antigamente, é um cigano moderno. Antigamente, os

ciganos, homens ciganos, não ajudavam em nada as mulheres, mas hoje em dia sim. O meu irmão mais velho: a minha cunhada trabalha e ele também, quando chegam a casa um faz o jantar e o outro dá banho aos meninos, veste os meninos, faz também.

Aqui, nestas casas, uma pessoa tem uma coisa boa que é termos casa-de-banho, coisa que lá, debaixo da ponte, nós não tínhamos mas, o resto é barraca igual!

Eu, não é de mim, é dos meus filhos, mas não gosto muito de estar neste bairro. Nunca gostei porque, se os nossos filhos andarem a brincar na rua há pessoas, há crianças que querem ser chefes, não pode ser. Já houve conflitos também com eles, da nossa família. Dantes não eram estas técnicas, eram outras, isto há uns anos atrás, porque eu já cá tive uma casa e depois deixei a casa. Havia muita confusão e a gente decidiu deixar a casa. Entregámos a casa à Câmara. Mas como não correu muito bem, nós estávamos numa casa alugada e não correu muito bem, viemos outra vez para aqui.

Aqui, nestas casas, uma pessoa tem uma coisa boa que é que temos casa-de-banho, coisa que lá, debaixo da ponte, nós não tínhamos mas, o resto é barraca igual! O que a gente diz aqui ouve-se lá fora, o que dizem lá fora ouve-se cá dentro, é a mesma coisa. Não temos aquela coisa que é quatro paredes. Não são quatro paredes, é só madeira e, se bater lá fora, a gente ouve tudo cá dentro. Se se bater assim com um bocado de força abana um bocadinho. Com o mau tempo que houve foi um bocado difícil porque, quando o vento vinha, as casas abanavam todas. Debaixo da ponte só tínhamos a nossa família. Éramos só nós. Aqui não. Aqui temos de dividir com outras famílias e nem sempre corre bem. Onde a gente estava habituados corria bem, nós éramos só nós, entendíamo-nos entre nós. Entre a família era um ambiente bom, não havia aquela confusão dos meninos... e porque o meu filho bate ao teu... e porque o meu é mais novo do que o teu! Não havia essa coisa, éramos família.

Eu já disse ao senhor vereador que eu, por ser cigana, não quer dizer que eu não consiga viver com pessoas que não são ciganas.

Se for para viver numa casa... É o que a gente diz ao vereador porque, sem se ser cigano nem é para vir para aqui! Eu acho que ele devia dar uma oportunidade às

peessoas que estão aqui e que querem sair do bairro: dar casa, uma casa com paredes, normal; não uma casa de madeira. Ele devia ver as pessoas que estão interessadas em mudar de casa. Eu já disse ao senhor vereador que eu, por ser cigana, não quer dizer que eu não consiga viver com pessoas que não são ciganas. Eu já andei em dois cursos e dou-me bem com as pessoas que não são ciganas. Ainda me dava melhor com as pessoas que não são ciganas do que com as pessoas ciganas. Eu também não sou cigana, sou cigana de parte de mãe. Não quer dizer que uma pessoa cigana não possa viver num bairro social que não seja só para ciganos. Eu acho que o vereador e o presidente deviam pensar não juntar os ciganos todos num bairro. Eu acho que isso não é correto porque também não somos bicho do monte. Acho que ele havia de juntar ciganos com as pessoas que não são ciganas que era para essas pessoas verem também que os ciganos não são maus e que se dão bem com as outras pessoas, na minha opinião. Achava isso. É que há pessoas que têm medo de cá vir!

Se formos aqui para uma entrevista de trabalho, se dissermos que moramos no Parque Nómada, é para esquecer! Não há trabalho para nós! O único que há mesmo é os cursos porque são obrigados a aceitarem as pessoas nos cursos. Quando é por parte da Segurança Social eles são obrigados a aceitar as pessoas. Agora, se nós lá formos, num trabalho, dizer que moramos no Parque Nómada é para esquecer. Parque Nómada, Ingote, Bairro da Rosa,... esqueçam! Há pessoas que estão cá há seis, sete, oito anos e ele, assim não dá, não dá casa a ninguém. A minha mãe já está aí há sete anos. Quando ela veio para aqui o meu filho era pequenino, tinha dois meses. Eu acho que seis anos é muito tempo para estar aqui. Devia ser temporário: um ano, seis meses a um ano... e já lá vai sete anos! Daqui a nada oito e elas ainda estão aqui. E eu também, não falo por mim, não é? Que eu já estou aqui há dois anos e eles ainda não disseram nada. E, uma pessoa se vai com queixas para lá, é para esquecer! Eu já fiz queixas aqui, é para esquecer. Nada! A minha casa, o quarto do meu filho está todo húmido em cima, não tenho esquentador em casa e para tomar banho tenho que aquecer água no fogão e eles não fazem nada.

*Eu visto sempre calças. É muito raro vestir uma saia,
eu acho que é por isso que eles dizem que eu não sou
cigana, mas...*

As diferenças entre os ciganos e não ciganos? A fala. A gente vai muito pela fala e pela cor da pele. E da maneira que põem o cabelo: cabelo comprido. Vai muito do

aspeto disso. Eu visto sempre calças. É muito raro vestir uma saia. Eu acho que é por isso que eles dizem que eu não sou cigana, mas... Às vezes lá, os professores, eles sabiam que eu era cigana e perguntavam-me o porquê de eu não vestir saia, eu disse que não gostava. A minha filha também veste sempre calças. As duas. Também é raro vestirem uma saia. Há certas famílias sim que não gostam de ver certas pessoas com saias. Isso já vai de cada família. Na minha família nunca aconteceu isso. Eu gosto mais de calças. Acho que para aí há dois anos não visto saia. Já quando era solteira era só calças. O meu sogro é daqueles antigos, gostava que eu vestisse saia, mas eu disse-lhe -“Eu casei com o seu filho não foi para andar a vestir aquilo que ele quisesse!” Continuei sempre a vestir calças. Pelo meu marido eu posso vestir calças ou saia, dá igual. Respeita, é decisão! Ele também veste o que quer!

O luto é toda de preto, da cabeça aos pés. Não há música, não há televisão. O tempo que demora depende do que a pessoa esteja de luto, por exemplo, aqui a minha vizinha, está de preto vai fazer quatro anos. Foi a mãe. Ela não é casada. Há pessoas que estão um ano, ano e meio de preto. Enquanto esse tempo a gente estiver de preto não pode haver televisão nem música. Há pessoas que não são crentes na igreja, os nossos foram sempre á igreja. Eu sou católica, há ciganos católicos. Aqui uma vizinha não é católica, é evangélica. Depende.

Antigamente, estávamos sempre a ouvir música cigana, agora já não. Também já gostamos da quizomba e essas coisas mas, antigamente, era só música cigana. Outras diferenças só se for o deixar de ir à escola a partir dos quinze anos, que há crianças que já não vão à escola a partir dos quinze anos. Histórias do povo cigano só ouvi falar de uma santa cigana, mas isso não foi pela minha família. Foi por uma assistente social da Associação Integrar, foi ela que nos falou da santa cigana, a Santa Sara Kali, e da Roda Cigana, mas do resto... Não sabia de uma santa cigana, foi a primeira vez que ouvi falar nela! A roda cigana também não! Ouvi dizer dos ciganos de carroça, com burros e, por isso, a bandeira dos ciganos é uma roda. É só o que ouvi falar.

*Se já não estamos nos tempos de antigamente
eu acho que as crianças devem continuar na escola,
brincar e casar quando bem lhe apetecer a elas.*

Há muitas famílias em que as crianças chegam a um certo ponto e não vão mais para a escola porque às vezes é para casar, outras vezes é para ficar em casa. Os filhos não, os filhos continuam a estudar. Geralmente tiram as filhas quando entram na idade de casar, como eles dizem. A partir dos quinze, dezasseis anos, é a hora: é a idade de casar. A minha mãe e a minha tia não sabem ler, acho que não deram essa oportunidade a elas. A minha tia estava agora a tirar um curso mas não pode estar muito tempo sentada, tem bicos de papagaio e teve que deixar o curso. Mas era uma coisa que ela gostava, aprender a ler e a escrever. Eu acho que antigamente para andar na escola tinha que se pagar - acho eu, por aquilo que ouvi dizer - não sei se davam os apoios que dão agora porque antigamente acho que não davam apoio para os livros nem... Acho que ia também daí! Não influenciava muito as crianças a ir para a escola. E acho que agora dão mais apoio. A questão do abono, a questão do subsídio que dão na escola para comprar os livros, acho que isso adiantou muito as pessoas irem para a escola. Nunca se viu tanta criança cigana a estudar e agora, como é obrigatório estudar até aos dezoito anos, acho que é uma vantagem para as crianças que querem estudar.

Tenho duas primas que já têm o décimo segundo ano, têm dois cursos acabados, uma está a estagiar e a outra está a trabalhar. São solteiras. Uma vai fazer vinte e um e a outra tem dezanove. Acho que essa pressão, na nossa família, de casar mais cedo, não há. Não há essa pressão. Então elas estão a gozar a vida. A gozar a mocidade como se costuma dizer. Agora as ciganas não são aquelas que casam aos quinze, dezasseis anos. Há ciganas a casarem aos dezoito, dezanove anos, serem mães mais tarde. Há isso agora. Estudar, tirar cursos..., andarem da maneira que elas gostam. Acho que agora há mais essa oportunidade para elas. Antigamente não se andava assim. Ainda não há muito tempo apareceu na televisão uma menina com onze anos que foi obrigada a casar e que foi retirada ao marido. E ainda bem que houve a polícia que entrevistou e tirou a menina ao marido e foi para uma instituição, que ela hoje está numa instituição. Não é entregue aos pais. Eu acho que sim porque, se já não estamos nos tempos de antigamente, eu acho que as crianças devem continuar na escola, brincar e casar quando bem lhe apetecer a elas.

Eu às minhas filhas digo para irem para a escola e serem alguém. E a Catarina também, é uma grande ajuda da minha filha. Ela aqui há tempos estava a baixar as notas e a Catarina é que ajudou a subir as notas. Quero que elas continuem na escola.

Tenho uma prima com 20 anos e continua na escola. E mesmo que houvesse alguém a criticar, os filhos são meus! Se o meu marido fosse ao contrário, acho que não... que quem manda mais nos filhos são as mães, por isso o pai também não tinha. Se o pai tiver de acordo muito bem, se não, ele não mandava.

Eu tenho um dispositivo. Foi por opção mesmo

Eu tenho um dispositivo. Foi por opção mesmo. Tenho quatro filhos, a minha mais nova tem quatro anos, vai fazer agora cinco. Foi quando eu tive o meu dispositivo. O meu marido ainda quer ter um menino. Nós só temos um menino e ele ainda quer um menino. Isto nos ciganos é normal terem assim, há muitas pessoas que têm muitos filhos, é normal, nalguns ciganos. Eu não acho, por enquanto, por a minha vontade não. Pára por aqui! Só que temos a opinião do marido, a opinião do marido também vale. Era para fazer a laqueação. A minha médica disse que como eu já tinha quatro, ou punha o dispositivo para cinco anos ou fazia a laqueação. O meu marido disse que eu era muito nova para estar a fazer isso, então eu fiz caso dele. Optei por pôr o dispositivo. A primeira vez que tomei a pílula foi quando tive a minha filha, aquela de quando se está amamentar. Tomei essa pílula, fiquei grávida da segunda e depois pus um dispositivo para três anos. E quando tirar o dispositivo vou ter de tomar a pílula porque a minha médica já teve, entre aspas, a ralar comigo. Ela está com medo que eu apanhe gordura no coração e disse que se eu continuasse assim a engordar que não esperasse até fazer os cinco anos, fosse tirá-lo e tomasse a pílula, que ela não quer que eu esteja assim. Algumas mulheres ciganas não reagem bem à sugestão de dispositivo ou laqueação, porque pensam que estão a mandar na vida delas, mas outras aceitam.

As mulheres quando se casam devem ser independentes.

Se há pessoas, ciganas ou não ciganas, que não estudaram, elas que aproveitem a oportunidade, que estudem e que sejam livres. E que não estejam agarradas ao marido! Há muitas pessoas que têm violência doméstica porque as mulheres também se agarram muito aos maridos. As mulheres quando se casam devem ser independentes. Eu, ao fim-de-semana, também sou obrigada a ser. Ao fim-de-semana sou obrigada a ser independente, porque estou sozinha em casa, não tenho o meu marido em casa. Ao fim-de-semana ele é preso. Então, ao fim-de-semana, tenho de ser in-

dependente também. A gente não pode estar sempre à espera do marido. Acho que não devem ser tão agarradas aos maridos, nem as mulheres agarradas aos maridos, nem os maridos agarrados às mulheres. Acho que assim uma relação corre melhor.

Acho que, também, as mulheres deviam aceitar esses cursos que há: as novas oportunidades. Acho que fazia bem a elas, estavam ocupadas e para certas pessoas que não têm onde viver que arranjassem casa para elas. Mesmo que isto seja tipo barraca, ainda tenho uma casa e há pessoas que vivem dentro de umas carrinhas, ou na rua, e acho que deviam dar oportunidade para elas terem uma vida. E assim continuarem a vida delas e fazer ou cursos, ou estudar, ou o que elas quisessem. Há pessoas que não são mães por não terem as condições necessárias. Eu acho que isso era bom para elas.

Gostava de não estar aqui neste bairro. Gostava de estar noutro. Um bairro que não tivesse só famílias ciganas, num bairro com todas as pessoas, que não fossem só ciganas, um bairro misturado com pessoas.

Daqui a mais ou menos dois anos esperava não estar aqui neste bairro, se estiver cá gostava de ter outra casa e estar a trabalhar. Eu e o meu marido, e as minhas filhas, continuarem na escola que eu, lá por ser cigana, não vou tirá-las da escola assim. Quero que elas continuem. Fazer o curso de cabeleireira, e depois tentar trabalhar em cabeleireiros, era o que eu queria. Sim, o meu marido apoia-me para continuar a estudar. Ele também está agora a tirar o nono ano. Empregado comercial. Gostava de não estar aqui neste bairro. Gostava de estar noutro. Um bairro que não tivesse só famílias ciganas, num bairro com todas as pessoas, pronto, que não fossem só ciganas, um bairro misturado com pessoas.



MARIA DO NASCIMENTO FALCÃO, 75 ANOS,
EX-EMPREGADA DE ESCRITÓRIO NA COOPERATIVA DE CONSUMO PIEDENSE

*A vida clandestina e de mulher de um político não é fácil.
Foi tudo muito difícil!*

Sou Maria do Nascimento Falcão, tenho 75 anos, sou natural de Olhão, onde estudei e fiz o segundo ano do liceu. Vim para Almada (Cova da Piedade) com 14 anos. O meu pai era pescador, a minha mãe era doméstica.

*A Directora chamou-me e disse-me: “Não temos alunos que cheguem para pagar aos professores”
(...) Arranjei trabalho em Almada que era terra de muitas costureiras*

A minha mãe era doméstica mas tinha uma escolinha em casa e dava aulas aos miúdos. Ela dizia que passou com distinção e gostava muito de estudar, só que não pôde. E como gostava muito de crianças, tinha lá uns banquinhos e ensinava os miúdos. As mães iam para o trabalho e os filhos ficavam ali e iam aprendendo pela Cartilha de João de Deus. Eu também aprendi por essa Cartilha, ainda a devo ter lá em casa. Estudei com bolsa de estudo até ao segundo ano do liceu. Quando fui para o terceiro, a Directora chamou-me e disse-me: -“Não temos alunos que cheguem para pagar aos professores. Mas ficas cá, vens às aulas na mesma para não te esqueceres, e depois, para o ano, já temos mais alunos!”

Entretanto viemos viver para a Cova da Piedade. Fomos morar para uma casa que tinha um pátio grande, um quintal muito grande, com vários anexos. A senhoria tinha duas filhas e um filho, havia mais outra senhora que estava lá com o marido -ele era professor e comecei lá a dar o francês comercial, e tinha lá a filha e o neto. Quer dizer, aquilo era uma família, à qual nos juntávamos nós, que éramos três filhas, mais a mãe, e o pai (quando não andava embarcado). A filha também era modista, depois comecei a ir para lá porque o miúdo também se afeiçoou e nem comia se eu não estivesse. Então, eu ia para o pé dela e ia cozendo. Mais tarde arranjei trabalho em Almada que era uma terra de muitas costureiras. Lembro-me que havia aquela moda das saias com aqueles folhos...ai, a quantidade de saias que eu fiz! E fazia já fatos e tudo. A minha prima trabalhava numa outra casa, próxima, e o seu trabalho era para o Casão. O meu trabalho era mais de modista e fazia serões, às vezes até às duas da manhã, porque a senhora para quem eu trabalhava tinha aqueles clientes que queriam as coisas prontas naquele dia e tinha de ser. Eu ganhava 25 tostões por semana.

*A menina nasceu com o cordão enrolado ao pescoço
e já não havia nada a fazer*

Conheci o meu marido num baile no Pombal. Namorámos ainda dois anos, depois casei e fui morar com a família dele, a avó, uma tia e um tio. O meu marido é António, mas é conhecido por Reizinho. Entretanto engravidei da minha filha e estive muito mal. Foi uma parteira lá a casa, que era muito amiga dos meus tios e da avó do Reizinho. O que aconteceu foi que eu tinha já demasiado tempo de gravidez. eu tinha dores para ter e a parteira mandava-me parar. Aquilo foi pela noite fora e a minha mãe, que entretanto foi para lá, começou a ver que aquilo não podia ser e foi ela mesmo à Clínica do Elvas falar com um médico e ele veio com ela. Foi a minha sorte. O médico disse-me que nem sabe como é que eu aguentei tanto. Fiquei com os ossos deformados e inchei toda. A menina nasceu com o cordão enrolado ao pescoço e já não havia nada a fazer. Esteve muito tempo para nascer, por isso é que ela faleceu.

Eu tinha o enxoval todo da menina que eu própria fiz, tinha a alcofinha, forrei tudo, fiz o colchãozinho, tinha tudo pronto. Entretanto, nasceu o menino da minha vizinha de cima, cujo marido era do Arsenal. Pediram-me se eu ficava com o menino que tinha nascido porque a mãe falecera. Quando o meu marido chegou, ele estava no Arsenal nessa altura, eu disse-lhe: -“Olha sabes passa-se isto e isto, é um menino que nasceu e a mãe morreu e a gente podia ir buscar o menino” e ele disse: “Então mas pensas que isso é assim? Ir buscar o menino? mas tu já viste onde é que tu me queres meter?!”, e eu disse:”Então mas custa alguma coisa criar o menino? A gente não tinha que criara a nossa?” Acabámos por ir buscar o menino, o Toninho. Mas era muito doente. Fui com ele para todo o lado, para a Estefânia, ficou aí internado, depois passaram-no para Santa Marta, para fazer uma punção à cabecinha, mas ficou-se na punção. Tinha sete anos quando faleceu e o meu Carlos tinha 18 meses.

*O meu marido foi preso em 1967 e esteve dois anos preso
Eu continuei a trabalhar na Cooperativa e dava apoio
a pessoas que estavam clandestinas*

Tornámo-nos sócios da Cooperativa de Consumo Piedense. Quando abriu um concurso para empregada de secretaria na Cooperativa, concorri e fiquei em segundo

lugar. Só entraram duas, eu entrei, portanto. Salvo erro em 1960. A outra era uma senhora muito mais velha do que eu. O Reizinho trabalhava no Arsenal, era serralheiro mecânico. Depois foi para a CUF em Lisboa e mais tarde para a Lisnave, quando esta abriu.

O meu marido foi preso em 1967 e esteve dois anos preso. Ele tinha uma Vespa e ia buscar os Ávantes e depois dava a outro camarada para irem distribuir mas ele é que andava de um lado para o outro com a Vespa. Foi no dia 11 de Junho. Havia, logo ali no Seixal, uma mata muito grande. Ele desconfiou que estavam a segui-lo e então ele entrou pelo arvoredo, a fingir que ia fazer uma necessidade. Foram atrás dele e caçaram-no. Esteve dois anos preso. Eu continuei e trabalhar na Cooperativa e dava apoio a pessoas que estavam na clandestinidade e que precisavam de coisas, de consultas. E lá ia eu para o Dr Malheiro, que, coitado, se fartou de dar consultas gratuitas. Eram pessoas clandestinas que nem sequer tinham o nome...nada! E isto era constantemente. Havia um casal do Alentejo que estava ali, para os lados de Vale Figueira; arranjaram uma cabana, onde estavam as vacas e outros animais; lá se caiu aquilo, mas estavam numa triste situação. Tinham um casalito, uma miúda e um miúdo, eles andavam clandestinos, ele era mesmo funcionário do Partido e eu e a minha mãe, levávamos lá tudo aquilo que podíamos. Entretanto apareceu outro casal ali do Monte, que era a mulher do Manuel Gonçalves, ele era do Comité Central do Partido e tinham muitas dificuldades. Depois também havia outro casal que tinha o filho muito doente e iam muitas vezes à Cooperativa ter comigo, para ver o que eu lhes podia arranjar, consultas médicas, receitas de medicamentos. E era assim; andava sempre a arranjar coisinhas para eles. E elas, na Cooperativa, sabiam o que se passava e também ajudavam; uma vinha com fruta, outra com isto ou aquilo... Tinha que se ir arranjando...eles não tinham ganhos. Tinham filhos, ainda por cima doentes.

Claro que havia riscos com a polícia. Eu estava lá em cima, na Secretaria, fazia os ordenados, fazia os contratos. E houve uma altura, quando eu estava na máquina de contabilidade, estava de frente e vi-os logo; tive logo suspeitas de que eram eles, porque houve uma altura, depois do meu marido ser preso, em que tive muitas chatices porque me telefonavam a toda a hora, não sabia quem era, mas calculava que era a PIDE. Eu ficava sempre transtornada quando eles me telefonavam. Eu dizia assim: "Estes filhos da mãe, andam aqui a chatear-me a cabeça!"

Nessa altura, em que eu estava a fazer a contabilidade, levei trabalho para casa, para fazer enquanto o miúdo dormia. Era feito numa prancheta que tinha duas fichas e tinha de se pôr papel químico. A PIDE foi lá e aquilo fez-lhes uma confusão! Eles esca-rafuncharam tudo. Quando chegava o mês de Maio era sempre pior na Cooperativa, porque era quando eles iam dar a volta às fichas; alguns dos sócios eram informadores da PIDE, nós não sabíamos, mas, depois, viemos a saber que eram da PIDE: uns do Arsenal, outros da Marinha, e nós nem suspeitávamos. Faziam parte dos órgãos sociais e até da Biblioteca! que estava recheada de tudo, tantos livros! (os sócios levavam os livros para casa para ler).

*A minha casa também servia de ponto de apoio
[aos clandestinos]*

A minha casa também servia de ponto de apoio [de casa de apoio];tive lá uns camaradas , de quem nem sabia o nome [verdadeiro]. Depois, quando no jornal vinha que este ou aquele tinham sido presos e eu via a fotografia, é que ficava a saber quem eram, na realidade. Porque os nomes [que davam] eram sempre diferentes. Tínhamos um camarada que ficava lá em casa e eu tive de despistar a minha mãe porque ela também não sabia que eu tinha lá pessoas. Ela morava no rés -do -chão e eu no segundo andar. E ela:”Então foste embora e não me deixaste a chave?!”,”Ó mãe, deixe lá isso, que não tem importância nenhuma!”-“Mas porquê? porquê?,-“Deixe estar...” quer dizer, arranjava umas desculpas quaisquer, para ela não desconfiar.

Quando o meu marido foi preso eu tinha a casa bem cheia -- ele tinha-me levado para lá uma mala cheia de coisas, tanta coisa, tanta coisa. E tinha também lá essas camaradas de Vale de Figueira, eles estavam numa tipografia, onde faziam os Ávantes. Eu tinha uma série de livros do Álvaro Cunhal, tinha também uma máquina de escrever, portanto tinha lá muita coisa, na dispensa. A PIDE quando foi lá, levou-me tudo. Até o colchão da cama do meu Carlos tiraram, desfizeram tudo, eu tinha coisas espalhadas até à porta da rua (que ainda é um corredor bastante grande). Eu guardava coisas até no autoclismo, é verdade! Eles não deram por isso, até foram ao frigorífico. Mas o que levaram era o que estava na dispensa: os livros, a máquina de escrever. Agora as coisas que estavam cá em baixo, que eram as mais importantes,

não levaram. Porque, antes de eles lá irem, ainda consegui tirar algumas coisas com o apoio da tia Reizinha, uma velhota com 80 anos, que levava debaixo do xaile uma coisinha de cada vez, para casa de um amigo nosso. Era muito rija e tesa e consegui tirar-me tudo de lá.

*“Ó homem, tens que ir! Tu não vês que não podes cá estar!
Se te apanham, já viste as medidas de segurança?!”
[as várias tentativas de fuga, do pai, do Reizinho]*

Quando o Reizinho saiu da prisão estava sujeito [a apanhar] medidas de segurança [se voltasse a ser preso]. Não tinha emprego. Não podia ir para a Lisnave porque não o aceitavam, pois era uma pessoa indesejável. A gente não ia adivinhar que se ia dar o 25 de Abril, e ele teve de fugir para França. O que eu passei por causa da fuga dele! O meu Carlos era pequenino. A certa altura um camarada foi preso e falou nele e noutra camarada, que era o João Raimundo, uma pessoa de certa idade, que já tinha estado preso. E então foram dizer-lhe que tinha de sair imediatamente, que tinha de ir para fora. “Vai para fora? Mas para onde? Olha vai para o Algarve, para casa de uma tia, irmã do meu pai”. Eu tinha que ficar aqui. Lá estive a dizer ao meu filho o que é que se passava, mas ele sempre foi muito responsável, sempre foi muito homenzinho e percebeu tudo. E lá foi com o pai, a fazer de pai do pai. Depois mandaram dizer que não podia lá estar. E eu “ai meu Deus, então o que é que eu vou fazer?”; digo eu assim: “Vai para Vila Real de Santo António; para uma senhora também de família, tenho também lá primos, vai para lá”. Um primo meu tinha um barquito, em que ia à pesca no Guadiana e levou-o nele para Espanha. Mas o meu marido voltou! Quem é que dizia que ele ia !! Eu assim: “Ó homem tens que ir! tu não vês que não podes cá estar!? se te apanham, depois, já viste as medidas de segurança!?!”. Isso é a mesma coisa que dizer que vais apanhar uma data de anos [de prisão]!”. Bem, fez-me a vida negra. Depois a minha prima tinha uma amiga que estava de férias em Setembro e voltava pra a França e então foi pedir à mulher que levasse o primo para França. Sem dizer nada, sem que as pessoas se apercebessem, lá foi. Quando chegou à fronteira com a França não o deixaram passar e teve de voltar para trás. E eu: “Mas o que é que eu vou fazer com este homem?” Eu tinha um primo em Algeciras. Mas aquilo era só grades e o gradeamento meteu-lhe uma confusão! Bem! Não quis ficar lá. Voltámos para Vila Real; havia uma festa, aproveitou a festa, levou dinheiro, um saco de plás-

tico com a roupa. Foi de manhã cedo, mas meteu-se por uma quinta e eram os cães a ladrar! Bem lá consegui fugir, meteu-se pelo rio a nado. Teve de molhar a roupa, o saquinho da roupa. Despiu-se, pôs a roupa ao sol, comprou o bilhete e lá foi. Para França! Assim que pôde, veio-se embora! Dizia que era de cá, tinha que estar cá para ajudar os camaradas, não podia estar longe, aqui é que ele tinha que estar. E veio-se embora. Nem chegou a um ano. Quando veio andou aos biscates. Andou a trabalhar num lado uns meses, noutro lado outros meses. Vi-me grega com ele, até que conseguisse, ele e outro camarada que fugiu, irem para perto de Azeitão, para uma quinta. Estava lá disfarçado. Quando cheguei lá, nem o conhecia.

*A vida clandestina e de uma mulher de político,
não é fácil. Foi tudo muito difícil*

Quando o meu marido estava preso e íamos às visitas, o meu filho andava sempre a contar histórias e achavam-lhe muita graça. Tinha sempre uma história diferente, arranjava aquilo ali, de momento, punha-se a inventar. Uma vez, lá em Peniche, nós estávamos no parlatório e o meu cunhado tinha ido nesse dia e o meu filho gostava muito de estar com ele :”Tio, oh Tio, mostra lá de onde é que vem o meu pai?” e ele levantou-o, as janelas eram altas e ele olhava para ver de onde o pai vinha. O guarda dizia que ele não podia estar ali; “Mas é só para o miúdo ver de onde vem o pai!” Na visita seguinte os vidros estavam pintados de tinta branca! E quando se levava comida e não deixavam entrar! Toca de voltar para trás. Uma vez que ele fazia anos, eu só disse assim: “são quantos?”, para ele me dizer quantos [companheiros eram], para eu levar o comer, pois nesses dias deixavam entra e levar outras coisas. Havia uma certa tolerância. Só porque fiz essa pergunta, cortaram-me a visita!

O meu filho quando o pai lhe escrevia da prisão umas cartinhas com desenhos ficava todo contente e ia logo mostrar às primas, “Estás a ver, o meu pai mandou beijinhos para ti, mandou beijinhos para a Teresinha!”. Mandava beijinhos para este, para aquela, mandava beijinhos para os moços todos.

*“Ó camarada! tu não podes continuar assim,
a recolher tanta assinatura! Tu tens de olhar por ti!”*

Nessa altura trabalhei imenso para [arranjar] as assinaturas de solidariedade com os presos políticos. Subi e desci a Cova da Piedade tantas vezes! Subia e descia, subia e descia! Estava lá um camarada do Comité Central, no Hospital, que me disse: "Ó camarada! tu não podes ser assim, não podes! Tu tens de olhar por ti, porque tu não podes andar assim, a recolher tanta assinatura, como andas a recolher!" Eu realmente, foi demais. E é verdade, uma pessoa faz coisas do arco -da -velha. E agora estou a sentir tudo. Eu tinha que estar sempre a fazer qualquer coisa, a ajudar. Fosse porque tinha de recolher assinaturas para a libertação deles, ou fosse as senhas para recolher algum dinheiro. Estava sempre em movimento. Quando não era uma coisa, era outra. Davam-me as senhas para eu passar, e os selos, para angariar fundos. Depois eu entregava o dinheiro a outra pessoa, que estava mais no topo (até era uma colega), que o fazia chegar onde devia. Porque eu trabalhava num sítio em contacto com o povo, conhecia e contactava com muita gente. Às vezes também levava negas, mas ia sempre tentando. Também houve outros apoios: o Raul Cordeiro que também foi empregado da cooperativa, a Camélia, também. Na altura em que o Raul foi preso a Camélia estava lá comigo na Secretaria, eu fui muitas vezes com ela vê-lo a Caxias. Mas quando o meu marido esteve preso, não deixavam entrar ninguém, tinha que ser com um cartãozinho e era preciso ser mesmo familiar directo. De outro modo não deixavam entrar.

Uma pessoa tinha que estar sempre atenta. Quando via aquela gente da PIDE pelos vidros da Cooperativa, dizia: "Bem! Lá estão eles aqui, outra vez!", levantava-me logo e ia comunicar com elas, com o resto do pessoal, que ainda éramos muitas. Algumas, coitadas, ficavam muito assustadas a pensar que podiam vir buscar-nos. Porque tinha lá colegas que também eram activas, eram do Partido, e eles sabiam. Quando eles apareciam, com os nomes, para levar as pessoas, avisávamos logo quem podíamos.

Houve uma altura em que eles foram para saber o nome de um amigo da gente, lá da Escola de Santana. E eu, que estava por dentro do assunto, peguei numa factura dele e fui ao pé do chefe da Secretaria para anular a factura e disse: "olha, aqueles estão ali, vieram à procura do Santana! Vou fazer um telefonema, tenho ali uma factura da casa onde a irmã está empregada e vou dizer para se pôr em contacto já com ele". Fiz o contacto e ele conseguiu fugir. Quando eles apareceram, já ele não estava lá. Ainda hoje eles falam disso; quando estou com eles, eles dizem: "Devo-te uma!"

Eu trabalhei 28 anos na Sociedade Cooperativa Piedense

A Cooperativa era muito importante. Tínhamos as cadernetas, assentava-se tudo, as pessoas não pagavam logo. Quando recebiam iam lá fazer contas. Nós tínhamos uma trabalhadeira com aquilo. Passava os fins de ano a “trancar” as cadernetas, a ver o que é que deviam, o que é que passava para o outro ano. Para os sócios que eram trabalhadores, era importante poderem pagar quando podiam e tinham um bónus que era uma percentagem sobre o que consumiam. A Cooperativa ajudou muita gente. Quando a Cooperativa começou a não estar muito bem (veio o Pão de Açúcar) pediram para darmos 500 escudos como quota para uma conta de capital social. E houve muita gente que deu para aquilo poder continuar de pé. Depois abriram a Coordoaia que era do Estado. As pessoas tinham lá coisas muito mais em conta e a maioria também eram homens da Marinha e as pessoas iam lá aviar-se. Isso foi outra quebra para a Cooperativa, foi outra queda sem dúvida nenhuma. Houve problemas com a Lisnave e o seu fecho levou a que muita gente passasse a ter dificuldade em abastecer-se. Depois começou tudo a ir por água abaixo. Não podiam pagar os nossos ordenados e houve pessoal que teve de ir embora. Queriam que eu ficasse, mas eu disse que ia com as minhas colegas. Aquilo mexeu muito comigo. Depois fui para a Assembleia Municipal de Almada como secretária e estive lá 18,19 anos. Ainda fiz parte da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, a seguir ao 25 de Abril.

A seguir ao tempo que estamos a viver e para as pessoas que não passaram por nada, é preciso que não se apague de modo algum a memória

Nas escolas não há uma continuidade, não se fala do 25 de Abril, mal se fala dos perigos que nós conhecemos e que podemos voltar a uma situação idêntica.

Passou-se na escola, com o meu neto Hugo o seguinte. Ele disse “Ah! Eu tenho um avô que foi preso” e os outros começaram a rir-se e uma colega levantou-se e perguntou “Oh professora, eu gostava de saber porque é que estes meninos se estão a rir. Eles estão a pensar que isto foi alguma história? Mas isto foi a realidade. Eu sei, porque a minha mãe lhe fez uma entrevista! E eu sei que isto é tudo verdade!” Depois a miúda, chegou a casa, esteve a contar à mãe: “Ó mãe sabes lá ! Hoje, o Hugo, foi

dizer que tinha o avô que tinha estado em Caxias e em Peniche e eles começaram a rir-se dele, já viste?” Ela ainda estava toda assanhada com a situação.

*Sempre tive que ser eu a fazer tudo.
Quando estive na Comissão administrativa de Almada
tive de desistir porque era preciso tratar dos filhos
e o meu marido não me dava ajuda nenhuma*

Sempre participei em manifestações, andava com as mulheres nas lutas. Tenho a impressão de que nunca faltei a nenhuma, mas agora já não posso. No dia 8 de Março, a minha sobrinha veio buscar-me para ir almoçar ao pavilhão, porque a Câmara dá sempre o almoço às trabalhadoras. Lá fui, mas já me custa muito. Mesmo se for a Lisboa, tenho de ir com alguém que vá de carro. Ter que ir de camioneta, depois de barco, depois a pé, já não tenho condições, por causa da minha coluna. Eu devia ter sido operada, mas não fui, para dar assistência ao meu marido que está com uma trombose. O médico disse que eu tinha de ser tratada, mas não posso.

Sempre tive que ser eu a fazer tudo. Quando estive na Comissão Administrativa da Câmara Municipal, tinha reuniões até às tantas. Estive lá uns meses mas depois tive de desistir, porque era preciso tratar dos filhos, e não tinha quem me fizesse nada. E o meu marido era uma das pessoas que não me dava ajuda nenhuma. Eu, é que tinha de o ajudar a ele.



MARIA INÊS CAMPOS, 60 ANOS, OPERÁRIA

Nós tínhamos o sindicato que era para dizer as coisas que as pessoas tinham direito a saber, as leis, os direitos que as pessoas têm que ter.

A vida era um bocado difícil éramos pobres e acabámos por ser criados assim...

O meu nome é Maria Inês tenho sessenta anos nasci em 1953, em Coimbra. A minha mãe teve doze filhos, ficou depois só com oito, porque morreram quatro. Devido a problemas de saúde, porque não havia vacinas e deviam ser aquelas doenças que precisavam de vacinas e não as tinham para dar. Então, ficámos só oito. A vida era um bocado difícil, éramos pobres e acabámos por ser criados assim, a minha mãe ia trabalhar aos meios-dias para as sementeiras, para as terras, e de tarde ficava em casa. O meu pai trabalhava na Estaco, que era uma fábrica de cerâmica, mas era carpinteiro. Estava lá a trabalhar e acabou por criar os filhos, assim, com as dificuldades.

Eu nasci na maternidade, as minhas irmãs nasceram todas em casa, que havia uma parteira que fazia os partos em casa, era assim antigamente. A minha mãe já tinha quarenta anos, já não tinha força para fazer nascer uma menina, de quase cinco quilos. Ainda teve mais dois a seguir. Isto antigamente era assim, infelizmente. Eram muitos filhos, depois, tinha que trabalhar. A minha mãe contava-me que nos deixava sentados nos caixotes de papelão, onde nós estávamos aquele bocado até ela vir. O meu pai trabalhava o dia todo, até se reformou novo, porque tinha um problema de epilepsia. O meu pai era um artista, era carpinteiro e, em casa fazia as encomendas.

Eu vivi numa casa, em Eiras, que é a Quinta do Paço. Na altura, diziam os antigos, que aquilo era uma quinta muito antiga e que a Rainha Santa Isabel ia para lá passar os dias. Portanto, aquilo era a casa, depois, começaram a dividir a casa, o meu pai ficou com uma parte, a minha tia ficou com outra e, havia mais uma outra parte, onde está o Brasão. A casa era uma só. O meu avô como estive no Brasil aquilo era quase tudo do meu avô. Mas, como ele gostava do vinhito, um dia fizeram-no assinar um papel em que ficou quase sem nada. A minha mãe veio lá de Sever do Vouga a ser criada dos meus avós e o meu pai conheceu-a, gostou dela, e casou com ela.

Na casa não tínhamos casa de banho. Mais tarde, a minha irmã mais nova é que ficou a viver com a minha mãe e fez a casa de banho. O meu pai era carpinteiro e fazia aquelas sanitas de madeira, depois tínhamos que despejar lá no ribeiro e, às vezes,

nos terrenos, era assim. Era um bocado complicado. Para tomar banho era na loja. E nós fazíamos assim, usávamos bacias grandes, com água quente e lavávamo-nos. Quando comecei a trabalhar na Fiacó, havia chuveiros e eu, no intervalo, aproveitava tudo. Ai sabia tão bem o banhinho! Eu, adorava. Um tio, que tinha mais posses, meteu a água e a luz, porque a gente era de candeeiro a petróleo. Mais tarde é que começaram a melhorar as coisas e nós também pusemos a luz e a água.

Nós lavávamos a roupa no rio. No verão, fazíamos assim, agarrávamos na trouxa, era assim que a gente falava, na trouxa da roupa e íamos a pé para o Rio Mondego. Na altura não havia as barragens, agora é que é mais perigoso, até mesmo para nadar. Nós até tínhamos aquele “regadeiro”[regato], era menos água e, assim, nós lavávamos lá. Era a maior parte das pessoas. Nós lavávamos a roupa, corávamos, depois lavávamos e enxugávamos e vínhamos com a roupa já enxuta para casa. E, nos intervalos, tomávamos banho vestidas e tudo. Também cantávamos as canções que havia na altura, as canções das fogueiras e essas coisitas assim. A minha sogra é que, às vezes, conta que ia para o rio lavar e que cantava muito, que as pessoas paravam para a ouvir cantar, que ela cantava muito bem.

Depois, quando fiz a quarta classe, fui trabalhar.

Nós fomos todos à escola. Fizemos a quarta classe. Os mais velhos e tudo fizeram a quarta classe. Depois, quando eu fiz a quarta classe, fui trabalhar, para uma fábrica de malhas, que era ali na Rocha. Íamos a pé de Eiras para lá. Estive lá um ano nessa fábrica, tinha doze anos. Aquilo era assim, dávamos a água aos trabalhadores, as que eram mais novitas na fábrica, porque eles não se levantavam para ir à água, nós é que dávamos a água. Depois, quando chegava a uma certa altura, ia outra mais nova dar a água e nós íamos subir para fazer [outro tipo de] trabalho na fábrica. Depois, era dar fio às trabalhadoras. Elas sabiam as referências de fio e íamos às prateleiras e trazíamos o fio adequado para elas trabalharem. Mas nós a darmos o fio tínhamos de saber a referência. Por exemplo, se me dissessem assim: “quinze dias vou ensiná-la e vai aprender.” Mas não, eu fazia aquilo que podia e sabia, depois demorava mais tempo. Conclusão da história, as empregadas ficavam todas à espera. Depois o patrão, claro, veio [e disse:] “Porque não te estás a despachar?” e eu respondi: “Desculpe mas eu não nasci ensinada, tenho que aprender e estou a fazer o melhor

que sei.” e eles não gostavam dessas coisas. Cheguei a casa e disse ao meu pai e ele não quis que eu fosse mais para lá.

Depois, as minhas irmãs andavam na Fiaco, que era [uma fábrica] de algodão. E, então, foi assim, as minhas irmãs andavam lá e puseram-me ao pé delas. Até que andei lá uns quinze anos. O trabalho de lá era: primeiro é mesmo o algodão no tear, depois fazer os cones, para irem para os contínuos fazer o fio e depois o fio vai para a dobagem para fazer camisolas no tear. Depois até podiam, por exemplo, tingir. Havia uns tintureiros, também tingiam as camisolas. Na fábrica havia muito barulho e a gente cantava, cantávamos muito. Ao domingo, era quando íamos fazer a reparação das máquinas, olear as peças. De vez em quando íamos aos domingos trabalhar. Depois estava silêncio e a gente cantava. Até ganhava quinhentos escudos, na altura, e a minha mãe, como tinha muitas dificuldades, eu dava-lhe esse dinheiro. [Também a] ajudava, ia fazer limpeza na casa da senhora, para ela não ter tanto sobrecarrego. Ela fazia a limpeza na senhora, onde a gente comprava a mercearia, e, depois, abatia o dinheiro que devia. A minha mãe [também] tinha que ir para as sementeiras apanhar pranta, para vender no mercado às pessoas que tinham sementeiras e terra para semear. Compravam a pranta, que é couve. Chamam-lhe pranta e vem ainda com terra e as pessoas compravam e depois semeavam nas terras delas.

O meu pai em casa fazia as encomendas que lhe faziam. Por exemplo, mesas e outras coisas para arranjar. Eu também ajudava, a lixar, a pôr verniz e depois ia entregá-las. Às vezes custava-me bastante. Até devo sofrer da coluna por causa disso. As mesas eram de madeira maciça, não era desta madeira, antigamente era mesmo madeira. Depois aquelas camas, com aqueles feitios, com aqueles recortes todos, eu fazia isso tudo.

*O 25 de Abril foi uma coisa boa para nós.
Porque nós não tínhamos liberdade para falar,
nem liberdade de expressão e fazia falta não é?*

Nós queremos dizer: “Ah isto está tão mau, uma pessoa quer comer, quer isto quer aquilo e não há.”, porque agora ainda vai havendo alguma coisa, mas naquela altura é que não havia mesmo nada. Trabalhava-se três, quatro dias por semana. A mi-

nha sogra, e o meu pai, comigo já não foi assim, mas eles trabalhavam poucos dias, era conforme havia trabalho. O dinheiro era pouco. Depois começou a melhorar. Começou a melhorar muito mesmo.

*Fui delegada sindical da Fiaco e ia às reuniões,
depois vinha dizer às colegas o que se passava,
o que se tinha que fazer e depois havia greves.*

Já foi depois do 25 de Abril, que nós antes não podíamos fazer grandes coisas. Mas pronto, nessa altura, havia greves. Fui delegada sindical da Fiaco e ia às reuniões, depois vinha dizer às colegas o que se passava, o que se tinha de fazer e depois, havia greves. Nós fazíamos os plenários no refeitório. Mas alguns não gostavam muito. E até diziam: “Ai não falem para a fulana que ela influencia.” Mas nós tínhamos que saber muita coisa e até das leis, porque as pessoas também tinham que ser esclarecidas. Uma vez tive uma cena! Às vezes havia pouco algodão e só dava para algumas. Algumas iam buscar, eu também ia, mas não dava para fazer as pregas todas. Então, uma vez estive de castigo quinze dias porque não havia, se houvesse dizia assim: “Olha há e ela não quer trabalhar.”, mas não, não havia e depois a encarregada disse que eu é que não queria trabalhar. Mandaram-me de castigo, sentei-me num banco e deixei-me estar sentada, não saí dali. Mas era a tal coisa, quer dizer, no fundo, aí a encarregada é que foi a culpada. Era a tal pressão que elas levavam e depois pressionavam-nos a nós. Era as tais coisas. Porquê? Eu era delegada sindical e não gostavam muito disso. Uma vez até lá houve um plenário e não queriam deixar entrar, mas nós entrámos à força. Era assim. Na altura estavam a querer cortar essas regalias. Nós tínhamos umas horas por lei para fazer plenários e alguns patrões não deixavam. Eu ainda era solteira na altura, salvo erro.

Eu lembro-me de uma vez, trabalhava nos contínuos, e, depois, mais tarde, fui para a dobagem e aquilo para se dobar, se o fio for bom, doba-se bem e faz-se a produção, ao fim do dia tínhamos que ter aquela produção feita. E se o fio fosse bom, muito bem, andava-se perfeitamente, mas se o fio tivesse nós, partia muitas vezes. Então, tínhamos que estar a dar o nó e demorávamos mais tempo. Uma vez houve lá um fio trocado, uma coisa assim, agora não estou precisa do que foi mesmo e eles obrigaram-nos a pagar aquele dinheiro. E eu, como estava no sindicato, ia lutando,

lutando, para ganhar esse dinheiro, as minhas colegas e eu. Já andava a trabalhar na Miderâmica quando fui receber esse dinheiro. Nessa altura era muito dinheiro para nós, quinhentos escudos, era muito dinheiro. Havia a luta pelas quarenta horas porque trabalhávamos quarenta e oito horas por semana. E depois começaram a lutar pelas quarenta. A gente saía às seis, depois começámos a sair às cinco e meia, depois começámos a sair às cinco, era assim, fomos lutando por isso. Mas eles agora até já estão acho que a voltar ao mesmo, a mais horas.

Uma vez que eu fui ao médico com a minha filha e trouxe a justificação, e outra [trabalhadora] também teve uma consulta do filho, o patrão a ela pagou-lhe e a mim não. Eu fui falar com ele e disse assim: “Gostava de saber o que é que o papel da minha colega tem que o meu não tem, que eu fui ao médico com a minha filha e ela foi com o filho dela e pagaram a ela e a mim não.” e ele, depois, pagou-me. Havia aquelas pressões. E acabámos por fazer várias lutas para termos os nossos direitos.

Depois ele já não saiu dali e pediu-me para dançar e foi até hoje. Foi, foi. É engraçado. Foi até hoje.

Quando andava na Fiaco conheci o meu marido que, na altura, trabalhava na Estaco. [Um dia] estava lá parada mais uma amiga, [que também era amiga dele] e ele passou e a gente estávamos lá a ver. Depois essa minha amiga, que é casada com um primo dele, vai assim: “Aquele rapaz que vai ali dança muito bem.” E eu, como era muito dançarina, gostava muito de dançar, [disse]: “Olha, eu gostava de dançar com ele.” Foi assim e ela falou com ele. Conhecemo-nos assim. Depois havia bailes. Os bailes em Eiras, na Pedrulha, na Adémia, Lordemão, mais festas, em Celas, em todo o lado e mais algum. E nós juntávamo-nos mais uma tia minha, que ia sempre. A minha mãe não, não tinha esse voto para sair. Então era uma tia minha que nos levava aos bailes. Íamos sempre a pé para os bailes. Um dia fomos ao Loreto, onde ele também estava. Ele queria pedir-me para dançar, mas vinham outros primeiro que ele. Na altura, essa minha amiga veio ao pé de mim e disse: “Vê lá que ele quer dançar contigo.” e eu assim: “Ele que se apresse, os outros apressam-se ele tem que se apressar também.”. Depois ele já não saiu dali e pediu-me para dançar e foi até hoje. É engraçado. Foi até hoje.

Comecei a namorar aos catorze, ele tinha dezoito, eu tinha catorze quase a fazer os quinze, em Novembro. Nós podíamos namorar às quartas, aos sábados e aos domingos. Antigamente era assim, namorava-se à porta e, depois, quando casavam é que iam para dentro de casa. Mas como o meu pai conhecia o meu marido achou que era melhor estarmos dentro de casa a namorar e assim foi. Namorávamos lá em casa. Namorei ainda sete anos, porque ele era filho único e livrou por “amparo de mãe”. Ele trabalhava para a mãe e para a avó, praticamente, porque a mãe trabalhou mas depois aleijou-se na mão e veio para casa e só recebeu a reforma da segurança social na altura do 25 de Abril. Na altura o meu marido lutou, lutou, até que acabou por receber o dinheiro do seguro por incapacidade, eram oitenta escudos, uma ninharia se ele tivesse de perder o dia. Então ele não podia casar por causa do “amparo de mãe”, se ele casasse já me tinha a mim e ele teria de ir para a guerra colonial. Foi essa a lógica, por isso é que a mãe tratou dos papéis para ele não ir. Na altura muitos não foram para ficarem a amparar a mãe.

E namorámos assim esse tempo, depois, tinha 22 anos, casámos. Eu tive logo a menina, na altura, quando casámos. Casámos em setenta e cinco. Ele ia para o sindicato e eu também andava no sindicato, até cheguei a levar a minha filha várias vezes comigo às reuniões. Muitas vezes tinha de ser e levava-a. Depois fiquei grávida da mais nova, já foi depois de quatro anos e meio. Era assim um bocado mais de dificuldade, criar duas filhas, uma já era mais ou menos. E a minha sogra é que ficava com elas, não havia aquela coisa para as creches nem nada. Muitos levantavam-se muito cedo, que a gente ía a pé trabalhar para a Miderâmica. E víamos às vezes as mães com os miúdos cheios de frio.

Eu quando fui para a Miderâmica tinha a minha filha dois anos, a mais nova, portanto, ela nasceu em oitenta e um, já nessa altura, e a minha mais velha nasceu em setenta e seis. Quando eu casei andava a trabalhar até tarde, andava das três às onze [da noite], portanto, quando saía era sempre às onze, onze e meia chegávamos a casa. Não era longe. Esperávamos pelas colegas e depois vínhamos a pé. Então, o meu marido, como eu andava em turnos, também se chateava, era chato, e ele trabalhava em Cerâmica. Trabalhou na Estaco e depois o patrão abriu a Miderâmica e o meu marido foi para lá. Conclusão, eu fui para lá, andei lá acho que, talvez, onze anitos. Quando fui para lá já trabalhava o normal, mas fui para lá fazer limpeza. Era assim, as pessoas novas iam para o lugar das que já lá estavam e elas subiam para

as secções, e as que entravam ocupavam o lugar. E eu, então, andava a fazer limpeza do escritório, da sala de reuniões, da sala de exposição, onde eles tinham as louças para mostrar aos clientes, as louças para vender. Depois, mais tarde, quando eu tinha os meus bocadinhos, ia para a secção da vidragem e acabava por arranjar louça. Portanto, a louça tem os buraquitos e a gente tapava com o barro e depois passávamos o pincelzito, depois ia para vidrar. Espanar, vidrar. Até que cheguei a um ponto que já era vidradora e tudo.

*Depois começou a fechar tudo. Foi pena.
Foi pena porque dava trabalho a muita gente
e agora está mais difícil.*

Acabou tudo, as empresas aqui. Isto aqui era uma indústria. Era a Lufapo, a Ideal, a Mondorel, os Limas, a Central de cerveja, a Fiaco, a Estaco, a Cerearte, a Redinha, que era uma fábrica de malhas pequenina que havia, a tipografia logo à frente da Fiaco, havia a Triunfo, a Massas também, ali naquela zona [da Pedrulha], ali haviam muitas empresas. Depois começou a fechar tudo. Foi pena. Foi pena porque dava trabalho a muita gente e agora está mais difícil. **Quando fui para a Miderâmica** ainda estava tudo aberto e fui, talvez, em oitenta e três. Eu tinha 46 anos quando fechou a de Eiras, a Cerearte. Trabalhava lá, era cerâmica também, foi o patrão da Miderâmica que a abriu. Eu ainda andei lá até fechar mesmo. A vontade de trabalhar até era boa, mas também não receber, não havia hipótese. A solução era se fossemos e ganhássemos o ordenado. Porque, na altura, o patrão, que era de Alcobaça, não estava interessado em manter a fábrica aberta e, então, eles queriam vender aquilo para fazer prédios. Mas aquilo andava assim um bocado esquisito e nem andava nem para trás, nem para a frente. Ora, nós tínhamos que tratar da nossa vida e saber o que é que se estava a passar. E nós começámos a saber e tratámos do assunto. Acabaram por vender e foi dada uma indemnização às pessoas [que lá trabalhavam]. Mas, na altura, nós dizíamos: “Nós temos que fazer para andar para a frente e trabalhar e fazer pela empresa.”, porque se fôssemos embora era o que eles queriam e vínhamos com a mão vazia. Então começaram a fazer plenários. Os sindicatos iam lá e nós falávamos, diziam o que é que era e o que não era. Depois ele vendeu [a fábrica]. As pessoas, [os/as operárias/os], depois, até agradeceram. Porque se a gente fosse pelo lado que elas queriam, não recebíamos. Aquilo parado, íamos embora, não recebíamos.

Cada um fazia o seu, iam acartar baldes de cimento, areia, faziam tudo. Eu não fiz muito porque estava grávida. Fez o meu marido, a minha sogra e as pessoas lá do bairro todas ajudaram.

Quando casei vim para o Bairro da Relvinha, aonde eram as casas de madeira, e o meu marido não tinha luz na casa. Eu estava grávida de seis meses quando fui para lá, em setenta e seis. Portanto, foi logo a seguir, o senhor Jorge Vilas e outras pessoas foram competentes e mexeram as coisas. Na altura, se não fosse bem mexido, não se fazia nada. Para as fazerem ainda demorou. Quando casámos o meu marido lá arranjou tudo para pôr a luz, a água e pintou-a, tinha uma casinha, parecia uma princesa. Depois começaram a fazer as casas. Os estudantes estavam cá e vinham ajudar a acarretar baldes de terra, de cimento e tijolos e as coisas que eram precisas. A maior parte eram estrangeiros. E, durante a semana, quem estava em casa fazia a comida para quem estava a trabalhar e eu, como trabalhava [durante a semana], ao Domingo fazia eu o almoço. Cada um fazia o seu, iam acarretar baldes de cimento, areia, faziam tudo. Eu não fiz muito porque estava grávida. Fez o meu marido, a minha sogra e as pessoas lá do bairro todas ajudaram. O meu marido é que sabe melhor essas coisas, porque foi ele que esteve lá desde o início. Quando vim para cá já andavam a fazer-las na altura. Nós fomos para as casas que iam fazendo e depois iam ficando as casas [de madeira] vazias e iam outras pessoas para lá. Há pessoas lá que não foram para lá na altura. Foram depois, viviam em condições até piores e depois acabaram por ir para aquelas casas.

Agora, a maior parte das pessoas que lá estão são filhos dos que moravam lá e é mais fechado que era dantes. Antigamente era outra maneira de ser. Portanto sempre foi assim, a pessoa que faz nunca é bem feito, mas os que criticam não fazem nada. Sempre foi assim e é... há sempre aquelas coisas em todo o lado, há uns que fazem, outros porque não está bem ou concordam ou não. Existe a Comissão de Moradores, que tem uma direcção e os membros da direcção tratam do bairro. Ainda aqui há dias estive a falar com um que pertence, ele disse-me: “Olha eu vou fazendo, fazendo isto fazendo aquilo.”. O meu marido esteve muito tempo na comissão. Ao princípio foi mais ele e o Sr. Jorge Vilas, tratava das coisas, ia à Câmara, ia acolá, falava com os doutores e isto e aquilo. Resolvia as coisas, ainda hoje. Ele hoje nem pertence, mas se for preciso ele vai.

A mulher sempre foi mais prejudicada e agora a mulher, se estiver grávida, já não tem hipótese. As mulheres recebiam menos, até diziam salário igual, trabalho igual, até diziam, mas recebiam menos.

Antes havia mais dificuldades para as mulheres, se ficassem grávidas, se ficassem doentes tinham dificuldades em se empregar e agora está a voltar ao mesmo. Se estivessem doentes não havia hipótese. Depois os patrões acabavam por ameaçar, não é? Um dia fui ter com o chefe e disse que não admitia isso, porque nós tínhamos o sindicato que era para dizer as coisas que as pessoas tinham direito a saber, as leis, os direitos que as pessoas têm que ter. Nós tínhamos que falar as coisas, não estávamos a dizer mal nenhum. A mulher sempre foi mais prejudicada e agora a mulher, se estiver grávida, já não tem hipótese. As mulheres recebiam menos, até diziam salário igual, trabalho igual, até diziam, mas recebiam menos.

A mensagem que eu gostaria de deixar é que esta viagem pelo passado ajude a construir um futuro melhor para as novas gerações.



MARIA LUÍSA ENGRILA BARRA, 81 ANOS, REFORMADA

Da minha vida, tudo o que eu quero transmitir, é que a mulher é um ser igual a tudo e a todos

Vivi com muita pobreza

Tenho 18 anos ao contrário e nasci em Albufeira. Nasci às 6h da manhã do dia 26 de fevereiro, de 1933. Moro no Pinheirinho na Charneca da Caparica. Vim morar para aqui já com o segundo casamento, e foi daqui que eu fugi para o terceiro. Isto foi há 50 e alguns anos.

Vivi com muita pobreza. Apanhei o tempo da guerra, [na fila para comprar pão] dormia no chão, em cima de um casaco, numas pedras, para ir buscar ¼ de pão. O meu pai, que era legionário na altura, teve que se afastar porque era muito revoltado com todos os assuntos que se passavam cá. E o que é que ele dizia? Que vivia num país montado em canelas de chibo, ou seja, as estruturas não existiam já no tempo dele, que era de muita pobreza. As pessoas trabalhavam para o dia-a-dia, vivendo com as dificuldades; graças a Deus que o mar dava muito peixe, era uma zona privilegiada, tínhamos peixe. Nós, as crianças, quando saíamos da escola, para brincarmos, era com as caixas de fósforos vazias, íamos apanhar peixe à praia, pois ficava muito peixe na areia, e escalávamos, salgávamos e fazíamos comboios de peixe, era o peixe a nossa brincadeira.

A partir da altura em que o meu pai teve de fugir para Marrocos, naquelas embarcações que os levavam para lá, o nosso fadário começou quando a minha mãe vendeu tudo para ir ter com ele. E o que aconteceu? Várias pessoas, que fizeram contrato com o homem para os levar para Marrocos, foram enganadas. Ficou-lhes com o dinheiro e deixou-os numa praia em Quarteira, na zona mais desabitada, que eram só dunas, e quando lá chegámos não éramos só nós, (a minha mãe e quatro filhos), eram oitenta homens que iam embarcar. Durante quatro dias não apareceu embarcação nenhuma. A minha mãe levava alguma coisa para os filhos comerem e algumas roupas, que naquela altura não tinham comparação nenhuma com as de agora, eram um vestido de flanela para os miúdos, uns trapos, tudo metido em bolsas porque não havia malas. Ficámos quatro dias nessas dunas. As cobras, durante a noite, assobiavam e a minha mãe a manter-nos muito sossegados com receio que viesse algum bicho daqueles ter connosco, fazia muito calor, era em julho ou agosto, não tenho ideia do mês que era. Entretanto, tivemos de desaparecer todos dali.

A minha mãe foi procurar uma amiga, que lhe deu dinheiro para ela vir para Lisboa com os meus dois irmãos mais pequenos e eu e a minha irmã tivemos passagens para ir para Albufeira, para a casa de cada madrinha. E ficámos aí até ao mês de outubro. Nessa altura, a minha mãe mandou-nos ir para Lisboa. Foi aí que eu fui com um enxoval mais completo, porque o alfaiate que morava ao lado da minha madrinha arranjou-me dois bocadinhos de tecido, fez-me uma saia e ia mais composta com aqueles tamancos de pau que fizeram história. Tenho realmente uma história ainda mais complicada a partir dessa altura. Viemos as duas para Lisboa, a minha irmã com nove e eu com doze anos e, a partir daí, desde a entrada no comboio tivemos logo uma peripécia a meio da noite... Ficámos a noite inteira onde? Em Marvão, porque o comboio da frente era de mercadorias e descarrilou. A partir daí as pessoas metiam-se connosco. Estavam umas senhoras que tinham acabado a estadia de praia (vinham para Lisboa) e já ficaram a falar connosco e disseram: “Oh miúdas, vocês são tão pequenas e vão para Lisboa?”. Eu era tão magra que cabia meio pão daqueles meio escuros no pescoço. Entretanto, como houve aquela disparidade de horas, a minha mãe e a minha tia foram-nos buscar já nós tínhamos chegado. Fiquei muito admirada porque as pessoas tinham-nos dito que Lisboa, para ser vista pela primeira vez, as moças tinham que apanhar uma pedra para meter na boca. Eu com a minha irmã, as duas palermas, quando chegámos, à Praça do Comércio era tudo terra e pedras, estava lá a estátua, mas deviam de estar em obras, porque aquilo não tinha aspeto nenhum. Disse: “Ai, minha rica terra, à vista disto, que é tão diferente!”. Tudo o que tínhamos era o enxoval dentro das bolsas e dois escudos. Então eu digo: “Ai, não temos ninguém à espera...” e a minha irmã disse-me: “Olha, se a gente fosse dentro daquela casinha amarela, aquilo até anda sozinho?”, e eu disse: “Não, dois escudos dá para nós irmos num carro daqueles!”. Era a bandeirada naquela altura (dois escudos) e as palermas foram ao homem do táxi dizer que queríamos ir para aquela morada que tínhamos connosco. E diz – me o homem: “Não, não sei onde fica.”, e eu disse para a minha irmã: “Não, faz mal que a gente vai a outro.” E quando chega o outro diz ele: “O que é que disse aquele meu colega?”, “Olhe, disse que não sabia onde era”, “Ai que esperto que ele foi, esse é que foi esperto!”. E lá nos levou à Rua das Praças. Cheguei lá, diz o senhor do táxi: “Olha, são seis escudos...”, “Ai meu Deus!”. Eu, sem saber onde estava, vi o número da porta e toquei às campainhas todas daquele prédio. Entretanto, surgiu o meu tio, que eu nem sequer conhecia,

na porta da escada de serviço. Ele, coitado, disse: “Ai, as miúdas vieram sozinhas, como?”, e lá foi ele buscar o resto do dinheiro.

*“Olha, moça, a partir de agora, tu és a Maria,
tu aqui chamas-te Maria!”
e puseram-me logo um aventalinho à frente*

Quem morava ao lado da minha tia, naquela altura, era a mãe do Zé Viana. E ela quando nos viu disse: “Ai, miúdas, como é que vocês vieram sozinhas ter aqui? Ai, então vocês é que são as saloias? Olha, eu gostava de ver os meninos de Lisboa na vossa situação, o que é que eles teriam feito? Tinham-se sentado em qualquer lugar a chorar, sem saber o que fazer”. Mas nós já trazíamos um calo das dificuldades que vivemos desde que nascemos, porque nunca conheci riqueza nos meus pais, sempre viveram só do trabalho.

Quando a mãe e a minha tia chegaram, estávamos a conversar com a senhora e a minha tia que era uma pessoa, também, dura da vida, disse para a minha mãe: “Agora pega já nessa miúda e vais levá-la para onde tens os outros dois pequeninos”, (que era a casa de uma outra minha tia, que vivia na Malveira da Serra). E não faz mais nada, telefona para uma outra senhora que eu não sabia sequer que existia, que era madrinha da minha tia e que pegou em mim e me levou logo. E para onde é que ela me levou? Para a casa de uns algarvios que viviam no Bairro Azul. Quando eu me encontro ali dentro, para já, não suportava o cheiro do gás, a casa toda só cheirava a gás e as pessoas dizem-me: “Olha, moça, a partir de agora, tu és a Maria, tu aqui chamas-te Maria!” e puseram-me logo um aventalinho à frente e, quando chegou a hora da refeição, deram-me o tacho com as raspas, aquela comida que fica agarrada aos tachos e com uma grande lata disseram-me: “Olha, moça, agora raspas isso e comes”. Eu raspei, peguei naquelas raspas todas meti tudo na pia. “Ai, moça, agora o que é que comes?”, “Não sei, porque na minha terra penso que os porcos não comem comida desta”, “A moça é mal criada!”. Veio a refeição da noite e colocaram-me outra vez a mesma brincadeira, o tacho das raspas, e assim estive eu a trabalhar, como gente grande, dentro daquela casa, sem comer. O primeiro trabalho que me deram foi um alguidar grande de cachuchos para arranjar e ficaram muito admiradas porque arranjei os cachuchos melhor do que as mulheres a dias que elas tinham tido lá em

casa. E estive quatro dias sem comer, porque tudo o que vinha era raspas e eu metia tudo dentro da pia. Ao fim de quatro dias, calhou num domingo, e já não me aguentava em pé. As pessoas almoçaram e eu lavei a loiça, arranjei aquilo tudo e sentei-me num banco. Saíram todos e eu fiquei com a senhora de idade. E a senhora de idade quando me viu sentada disse: “Oh moça, olha que as criadas aqui não se sentam!” e eu disse: “Pois é, o que é que quer que eu faça agora?”, “Agora pegas num pano e vais arear tudo, tudo.”. Os contadores a gás tinham umas pegas de cobre... “Mas vou arear isso, como?”, “Pegas na solarine, metes no pano...” – eu nunca tinha visto nada para arear, na minha terra os tachos eram areados na praia, a gente era com a areia que se areavam os tachos.

Entretanto, esqueci-me de contar a história da senhora me mandar ir à rua com o cão, fazer um recado. Mandou-me com o cão, e eu, de avental, não faço mais nada... Tirei o avental, segurei na coleira do cão e deixei-o preso no fecho da porta da rua. Quando voltei, nem cão, nem avental, não estava lá nada. E eu assim: “Olha, agora é que vai ser bonito...”. Quando subi a escada, uma porta tinha ficado encostada, o cão também era esperto, entrou, e eu fui à gaveta buscar outro avental. E dali escapei-me, só que a senhora não gostou nada que eu dissesse “Não, agora quem vai arear isso tudo não sou eu, eu já não saio dessa cadeira, deste banco, sem a senhora telefonar para a pessoa que me trouxe aqui, quer ir-me embora, mas é já! Porque, se não o fizer, eu vou àquela janela e deito-me de lá abaixo e fico mais bem servida, deitada daquela janela abaixo, do que estar aqui com vocês». E a senhora, viu que eu era pequena, mas sabia o que queria, telefonou para a filha e fecharam logo tudo. Passei ainda essa noite naquela casa, mas no outro dia estava lá a minha tia. Tinha passado quatro dias sem comer e a minha tia foi-me buscar e fez para um escarcéu tremendo. Eu só disse: “Quero-me ir embora, se não me quer na sua casa, eu vou novamente para a casa da minha madrinha.”.

Trouxe-me a pé do Bairro Azul até à Praça da Figueira, onde ela ainda foi fazer compras, depois veio pela parte de cima do Chiado e desci a Calçada do Combro. Aí pisei um monte de caca de cão, pois pus os pés em cima e escorreguei por ali abaixo. Cheguei a casa, ela arranjou água para me lavar e mandou-me, sem eu comer nada, lavar toda entrada (em pedra); só depois daquilo é que me deu uma fatia de pão com banha. E a partir daí, novamente, a nossa amiga Assunção disse: “Olha miúda, sabes

o que é que tu vais fazer? O que é que tu sabes fazer?”, “Olhe, eu faço tudo o que vir os outros fazerem.”, “Então e tu sabes coser?”, “Sei! Até sei arranjar os fios das roupas.” (não sabia que se chamava cerzir) “Sei passar os fios da roupa e tapar os buracos.”, e diz ela assim: “Então se sabes fazer isso, sabes coser!”, “Olhe, eu sei fazer tudo”, dizia-lhe eu, “Tudo o que eu vir fazer, eu sei”. Ela disse: “Vou-te arranjar aqui um trabalho perto.”. Então arranjou-me [para um alfaiate] na rua Saraiva de Carvalho. Eram pessoas cuja higiene não era feita e misturavam-se os cheiros todos. Era o cheiro dos ferros, era o cheiro de toda a gente. Eu estava habituada a ir ao mar, todos os dias tomava banho no mar, saía do mar passava pela fonte e tomava os meus banhos em grande. Ou então, eram aqueles baldes que se puxava o fio, tinha uma banheira e tinha o célebre sabonete. Sempre gostei de cheiros bons. Lá ia tomar aquele banhinho que era uma maravilha. Tinha desde o cheiro do mar, ao cheiro do sabonete da minha madrinha, que eu adorava.

E assim foi a minha vida... Passei depois por vários alfaiates. Vim para a Rua de S. Bento, depois fui para a Rua da Prata, mas tinha que andar muito a pé (foi das melhores casas, mas aí já me davam seis escudos por dia, já era muito bom para uma miúda) porque o elétrico era cinco tostões para lá e outros cinco tostões para cá, e ali não havia nada para ninguém, tinha que ser mesmo a pé.

A minha mãe disse: “Pois é, a partir de agora sou eu que te vou buscar, porque os ricos nunca quiseram os pobres senão para fazerem pouco deles”

Depois, a pedido da minha mãe fui para a Colmeia, que era a casa da Fernanda de Castro, diretora da Colmeia, da Casa dos Trabalhos (onde havia costura e bordados) e de vários parques infantis. Ali era bem estimada, tinha as refeições, davam-me cinco escudos ao fim de semana e era muito elogiada, porque tinha um cabelo com umas tranças grossas e quando entrávamos passávamos por umas empregadas que verificavam se levávamos o pescoço sujo, se tínhamos piolhos, (naquela altura ainda existiam muitos piolhos). E eu era um exemplo, estava sempre limpa, cuidada. Um dia ela disse-me: “Olha miúda, sabes uma coisa? Terminou o tempo da escola, vais ter férias.”, Mas eu já sabia bordar, já sabia fazer tudo o que ali faziam, já era a preferida do estofador - para fazer os botões que ele colocava nos estofos, e eu assim:

“Ai meu Deus, então agora o que é que eu faço? Nas férias tenho de ficar na minha tia e ela não me quer lá em casa. Lá vou eu ter com as diretoras do colégio, que eram duas irmãs, também excelentes pessoas que eu conheci, e digo: “Olhe, sabe o que é que eu queria? Que vocês fizessem um pedido para eu cuidar de miúdos na Colónia Balnear do Século.” Ai que confusão que isto lhes fez... “Como estiveste aqui este tempo a trabalhar, tens de ter férias... Mas eu vou fazer uma coisa, vou pedir à Dona Fernanda que venha aqui para falar contigo, para ver qual é a opinião dela.” No dia em que marcaram para ir à Dona Fernanda, eu conhecia o penteado dela, e como eu tinha duas tranças grossas, embrulhei-as muito bem embrulhadinhas aqui atrás e qual é a impressão da senhora quando me viu? Abriu a boca e disse: “Ah, olha lá, quem é que te penteou?”, “Olhe, fui eu!”, “Então e tu sabias que esse é o meu penteado?”, “Eu desde que vi a senhora pela primeira vez gostei logo muito do seu penteado...”, disse ela: “Então vais fazer uma coisa... Tu não podes ir para lado nenhum.”. Eu, depois de explicar a minha situação, ela disse: “Então vais dizer à tua mãe que vais para a minha casa para passar as férias comigo”. E assim foi... Fui passar férias com a Fernanda de Castro, à Quinta da Marinha, perto do Guincho. A casa dela chamava-se a Casa dos Sete Relógios e tudo à volta eram casas de ministros. E então, aquela senhora fez-me a honra de eu comer à mesa com os ministros, sempre ao lado dela, e eu que não sabia nem pegar na faca, para cortar – o garfo eu ainda sabia levar à boca, agora a faca, cortar o bife... Eu nunca tinha comido bife, se comia carne ou alguma coisa era na sopa, comida à colher ou amassada com o pão – ela cortava no prato dela e eu, como ficava mesmo ao lado dela, ia sempre comendo tudo o que ela me arranjava. Mas quando eu saía da mesa, as criadas verificaram que eu levava uma fome voraz. O que é que eu comecei a fazer? A chegar lá e dizer: “Se vocês me dessem um bocadinho de qualquer coisa...” e elas ficavam muito admiradas: “Então mas tu ficaste com fome?”, e então começaram a fazer-me uns petiscos e eu comecei a ajudá-las... Onde é que eu podia ajudar? A coser a roupa. Mas o António Ferro deu logo por isso... Perguntava à mulher: “Olha lá, tu tens cá alguma criada agora que saiba coser a roupa? Nunca tive roupa tão bem cosida!”

E vivi alguns anos felizes, porque ela depois disse: “Não pode ser, tu não vieste para aqui para trabalhar!”, mas eu tinha aquela vontade, que era muito bem servida pelas criadas deles, e eu comia, depois de sair da mesa, um copo de café com leite assim bem alto e comia meio pão escuro com um bom rolo de carne lá dentro, era ótimo!

O António Ferro saía comigo, e quando havia filmes novos ele tinha sempre um camarote no Tivoli. Ia com ele, com o irmão da mulher do António Quadros, que nessa altura, quando a conheci, já ela estava de barriga de uma das filhas. A partir daí, contava a história à minha mãe... o António Ferro quando ia para o cinema levava sempre com ele o irmão da mulher do filho, que era Conde de não sei o quê ...e ele levava-me sempre um chocolate, se eu dizia que não queria o chocolate, o rapaz ficava muito vermelho; eu contei à minha mãe que me parecia que o rapaz estava interessado em mim. A minha mãe respondeu-me: “A partir de agora sou eu que te vou buscar, porque os ricos nunca quiseram os pobres senão para fazerem pouco deles, se é um titular, só quer é fazer pouco de ti!”. E com aquela desculpa, emaranhou outras desculpas e levou-me para casa.

Conheci o meu primeiro marido naqueles bailes de São João ou de Santo António. E foi numa disputa, porque havia já, nessa altura, vários rapazes que me faziam assédio a toda a hora, e então eles estavam em disputa: quando disseram àquele que viria a ser meu marido: “Ah, escusas de lá ir, sei que ela não vai dançar contigo...”, e eu, por teimosia, fui mesmo dançar com ele, namorei seis meses e casei com ele. A partir daí vieram outros tormentos. Ele não tinha um comportamento normal, dizia coisas que não me agradavam. Eu também tinha ideias muito cheias dos mitos antigos: “o casamento é isto e é aquilo, e tem que ser assim, dentro desta linha”, e tudo o que saía da linha, para mim, já me complicava o sistema. E então quando alguém me levantava a mão, eu servia-os logo. Levantavam-me a mão e eu que tinha umas mãos pesadas, agarrava logo e dizia: “Daqui já não saís! Não chegas a dar porque eu dou-te primeiro.” E foi sempre assim a minha vida. Nunca bati em mulheres, só em homens. Naquele casamento começou a ter muitas falhas. E eu arranjei emprego na Lanalgo.

*O patrão da Lanalgo e um sócio dele
começaram a arranjar forma de me assediar,
e eu sempre a querer livrar-me deles*

O patrão da Lanalgo, num dia que cheguei atrasada, disse-me: “Olha, tu não podes entrar aqui atrasada!” Disse-lhe: “É que o carro da pessoa que me costuma dar boleia avariou no caminho”. E ele perguntou: “Então, vens de boleia porquê?”, e eu respondi: “Olhe, estou acampada em tal parque assim, assim.”, “Apanhas a boleia onde?”,

“Olhe, apanho no outro lado da estrada”. Não é que, passado um dia ou dois ele estava lá para me dar a boleia. E a partir dali o homem começou sempre a assediar-me... Se eu ia à casa de banho, ele tentava fechar a porta, uma série de coisas que aconteciam naquela casa...

Era o patrão e um outro sócio. Começou a arranjar maneira de me assediar, e eu sempre a querer livrar-me dele. Até que chega um dia, ele deve ter pensado: “Espera lá, que isto não vai assim, vou passá-la para um serviço onde ela seja a última a sair, e aí eu já a apanho.”, e assim foi... Onde é que ele me põe? No balcão das embalagens. Nas embalagens eu era a última pessoa a sair. Quando venho para sair, tinha tudo fechado e resmas de peças de roupa até cima. Para me ver livre dele era tirar uma peça e dar-lhe. Veio-me uma força tal, os nervos eram tantos que o homem rebojava no chão com o que apanhava, e eu consegui livrar-me dele. No outro dia o que é que eu tinha? As manchas das pontas dos dedos dele nos meus braços, porque até atirar com aquilo tudo, ele agarrou-me algumas vezes nos braços, mas levou uma tarefa de tal ordem, que no outro dia fui ao serviço pensando mesmo que ele me ia despedir. No outro dia, chama-me ao escritório, e diz-me assim: “Tenho uma proposta a fazer-te.”, “Não me diga...”, “Dou-te lugar aqui no escritório, aqui ao meu lado.” e eu respondi: “Não, o meu currículo continua a ser o mesmo, você não me deu esse lugar quando eu entrei, pois agora também não o quero!”, “Não queres? Um lugar destes... Não queres?”. Mas, estava farta de passar pelo escritório e uma parte das empregadas que lá estavam, se eu entrasse um pouco mais cedo, via-as sentadas no colo dele... Eu disse: “Não, não quero.”, “Então, como não queres este lugar, dou-te outro. Acompanhas-me sempre, passas a ser o meu guarda-costas.”, “Também está certo... O que você precisa é do que eu lhe fiz ontem, apanhar todos os dias, porque pode ter a certeza que é isso que eu vou fazer.”. Ele estava tão furioso comigo que me disse: “Sabes o que é que tu és? Uma bruxa! Porque não havia homem nenhum que me desse a tarefa que tu me deste!” (porque ele era um homem de grande arcaboço). Eu disse: “Olhe, pense o que quiser, eu vou-me embora para o meu serviço que é lá que eu estou bem.”. E assim foi... Mas aquilo correu, ele deve ter contado aos chefes de secção.

Nós entrávamos pela Rua dos Correeiros, aquilo eram prédios muito antigos, escuros e nós subíamos pela clarabóia, levávamos a mão no corrimão, para saber em que

andar estávamos. Quando me senti agarrada por trás, ai meu Deus... Eu tinha muitos nervos e muita agilidade, só sei é que apanhei-o pela cara, dei-lhe tantas, parti os óculos na cara, fiz trinta por uma linha ao homem. Mas nem vi quem era o homem, nem onde lhe tinha dado, foi só no campo de defesa que eu fiz aquilo, dei-lhe tantas que até me consolei. Digo eu assim: “Deixa estar que não me vens agarrar mais vez nenhuma.” Mas é mentira, aquilo apanhou o pessoal todo lá em cima e disse: “Vejam só, eu até lhe ia fazer uma festinha e ela faz-me este trabalho.” Eu disse: “Olhe, comigo você não brinca, nem com festas nem de maneira nenhuma toca em mim!”. Então, correu fama que eu era o trinta diabos.

E, já tive outro caso, já muito velha com um médico de endocrinologia, que um dia, fecha a porta do gabinete depois de eu lá estar. Estava-me a medir a tensão e eu a sentir o termómetro dele na minha perna. Disse-lhe “o que é que o senhor está a pensar? Olhe que estou viva. Pare ai antes que lhe dê uma tarefa aqui dentro, que você nem sabe onde se há-de meter!”. Ele coitado, disse “É a primeira pessoa que me faz uma coisa destas...”

*Eu quando quiser um homem sou eu que o escolho,
não são vocês que me escolhem a mim”.*

Eu quando quiser um homem sou eu que o escolho, não são vocês que me escolhem a mim, tem que ser escolhido por mim. E fui escolhendo, até que bati com a cabeça sempre na parede. Não aparecia nada capaz. Casei a primeira vez, casei a segunda ve, casei a terceira vez....

O primeiro [marido] saiu das minhas mãos com... Eu fiquei com o pobre do fato, devia ter as linhas podres, porque as peças da roupa dele ficaram nas minhas mãos. O segundo, eu fui buscar uma faca à cozinha... Se ele não tem a sorte de fechar a porta, olhe não sei o que é que teria acontecido, mas eu estava tão cega já... Conforme fui buscar a faca, ele fechou a porta e eu não tenho mais nada... Com a fúria que estava, atravesso a porta...Tenho aqui as marcas ainda, porque o vidro enterrou-se nos meus braços. [...] Ou a pessoa corrige-se, porque era um homem que tinha dois cursos superiores, ou ele se corrigia na palavra, ou então aquilo ali já era uma forma que eu não admitia, então foi por isso que eu fui bus-

car a faca. Porque ele depois de me te amachucado psicologicamente, eu dou-lhe uma tarefa e ele pôs-se de joelhos a pedir perdão. Eu não admiti isso. E nesse dia acabou, acabou a nossa relação, que eu matava-o, de certeza absoluta, ele sentiu isso. Eu acho que nós temos que nos defender, seja a agressão psicológica ou física, não podemos admitir. Não posso admitir que uma pessoa diga que é agredida psicologicamente ou fisicamente por um elemento que faz parte dela, se casou com ele, é uma parte dela, se teve filhos dele ainda melhor, mais estão ligados, é uma ligação que tem que ser respeitada. Quando faltam ao respeito, minha filha, então olha, desarrumam tudo, desarrumam a família. Hoje vivo por compaixão com o terceiro casamento. Eu tenho um filho do primeiro casamento, outro do segundo e três do terceiro.

*“A luta faz falta à mulher, e ela
que não pense em sossego, porque ela tem que lutar,
e sem ela não há nada de concreto, é a luta dela
que traz o concreto das coisas”*

Da minha vida, tudo o que eu quero transmitir é que a mulher é um ser igual a tudo e a todos. Ao fim ao cabo, tudo o que existe na sociedade, está tudo interligado. Os filhos do nosso companheiro, ou do nosso amigo, são nossos, nós participamos em tudo. Se ele vai ao hospital, nós contribuimos... todo o sistema social está ligado. A mulher tem de ter a noção de que toda a sociedade lhe pertence, tem que olhar com olhos de verpara todo o lado. Nós somos a força, nós é que damos a força e a luz ao mundo. A criança é uma palavra sem tempo, que nós criamos, somos nós que a desenvolvemos, somos nós que temos que lhe dar força.

Eu acho que as mulheres, coitadas, estão muito aquém ainda, de chegar à conclusão da verdade que está dentro delas. As mulheres têm que sentir a verdade nelas, saber transmitir a verdade. E a verdade é a força em todos os campos. As mulheres devem olhar antes de abrirem a boca. Olhem com olhos de ver, tudo. A sociedade é toda completa com ela, sem ela não há nada completo, é ela que gere, é ela que cria, é ela que faz o homem de amanhã, de maneira que é ela que tem de ter a força.

Os direitos têm que lhe ser dados. Se ela teve um filho, esse filho tem direito a tudo, mas tem de ser ela a lutadora por esses direitos. Se ela não lutar, no sistema que temos, não há hipóteses. A mulher tem de travar uma luta em todos os campos. A luta faz falta à mulher, e ela que não pense em sossego, porque ela tem de lutar. Sem ela lutar não há nada de concreto. É a luta dela que torna as coisas concretas.



NATÉRCIA MASSAS, 61 ANOS,
EMPREGADA NA BIBLIOTECA DA ESSE DE SETÚBAL,
DIRETORA EXECUTIVA DA CNOD (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS
ORGANISMOS DE DEFICIENTES)

*Aquilo estava comigo, não me sentia líder, mas aquilo estava
comigo, fervilhava-me no sangue e ainda hoje eu sou assim.
Algo que eu veja que não está bem, estou logo à cabeça,
estou logo à frente*

Eu sou a Natércia, tenho 61 anos, trabalho na Escola Superior de Educação de Setúbal. Nasci em Águas de Moura a 24 de Setembro de 1952, sou filha de Florindo José Rosa, já falecido e de Georgina Cândida dos Santos, ainda viva actualmente. Filha de gente simples, humilde, que trabalhava e vivia no campo. O meu pai tinha apenas a terceira classe, feita na altura, que era o que se podia fazer, a minha mãe era analfabeta.

A minha vida foi sempre uma vida de pobre, filha de gente muito honesta, muito honrada, mas pobre.

Aos 10 anos fui mondar arroz. Sempre dentro de água, quer fizesse chuva vento ou sol, sempre dentro de água.

Completei a 4^a classe aos 10 anos. No dia a seguir fui mondar arroz. Mondar arroz era tirar as ervas daninhas à volta do arroz, tínhamos de tirar tudo o que era prejudicial ao desenvolvimento e crescimento do arroz. Sempre dentro de água, quer fizesse chuva vento ou sol, sempre dentro de água. Era um trabalho árduo.

Naquela altura ganhava 20 escudos por semana. Era o dinheiro que pagavam às pessoas naquela época. Era um trabalho duro, difícil mas necessário, porque não havia químicos era tudo feito manualmente. Éramos nós, dentro dos canteiros-- chamavam-se os canteiros de arroz, que tirávamos toda aquela erva daninha, e a atirávamos para cima dos muros para secar cá fora, para que o arroz se pudesse desenvolver da melhor forma, sem ervas a danificá-lo. Era o trabalho que havia na altura. A pobreza era muita, tínhamos que ir ajudar a família. Trabalho esse que era árduo para os adultos, quanto mais para uma criança. Mas era um trabalho que se fazia e a que nós nos habitávamos de tal modo que continuávamos naquela vida.

Até aos 19 anos, a minha vida foi sempre trabalho no campo. Na altura ia com os meus pais, para os arrozais. Os meus pais estavam a fazer o mesmo trabalho e eu fui com eles, chamava-se o rancho de pessoas, mulheres e homens que andavam naquele trabalho. Aprendizagem não foi nenhuma porque na altura em que fiz a primeira monda, em que mondei, fiz um molho das ervas atirei para o muro e o molho ficou em pé e eu no meio do rancho bati as palmas. Foi assim o meu primeiro

[molho] [a minha mãe] fez logo sinal para eu me baixar e continuar o trabalho. Nós víamos como é que os adultos iam fazendo e íamos fazendo com a nossa rentabilidade. Era muito duro no início, depois havia uma habituação, o próprio corpo se habituava. Levava-se como uma rotina diária, era um hábito, para nós era um hábito. Cantávamos dias inteiros e andávamos ali naquela rotina. Independentemente de ser duro, levávamo-lo assim. Havia sítios em que nós tínhamos de sair de madrugada, muito cedo, porque tínhamos de andar muitas horas a pé, até chegar ao trabalho. Chegávamos a sair de casa às cinco da manhã, e chegar a casa às sete horas e mais, da noite. Mal dormia e no outro dia caminhávamos logo, até chegar ao local de trabalho que, por vezes, ficava muito distante do local onde nós vivíamos. Como não havia transportes ia tudo em fila indiana, para o trabalho. Com o cestinho da comida, e lá íamos nós, em grupo, para o trabalho. Tinha alturas em que era muito doloroso. Era duro, era muito doloroso, porque não havia nenhuns transportes.

Tive pena de deixar de estudar. Mas não havia qualquer hipótese. Naquela altura as dificuldades eram muitas, a vida era muito pobre e não dava. Havia muito trabalho, mas havia muito pouco dinheiro. Agora nem há trabalho, nem há dinheiro. Mas era essa a realidade. Era muito duro. As famílias que tinham condições eram muito poucas. Na aldeia onde eu vivia, Águas de Moura, eram muito poucas as pessoas que tinham condições para dar alguma formação aos filhos. Contavam-se uns dois ou três e mesmo assim não iam para o ensino superior, faziam a admissão e ficavam por ali.

*Aguardavam que nós, como cãesinhos,
a bater as matracas, enxotássemos a caça toda até eles*

Trabalhei no arroz, trabalhei nas vinhas, na ceifa do arroz também, fiz todo esse tipo de trabalhos: na apanha do pêssego, na apanha da azeitona, nisso tudo. Inclusivamente trabalhei muito tempo numa herdade ali próxima, o Zambujal, que nós íamos a pé, para lá! Pelo caminho tínhamos de fugir dos touros, porque ele tinha touros de corrida, e nós tínhamos de fugir, de subir e descer os sobreiros... E além do trabalho ser árduo, e ser duro, o trabalho que nós fazíamos nas moitas, na apanha da azeitona, na apanha das vides, na apanha do pêssego, nós ainda tínhamos de fazer as batidas para as caçadas. Ele recebia muitas individualidades, faziam grandes caçadas e então nós éramos metidos dentro de uns tractores e éramos distribuídos em determinados locais estratégicos, onde os senhores, que estavam numas portas que eles chamavam portas de

caça, aguardavam que nós, como cãezinhos, a bater as matracas, enxotássemos a caça toda até eles, para depois eles só terem de disparar. Chegávamos a andar um dia inteiro naquele cansaço. Sempre transportados dum lugar para outro, para os tais lugares estratégicos para que eles pudessem satisfazer os seus prazeres.

Quando isso não acontecia fazíamos a “desmoita”: sempre que nós encontrávamos cobras ou ratos, por cada cabeça desses bichos eles davam 5 tostões, porque esses bichos iam comer os ovos das perdizes e das outras aves que eles queriam muito caçar e então eles aliciavam-nos com essa pequena gratificação, para que, quanto mais nós matássemos, mais conseguíamos realizar alguns tostões. Outras vezes, a terra era lavrada pelos tractores e nós andávamos a espalhar trigo, trigo! na altura nós comíamos pão de milho, e espalhávamos trigo nas terras para as perdizes comerem.

Eram muitas horas, eram doze horas por dia.

E o vencimento era muito baixinho.

E começou a ser tão pesado... tinha eu 14 anos

A vida foi dura, o meu pai era um homem que foi sempre um homem muito trabalhador, muito honesto mas que teve de fugir para França, foi perseguido pela PIDE, porque ele tinha lá a sua ideologia, não estava de acordo com determinadas situações. Eu era pequenina, e já me lembrava do meu pai esconder a telefonia no quarto, debaixo da roupa, para ouvir a rádio, onde se falava muito da politica e daquilo que se estava a passar. Isso para mim começou talvez a despertar muitas coisas que mais tarde se vieram a desenvolver, interiorizei também um pouco essa situação.

Tive a minha primeira situação de reivindicação, aos 14 anos. Há uma fábrica que ainda lá está, que é a fábrica do tomate, que é ali uns quilómetros desviado, fica num lugar chamado Landeiras. E nós íamos a pé, tinha eu 14 anos, inscrevi-me, aquilo é um período de tempo, na época do tomate, dois, três meses. E eu fui para lá trabalhar e ao fim duns dias, poucos, de lá estarmos a trabalhar, o trabalho era muito árduo, era pôr caixas para as linhas, para o tomate seguir, para ser escolhido, para depois ser todo ele triturado e enlatado. E eram muitas horas, eram doze horas por dia. E o vencimento era muito baixinho. E começou a ser tão pesado que um dia nós entendemos que eles pagavam muito pouco para aquilo que se fazia. Tudo falava, tudo falava, mas ninguém se manifestava. Eu, como era se calhar um

bocadinho impulsiva, disse: - “Vá, mas não passa de hoje, nós vamos ter de resolver isso!” E quando foi do nosso turno, - porque nós fazíamos turnos, todo o turno agarrou nas batatas e foi ter com o encarregado dizer-lhe: -“Nós não trabalhamos mais enquanto vocês não resolverem o problema”. Eles estavam extremamente aflitos com a situação, tinham os tractores para descarregar todo aquele material, aquilo tinha que andar, tinha que ser feito, então mandaram-nos trabalhar, iam ver a situação. -“Vão trabalhar, que a gente vai rever a situação”. E depois lá nos deram mais cinco tostões de aumento.

Ao fim de dois meses, quando a época começa a diminuir e a haver menos fluxo de tomate, eles começam a dispensar pessoas. E aí a primeira a ser dispensada fui logo eu, como é óbvio. Fui eu que fiz a reivindicação, por isso, fui logo a primeira a ser dispensada.

No dia seguinte arranjei logo trabalho para a vindima. Fui vindimar uva para fazer o vinho. Entretanto o dono da fábrica de tomate que era o Sr. Costa Braga passou pelas linhas e não me viu. Não me viu, e foi procurar ao encarregado, o Sr. Alves, o que era feito de mim. E ele disse-lhe que o Engenheiro Neves, que era o genro dele, dera ordem para dispensar pessoal e que a primeira pessoa teria de ser logo eu. E o dono da fábrica não achou muita piada e disse: “Então, faz favor mande uma pessoa à casa da menina, e ela que se apresente ao trabalho amanhã”. Eu estava a trabalhar já na vindima e não fui. Não fui, mas o recado manteve-se. “Quero que a menina volte a trabalhar”. E assim foi, acabei por voltar. Foram-me prestadas desculpas por parte do dono da empresa, junto dos seus colaboradores, pela atitude que o genro tinha tido porque não era isso que ele queria, porque perante a funcionária que eu era, e o trabalho que produzia e o valor que eu tinha, a nível de trabalho, eu deveria lá continuar. Esta foi uma das minhas primeiras reivindicações.

*As mulheres levantaram o rancho todo,
porque queriam as oito horas e então sentaram-se
todas num murinho e ninguém trabalhou*

Lembro-me de uma outra reivindicação, ainda eu não trabalhava na monda, mas em que acompanhava a minha mãe, e já na altura as mulheres levantaram o rancho todo. Queriam as oito horas e então sentaram-se todas num murinho e ninguém

trabalhou. E travaram ali uma luta tremenda. Eu já tinha os meus sete, oito aninhos, vinha da escola e ia com a minha mãe para a monda. Foi nessa altura que as senhoras do campo conseguiram as oito horas de trabalho porque até aí, era de sol a sol. Foi uma grande luta que elas travaram e foi lá na minha zona que a luta delas, nessa altura, garantiu as oito horas de trabalho. Na monda no meu tempo já trabalhávamos as oito horas. As deslocações, por vezes, é que eram para sítios muito distantes. Na fábrica é que nós trabalhávamos por turnos, porque já era assim, estava assim estabelecido. Mas na monda, quando eu fui trabalhar, já eram as oito horas.

Quando uma pessoa vai para a luta, e encabeça uma luta, há um sentimento muito grande de que tem de defender os outros, porque os outros não se estão a defender.

Depois, mais tarde, mais tarde, tinha para aí os meus dezassete, dezoito anos, estávamos a trabalhar na parte da vinha, de um senhor ali de Palmela, o Sr. Humberto, e aí nós também fizemos uma reivindicação. Foi por mais dinheiro e menos uma hora de trabalho. Voltámos outra vez à mesma, eu voltei outra vez a entrar nessa luta. Aquilo foi evoluindo, e um dia vejo chegar uma carrinha 4L, eu não sabia quem era, andávamos a levantar vides, chamamos nós levantar vides, os homens podavam as cepas e a gente levanta as vides para enrolar para depois queimar. E o patrão mandou reunir todas e disse:” Penso que vocês não querem trabalhar, que estão com reivindicações. Como é que é?” E ninguém falava. Eu tirei o lenço da cara, na altura andávamos vestidas de acordo com o trabalho que fazíamos, e disse: “Fui eu patrão, fui eu que falei, eu e as minhas colegas mas eu posso falar por elas, já que ninguém fala, falo eu!”. E ele olhou para mim e disse: “Ai não fosses tu filha de quem és!” Porque o meu pai era muito conhecido ali na zona e era um bom trabalhador e éramos conhecidos por isso. E eu então na altura não me apercebi bem do que é que ele queria dizer com aquilo. Mas depois acrescentou:”Está bem, está bem, vão lá mas é trabalhar!” No fim-de-semana, quando fomos receber, já tínhamos os dez tostões que nós tínhamos reivindicado, no vencimento e veio então a ordem de enquanto estivéssemos a trabalhar no sector da vinha fazermos as sete horas. Logo aí conseguimos as sete horas. Foi uma luta que fomos travando e eu encabeçava logo essas lutas. Tive muita sorte na altura; nunca fui perseguida propriamente pela PIDE, talvez porque eles nunca quissem denunciar-me, porque havia um certo respeito e consideração pelos meus pais.

Eu acho que quando uma pessoa vai para a luta, e encabeça uma luta, há um sentimento muito grande de que tem de defender os outros, porque os outros não se estão a defender. Quer dizer, eu não me sentia líder, estava na minha génese. Toda a gente falava, toda a gente reclamava, toda a gente dizia “Oh pá! mas não podemos só reclamar, temos que passar à acção, temos que passar à acção!” E elas encolhiam-se, havia aquele medo da retaliação, “depois somos despedidas!”. Mas aquilo estava comigo, não me sentia líder, mas aquilo estava comigo, fervilhava-me no sangue e ainda hoje eu sou assim. Algo que eu veja que não está bem, tomo a cabeça, estou logo à frente. É muito importante que tenhamos consciência do terreno que pisamos, e de realmente sabermos até aonde podemos ir, mas temos de defender os nossos direitos. E podemos não conseguir tudo, mas alguma coisa conseguimos. Sabemos também que podemos ficar um bocadinho chamuscadinhas, mas a pessoa quando parte para aí não vai com essa ideia. Vai em frente e só talvez depois pensará no que pode daí vir, mas no momento não se pensa. Eu no momento não pensava, ia para a frente, e pronto juntávamo-nos todas.

Agora em relação aos homens ainda não havia muita discriminação porque, na sociedade mais alta, talvez pudesse aparecer essa discriminação, ali no campo não havia. Quer dizer, havia um grande sacrifício, uma grande obediência da mulher ao homem nos tempos mais atrás, porque no meu tempo já havia uma abertura um bocadinho maior. Uma pessoa que tivesse as reacções que eu tive, era respeitada por homens e por mulheres, porque diziam assim: “Ah não! ela consegue, ela tem espírito, ela luta!” Estava mesmo comigo, estava mesmo na minha génese. Era eu que, quando as coisas apareciam, e tinham de ser faladas, e tinham de ser discutidas... estava lá eu!

Havia sempre uma diferença de dinheiro entre o valor que a mulher recebia e o que o homem recebia. Podia não ser muito mas havia sempre ali uma diferençazinha, mesmo no campo pagavam aos homens a x e às mulheres a y. Por exemplo, se pagavam a nós vinte euros por semana aos homens podiam pagar a vinte e cinco vamos lá, isto é uma comparação. Havia sempre essa diferença. Está bem que às vezes lhes era atribuído, às vezes! nem sempre! um trabalho um bocadinho mais árduo. Mas chegou uma altura em que já era igual, especialmente quando havia grupos de mulheres, e no campo vê-se muito aqueles grupos de mulheres que se destacam mais, é como em qualquer profissão, é aquela mulher que tem mais força, para trabalhar, para se desenvolver e faz um trabalho tão bem feito como um homem... Naquele

tempo dizia-se assim: “Eh trabalha que nem um homem!”. Pronto era a palavra que se dizia. Ela é tão boa trabalhadora que trabalha que nem um homem e isso reflectia-se no nosso dia-a-dia. Portanto quem ia contratar as pessoas para aqueles contratos sazonais, que eram temporários, agora fazia-se uma coisa, depois outra, iam logo à procura daquele grupo de mulheres que eles sabiam dar rentabilidade, que tinham aquela capacidade de trabalho. A boa trabalhadora tinha sempre trabalho. Às vezes nem sequer dava resposta a tantas solicitações que tinha.

Na minha região houve gente bem torturada, bem torturada. Houve pessoas presas lá, bem torturadas mesmo, em difíceis condições... E o meu irmão mais velho só não foi porque foi para a Guiné cumprir o serviço militar porque ele acompanhava com essas pessoas, era muito amigo das pessoas que foram presas. Dois rapazes, dois, três pelo menos foram muito torturados, mesmo, foi horrível e o meu pai fugiu para França. O meu pai foi a salto para França sem qualquer condição, sem trabalho, sem nada. O meu irmão foi para a Guiné e o meu pai fugiu para França. E eu fiquei sozinha com a minha mãe e dois irmãos gémeos pequenos para sustentar e sobreviver. O meu pai quando chegou a França partiu um pé, por azar. E a polícia, como tinham assaltado uma igreja, pensava que ele era um dos assaltantes. Tentou prendê-lo. Ele depois até dos caixotes do lixo teve de comer, até um português conhecido o encontrar e lhe dar a mão, protegê-lo para que a coisa não ficasse mais grave. Foram momentos difíceis, foram situações muito, muito difíceis.

*Casei primeiro, namorei depois e ainda hoje
namoro com quarenta e um ano de casada*

O namoro foi muito engraçado. Eu, aí entre os dezanove, vinte anos, fui trabalhar para uma peixaria lá na terra. E à noite íamos para a Igreja onde prestavam um cursinho de formação familiar, vinham umas senhoras do Pinhal Novo, dar-nos formação. E entretanto havia um grupo de rapazes e de homens que tinham vindo de Lisboa trabalhar para um celeiro de arroz que havia ali na estação de Águas de Moura e que estavam numa pensão. E eu e outra colega conforme íamos trabalhando cantávamos, cantávamos muito. E eles adoravam ouvir-nos cantar, iam para trás da Igreja ouvir-nos cantar nos dias em que nós não tínhamos curso, íamos para o café de um rapaz que era da minha família e estávamos por ali. E o que hoje é meu marido, já há quarenta e um anos, andava por ali. Por onde eu andava,

ele andava sempre. E elas diziam-me: “Ai o João gosta de ti!” E eu dizia: “O quê? O João gosta de mim? Não! desculpem lá, eu não quero homens pequeninos! O João pequenino, não! Eu não caso com homens pequeninos, de maneira nenhuma”. Aquilo foi passando e elas teimavam sempre com a situação:” Ai o João gosta de ti, o João gosta de ti!” E eu respondia: “É pá não me chateiem com isso!”. E elas diziam novamente: “Então agora o que é que queres fazer?” “ Eu não quero homens pequeninos mas para vocês não estarem a forçar vamos fazer uma aposta; eu aceito-lhe namoro (porque eu nunca tinha namorado ninguém) e depois mando-o à mãe porque, homens pequeninos, não quero!” Pois foi...Aceitei-lhe namoro e ao fim de três meses estava casada. Casei primeiro, namorei depois e ainda hoje namoro com quarenta e um anos de casada. Essa é a grande realidade. E ele quando veio pedir-me namoro e até já trazia a aliança de comprometida. Tinha ido a Setúbal comprar as sete alianças em prata e deu-mas logo na altura. Mas da parte dele foi talvez amor à primeira vista e eu não, não era. Mas hoje é como lhe digo, entre as adversidades que a vida nos pregou ao longo destes quarenta e um anos, o que nos une, penso, que nos tem unido e nos tem ajudado a ultrapassar todos os obstáculos, é a grande união e o grande amor que há entre nós e o grande respeito mútuo; somos bastante felizes e como lhe digo ainda hoje namoro.

-“Ah! afinal ele não é macaquinho! Ele é gente”!

-“Ele não vai ser doutor mas vai ser um homenzinho!

*Se você o souber acompanhar, ele vai atingir
alguns objetivos!”*

Fui mãe pela primeira vez aos vinte e dois anos, voltei a ser mãe aos vinte e sete porque quis, adquiri uma gravidez mesmo porque quis, porque a minha filha tinha desgosto de ser filha única. Foi uma gravidez normal, que correu sempre normal, até ao fim. Quando o menino nasceu, nasceu com síndrome de Down, com trissomia 21. Vi-me, aos vinte e sete anos, com um filho deficiente nos braços, sem saber o que havia de fazer à vida, sem qualquer apoio psicológico, ou fosse de quem fosse. O mundo tinha-me desabado em cima. O médico dizia que tudo o que nós ganhássemos não chegava para o criar. Então o meu marido disse: “Não. Eu pedi um puto a Deus, Deus deu-me um puto. Ele é meu, eu hei-de criá-lo, nem que ele fosse parálítico de pés e mãos, eu hei-de criá-lo!” E assim foi, fomos superando, com muitas dificuldades. Eu vivia nessa altura na aldeia onde nasci, em Águas de Moura. Cheguei a andar com o

meu o meu filho ao colo e as pessoas tiravam-lhe a fraldinha da cara e diziam: “Ah! afinal ele não é macaquinho! Ele é gente!” Foram momentos muito, muito complicados para uma jovem com vinte e sete anos. Mas não baixei os braços.

Com três anos disse, eu vou mudar de vida e vim para a Setúbal. Até aos sete, oito aninhos, foi muito difícil, porque ele estava sempre internado no hospital. Sempre, sempre. Mas fomos superando, superando, superando... A minha preocupação era integrá-lo na sociedade, não era ele ser doutor, porque logo que ele nasceu e lhe fiz todos os exames, o médico que o acompanhava e que era um grande pediatra aqui de Setúbal, foi um grande homem aqui nesta terra, o Doutor Faia, disse-me sempre: -“Ele não vai ser doutor, mas vai ser um homenzinho! Se você o souber acompanhar, ele vai atingir alguns objectivos!” E eu foquei-me nisso, foquei-me no desenvolvimento pessoal dele, antes de me focar, vá lá, na parte da escolaridade. Porque eu sabia que aí havia muitas limitações. E daí eu prepará-lo. Tratámo-lo sempre de igual para igual. Não havia distinções em casa. Se ele fizesse mal era reprimido, se ele fizesse bem era sempre acarinhado. A irmã adora-o, ainda hoje o adora. Na parte escolar houve ali um choque grande, porque a professora dizia que ele não aprendia e não valia a pena estar a insistir e eu aí bati o pé e disse: “Não, ele vai continuar!” Então, houve uma professora que estava na associação que ele integrou, a APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental), que me disse: “Dona Natércia deixa-me trabalhar com o Flávio?” E eu disse: “Deixo!” E então ela aplicou-lhe o método das vinte e oito palavras. E o Flávio aprendeu a ler, a escrever, lê muito bem em português, tem é muita dificuldade na parte lógica da matemática, esse raciocínio para ele é complicado. Mas domina as tecnologias, é um bom actor de teatro, é um jovem que tem uma vida social muito activa, é um jovem que participa em tudo. Está bem integrado na sociedade. Já fui com ele duas vezes ao Parlamento Europeu representar a pessoa com deficiência. Foi convidado pelo Senhor Presidente da República para o dia 10 de Junho, onde transcreveu os Lusíadas e leu as estrofes juntamente com todos os convidados que lá estavam.

E ainda hoje continua a fazer teatro, está integrado desde os dezassete anos aqui na Escola Superior de Educação de Setúbal ao abrigo de um protocolo pessoal e social, em que ele desempenha, da melhor forma, tarefas que lhe foram atribuídas; integra-se aqui, com todas as pessoas, jovens, funcionários, tudo, em pleno. E tem um com-

portamento correctíssimo com todas as pessoas. Dá-me muitas alegrias. É um jovem que está plenamente integrado na sociedade.

Depois do meu filho integrar a APPACDM, (ele entrou com oito aninhos), eu ,mais tarde, em 1996, entrei para direcção daquela casa. Fiz sempre parte da direcção APPACDM por uma luta, por uma causa, o meu nem é portador de uma deficiência assim tão [limitadora], estão lá todos os tipos de deficiências. E especialmente aqui em Setúbal vêm de famílias muito desestruturadas e, às vezes, é complicado com os pais e com os miúdos. E aí eu abracei essa causa. Uma luta permanente sempre em defesa dos jovens e da pessoa portadora de deficiência, seja ela qual for. Basta o nome, para os limitar logo à partida. Mas, para mim, todos nós temos uma pequena deficiência, basta nós termos que ler com óculos, para termos uma pequena deficiência. Mas há o estigma e há deficiências mais evidentes e outras menos evidentes, mas que estão lá. E eu abracei essa causa. Ao longo de todos estes anos tenho feito esse trabalho, voluntariamente. Mais tarde ingressei numa outra instituição, uma Confederação que vai representar as outras instituições ao nível nacional e internacional. Neste momento, faço parte da direcção executiva, já vamos no terceiro mandato e sou Presidente da zona sul dessa Confederação, a CNOD, Confederação dos Organismos das Pessoas com Deficiência.

Os portadores de deficiência hoje estão muito mais protegidos. Foi uma luta que sempre travámos, em especial aqui na APP de Setúbal, há uma grande integração, há uma grande dinâmica. Através dos projectos que foram sendo implementados. Fizemos um novo lar, um lar muito grande, com muitas condições, e uma creche, onde eu e o Presidente assinámos o protocolo com o ministro Dr. Vieira da Silva, (era o senhor Engenheiro Sócrates, o primeiro-ministro), e fomos a Azeitão fazer a assinatura desse protocolo. Todos esses empreendimentos estão de pé, estão a funcionar em pleno, com muita qualidade. É uma instituição que desenvolve um trabalho muito, muito bom aqui nesta cidade e que tem muitas actividades, muitos desportos, é bem acolhida e bem sucedida, está bem estruturada.

A CNOD tem mais a ver com a defesa das instituições junto das pessoas competentes. A nossa missão é, junto do governo, dos parlamentares, da União Europeia, defender as organizações que por sua vez defendem as pessoas com deficiência. Daí a nossa ida ao Parlamento, daí eu fazer parte da Convenção dos Direitos da Pessoa

com Deficiência, porque a CNOD está integrada no FED onde já me fiz representar e outros colegas meus e no qual desenvolvemos todo este trabalho sempre em prol da pessoa com deficiência seja ela qual for, e sejam quais forem as instituições envolvidas com essa problemática.

Os estudos, tenho a quarta classe. Tentei ainda ir estudar à noite, tirar o nono ano na Escola Comercial, a Sebastião da Gama, mas tinha o meu miúdo, e com o meu miúdo era muito complicado, à noite estar fora, e acabei por desistir. Em 1987, vim para aqui trabalhar para o Politécnico, que foi quando começou a Escola Superior de Educação, na altura em que eu entrei dava-se só formação de professores. Entrei para a limpeza, tinha a quarta classe, entrei para a limpeza. Depois passei para o bar, a dar apoio no bar. Mais tarde, fui fazer um curso de computadores, na Barreiros, em 92. Fui sempre uma pessoa que se adaptou bem a qualquer tipo de trabalhos e conhecimentos. E nessa área, na parte da informática, fui sempre mais além, porque ia fazer pesquisas por mim própria, explicavam-me isto e eu ia à procura de mais. E, mais tarde, já estávamos aqui na ESE, fiz a revalidação de competências, vinte horas. Inscrevi-me, fizeram-me uma entrevista, fiz testes. Depois da avaliação das minhas competências, só houve ali algumas pequenas arestas que eles quiseram limar, tive vinte horas de aulas, e apresentei o projecto, fui à entrevista e fiquei com o nono ano. Na revalidação de competências, hoje a minha classificação académica é o nono ano. É o que eu tenho.

E ainda estou aqui a trabalhar e muito feliz. Faço um trabalho, sou assistente operacional, mas desenvolvo qualquer trabalho que os meus colegas me pedem, inclusivamente já faço muito trabalho técnico, porque quero, ninguém me impõe, mas as necessidades do trabalho são essas, e penso que nós devemos sempre evoluir, acompanhar os tempos, adaptarmo-nos aos tempos, fazer o nosso trabalho o melhor que sabemos e podemos. Fiz alguns cursos de atendimento ao público mas eu penso que isso não se aprende nos livros, aprende-se no dia a dia e aprende-se com aquilo que fazemos, se gostamos ou não. E eu penso que sim, que me enquadrei perfeitamente e que desempenho bem, dignamente, o meu trabalho, sem que ninguém tenha nada que me apontar.

Sou uma mulher realizada profissionalmente, sou feliz a nível familiar porque sinto que sou uma mulher amada, sempre fui.



NITAKUMARI SHAZAD, 41 ANOS, COMERCIANTE

Tenho pena de muitas mulheres, pelo mundo fora, nem o sol veem. E acho que a mulher não deve deixar de sonhar. Eu acho isso!

Chamo-me Nitakumari, tenho 41 anos, estou em Portugal há 34 anos. Nasci em Moçambique. Sou comerciante, mãe de 5 filhos. Estive em Moçambique, até aos 6 anos. Recordo-me das praias que eram maravilhosas, da família. Ainda me lembro da loja do meu pai, da casa do meu pai. Os meus pais eram comerciantes.

Quando viemos para Portugal, em 1980, vim com os meus pais, era filha única nessa altura. Até praticamente 86, estive a estudar. Devido às condições monetárias do meu pai, só fiz o 6º ano, para ajudar o meu pai, tive de deixar a escola. Ele também era um bocado ríspido nessa questão – que as meninas não deviam estudar muito. Eu tive que optar pela sua escolha, que era o comércio, tinha de seguir a vida do comércio. Entretanto em 1983, nasceu o meu irmão. Viemos para a Costa da Caparica, em 1986. O meu pai comprou uma loja, na Costa da Caparica, de artigos regionais. [Quem estava à frente da loja] era eu e o meu pai, mas como tínhamos a de Lisboa, um dia estava aqui, outro dia estava ali, tínhamos a minha mãe que também ajudava. A vida não foi fácil, era difícil, nessa altura foi muito difícil começarmos do zero, porque o meu pai veio das colónias... e não trazia nada.

São casamentos arranjados.

Em 1992, já tinha uns 16 anos, 16, 17 anos, é altura em que os pais começam a pensar em casar as filhas, muito cedo. Fui à Índia para ver se arranjava lá um marido. Infelizmente não era do meu agrado, ou não era do agrado dos meus pais, porque era mais importante ser do agrado deles do que dos filhos. Eles pensam assim, são casamentos arranjados. Entretanto, fui à Índia uma vez e no ano seguinte, fomos outra vez. Mas pronto, é o que eu digo, não estava destinado casar-me lá e não arranjei marido.

Decidi, decidi por mim mesma que iria casar com ele.

Em 1995, conheci uma pessoa e decidi, decidi por mim mesma que iria casar com ele. Ele por acaso tinha uma loja também na Costa da Caparica, foi assim que a gente se conheceu. Como era muito chegada ao meu pai, era a filha mais mimada do pai do que da mãe, tive que ganhar muita coragem para lhe dizer, porquê?; porque nós éramos hindus. Eu vim de uma família do hinduísmo e o meu futuro marido era muçulmano. São religiões que chocam muito. Eles são inimigos número um, mesmo. E foi muito

difícil para mim, tinha muito medo. Como é que o meu pai me vai aceitar? Como é que os pais vão aceitar, esta relação? Tive de ganhar coragem, porque era isso mesmo que eu queria. Tive de ganhar muita coragem para contar e um dia contei. Disse-lhe: "Olhe pai eu quero-me casar com esta pessoa"... Ele ficou em silêncio durante algum tempo,... ficou a pensar e disse-me que teria de falar com a minha mãe. Quando me disse isso, até pensei "Bem, isto vai correr tudo bem. Como ele já não me diz nada é porque tudo vai correr bem". Fomos para casa e contámos à minha mãe. E ela disse-me que não, era impossível isso acontecer. Porque não tinha nada que ver uma religião com a outra. Como é que eu podia gostar de uma pessoa assim?

Aí é que começou a confusão toda da minha vida.

Aí é que começou a confusão toda da minha vida. Eles não aceitaram. O meu pai disse-me: "se tu não aceitas eu também não aceito". Ele queria ouvir o não, da boca da minha mãe. Aí é que eu fiquei a saber que ele também não queria. Estava-me a enganar a mim própria. Eles não aceitaram. Tentei explicar-lhes, que gostava dele, que não haveria problema futuro por causa da religião. Eles disseram: "não não, e não", não era um bom exemplo para a família, que a família também, não ia aceitar. Disse-lhes "não é a família que se vai casar, sou eu que vou-me casar e sou eu que quero". "Ah não! ele de certeza que te embruxou, fez-te alguma maldade". Estou ciente de mim, ninguém me embruxou, apenas gosto dele e quero-me casar. E porque é que eu tomei essa decisão assim tão radical, também? Porque, digamos, já estava farta, daquela vida. Todos os dias a mesma coisa, todos os dias tinha que ouvi-los, porque eles eram muito radicais, tinha de ser tudo como eles queriam. Não tinha um minuto para mim. Foi aí que eu decidi - eu quero fazer isto! Já tinha os meus 24 anos. Até podia ser mau...

Fiquei com muito medo, fiquei com muito medo.

Entretanto, engravidei. Engravidei, e aí então é que eles não aceitaram mesmo. Mas, isso foi antes de me casar. Eles discutiram muito comigo. A minha mãe começou a fazer-me perguntas, quando é que isso tinha acontecido? Respondi-lhe, até a pensar que ela depois fosse aceitar a situação, mas não. Eles começaram-me a bater, a bater, deram-me pontapés na barriga a ver se aquilo desmanchava, se abortava, e eu só lhes dizia para não me baterem. Eles batiam-me, batiam-me, dentro do quarto. E prede-

ram-me, eles prenderam-me. Eu não saí de casa durante uns dias, o meu medo era que eles falassem com a polícia; o meu futuro marido era estrangeiro, não tinha documentos. Esse era o meu medo. Fiquei com muito medo, fiquei com muito medo. Houve um dia que tive a oportunidade de fugir de casa, e fugi. Sem nada mesmo nas mãos, só a roupa que tinha vestido. E fugi de casa. Estive fugida, contactei com esse meu futuro marido, para ele vir ao meu encontro. Fugimos e fomos para a Figueira da Foz.

A menina nasceu com 7 meses, nasceu prematura

Aí os meus pais não tinham contacto comigo. Entretanto contactei com eles a dizer-lhes que estava bem. Eles só diziam para eu voltar para casa, que iam prender o rapaz... e, era isso que eu não queria. Então: -“Se vocês continuam na vossa, eu vou continuar na minha, vou refazer a minha vida”. Fomos para a Figueira da Foz e como nós não tínhamos nada, ele foi pedir dinheiro emprestado a um amigo... Foi com esse dinheiro que começamos a nossa vida. Entretanto, estava de bebé, foi uma gravidez muito complicada, não tinha dinheiro para comprar as vitaminas, o ferro, os medicamentos que eram necessários. Era a minha primeira gravidez, eu não sabia de nada também, para além de ter os meus 24 anos, não sabia de nada. E graças a Deus, Deus nos ajudou sempre, é isso que eu digo. Deus esteve sempre ao meu lado, tive muita força, e ajudou-me sempre até a menina nascer. A menina nasceu com 7 meses, nasceu prematura... mas nasceu com saúde graças a Deus. Nasceu saudável. De vez em quando ia mantendo contacto com os meus pais mas via que eles não aceitavam, não aceitavam mesmo. Durante 10 anos deixámos de ter contacto uns com os outros. Eles podiam saber alguma coisa de mim através de outras pessoas, e eu também, mas deixámo-nos mesmo de falar, infelizmente. Tive pena por causa do meu irmão. Não vi a infância dele, a juventude dele... tive pena, porque gostava muito dele e ele também, gostava muito de mim. Naquela altura da Figueira da Foz eu fazia feiras, vendia na rua... foram 4 anos difíceis, mas fui feliz nesses 4 anos. Tive pessoas muito amigas que me ajudaram... a tomar conta até da minha menina, porque eu ia fazendo as minhas vendas semanalmente. Só regressava uma semana depois, era quando via a minha menina. Conheci umas pessoas espetaculares, hei-de sempre agradecer-lhes por tomarem conta da minha menina, enquanto eu estava ausente.

Foi assim, que comecei a minha vida aqui na Costa.

Em 2000, o meu pai tinha a loja para vender da Costa da Caparica. Pôs a loja à venda porque já não tinha saúde para estar nas duas (lojas). Pensei: “Bem, vou ficar com a loja” mas sabia que ele não ia vender, (por ser a mim). Tive que fazer o negócio através de outra pessoa, e lá se concretizou o negócio. Tomei posse da loja e só depois ele ficou a saber que era para mim. Foi assim que eu comecei a minha vida aqui na Costa. Entretanto, nasceu o meu outro menino, que eu tenho outro menino, com 13 anos hoje [e a mais velha], tem 17 anos. Comecei a fazer a vida aqui na Costa da Caparica, o meu marido também me ajudava, mas não com o tempo, começou a mudar. Ele era do Bangladesh, e as suas intenções começaram a mudar. Começou a gastar dinheiro sem eu saber, a meter-se em negócios sem eu saber, e, depois pedia-me sempre ajuda... Entretanto, ficou com uma loja para revenda na zona do Martim Moniz, em Lisboa e foi aí que as coisas se degradaram.

Foi outra vez começar do zero

Eu felizmente ganhei, consegui juntar muito dinheiro quando vim da Figueira da Foz, e foi aí que ele se calhar mudou. Não sei se fui enganada ou não, mas fiquei sem nada novamente. Em 2006, morreu. Deixou-me com os dois meninos na mão, deixou-me com muitas dívidas na mão, e foi muito complicado. Foi outra vez começar do zero, depois de 10 anos outra vez começar do zero. Deixou-me com muitas dívidas, quase 300 mil euros de dívidas, até hoje eu estou a pagá-las.

Conheci outra pessoa, também um muçulmano

Entretanto, eu conheci outra pessoa, também um muçulmano. Acho que me está destinado um muçulmano e.. em 2006, foi quando os meus pais vieram ter comigo, pedir-me ajuda, “nós estamos a passar muito mal, não sei o quê... precisamos de dinheiro” E eu disse, “então vocês agora vêm ter comigo, depois de 10 anos é que vocês se lembram de mim?”. “Ah, desculpe, mas, nós estamos muito mal e precisamos da tua ajuda, o teu irmão casou-se...” “Ah, o meu irmão já se casou? E não disseram-me nada!”. “Foi tudo assim muito de repente...” Eles pediram-me ajuda. Ajudei-os, como filha, novamente, ajudei-os. E foi a partir daí que nós recomeçámos a falar. Foi nessa que conheceram a menina, e o meu menino, também. A minha mãe principalmente ficou muito feliz, porque eu já tinha comprado uma casa e estava bem de vida. Infelizmente, ela faleceu,

3 meses depois. Seis meses depois, faleceu o meu primeiro marido. Depois, conheci o meu segundo marido e, novamente, falei com o meu pai. E, disse-lhe: "Olhe, conheci esta pessoa, ele é boa pessoa, queria que o pai o conhecesse". Ele aceitou esta relação. Foi seu amigo, não digo que não. Entretanto, o meu pai, também faleceu. E nós casámo-nos. Hoje tenho 3 meninos dele. Tenho 5 filhos no total. O mais velho tem 7, e a outra tem 5 e a outra tem 3 anos e meio. Este meu marido é muçulmano também. É do Paquistão, tem assim umas ideias muito radicais. É polícia de profissão ainda mais radical é, em questão de religiões. Não é meu inimigo, digamos assim. Eu sou da Índia, mas não é meu inimigo. Eu é que durmo com o inimigo, pode dizer-se isso. A nossa vida é esta - casa trabalho, trabalho casa. Eu cuido das crianças, eles já estudam, estão no colégio islâmico, nós temos um colégio em Palmela e os quatro mais velhos estão lá. A mais novita é que não entrou. Estão numa madrassa e têm português também.

Está tudo em cima de mim

Este meu marido não gosta do negócio. Como foi sempre polícia, diz que o negócio não é para ele. Aliás ele foi-se embora agora, [Paquistão] vai lá ficar 4 meses, porque diz que o negócio não é com ele. Então, tenho de gerir o negócio, a casa, os meninos, está tudo em cima de mim. Sou eu que trato de tudo. No inverno, levanto-me de manhã, tenho preparar os meninos, porque vou deixá-los ao colégio e depois venho para a loja, às 8h da manhã já estou na loja, até às 7 da noite. No verão, já é outro horário. Estamos aqui das seis [da manhã] à meia-noite. É complicado, porque tenho de tratar da casa, dos miúdos, do comer... É um bocado complicado porque este meu marido, não me ajuda muito. Ele ajuda-me a dar... não, não dá muito trabalho, mas ajuda-me a dar preocupações, é isso que ele ajuda. Mas é bom rapaz, é organizadinho, não é trapalhão como o outro. [em casas] todos têm de fazer as suas tarefas: a cama, pôr a roupa a lavar, varrer... Aliás o mais velho varre-me a casa, se for preciso limpa o pó, tem que ser. Os direitos são todos iguais. Todos temos que fazer tudo. Se a mulher tem que fazer tudo porque é que o homem não pode? E se for preciso o meu marido lavar a loiça, também lava. E há dias em que eu lhe digo "olha hoje não faço o jantar!". Ele vai fazê-lo, tem de ser. Se a mulher consegue o homem também consegue. Basta querer. Eu sou casada realmente há 18 anos com um muçulmano e ainda não percebi muito bem a diferença [entre o hinduísmo e o islamismo], não vejo muita. A única diferença que eu vejo, é que os muçulmanos têm um só Deus - Alá. Nós só temos um deus e não con-

sideramos mais nenhum, para além deste. No hinduísmo, eles acreditam numa força, mas têm vários deuses. A diferença que eu vejo na religião, é nessa questão dos deuses, de acreditar ou não... porque o hinduísmo, é... como é que eu vou explicar, tem muitas castas. Depende das regiões. Cada região tem a sua maneira de aceitar um deus, ou outro. Enquanto para nós muçulmanos, só existe Alá. [Outra diferença] é a questão da comida, do vestuário. A mulher muçulmana tem de andar vestida, o mais tapada possível, enquanto no hinduísmo, não há essa exigência. No hinduísmo não se come carne de vaca, nós comemos e não comemos a carne de porco. No hinduísmo há uma grande percentagem de vegetarianos que não comem sequer um ovo. Eu vejo essas diferenças.

A mulher muçulmana é como se fosse uma escrava digamos assim, uma escrava da sociedade.

Eu sou muçulmana, e posso dizer que a mulher muçulmana é como se fosse uma escrava digamos assim, uma escrava da sociedade. Uma escrava da sociedade porque ela não pode sair de casa, ela não se pode pintar, não pode mostrar o cabelo, não se pode vestir como gostaria de vestir. Talvez? Eu hoje vejo isso pela minha filha, porque ela graças a Deus segue a religião, e vejo que ela, também abdica em várias situações, porque o pai não deixa, o pai não a deixa vestir como ela gostava de vestir, como as amigas às vezes se vestem. Nós lá em casa não aceitamos essa situação, o meu marido não aceita. Eu também gostava de me vestir de outra maneira e não posso. Já me vesti, claro, já me vesti, quando eu era pequena vestia, saias e calças e tudo. Agora realmente não, porque não posso, não posso mesmo. E tenho de dar o exemplo, também, à minha filha, aos meus filhos, à comunidade. A mulher muçulmana não pode... no país do meu marido as mulheres não saem! Não saem mesmo, nem para ir às compras nem para nada... É o homem que faz ali tudo. Elas só saem se for para ir a um casamento, se for para ir a um jantar...

Eu não consigo estar em casa

Eu faço o que não posso fazer, Digamos assim. E este meu marido deixa-me fazer porque é o eu que digo, ele não percebe do negócio. Ele às vezes sente-se mal por eu estar aqui, sente-se mal e não gosta, mas diz “tens de ser tu, porque não consigo fazer o que tu fazes”. E se eu não fizer, então, quem é que vai fazer? Não, eu não me vejo

em casa. Aliás, quando eu tive estas três crianças, no dia a seguir já estava aqui, [na loja] depois de sair da maternidade. No dia já estava aqui com a criança ao colo. Não consigo estar em casa, mesmo estando doente, estou aqui na loja. O ano tem 365 dias e se calhar nem um dia estou em casa. O meu marido às vezes diz “eh pá, fecha a loja, e fica em casa, um dia a descansar...”... e eu digo-lhe “eh pá eu vou descansar, está bem descanso, mas depois?” Eu não consigo ir descansar. Às vezes vou fazer o almoço, à tarde em casa, já estou a pensar na loja. Isto já está comigo. Se calhar ainda me dá um treco dentro da loja. Um dia destes eu fico aqui. Eu não consigo. Já me está no sangue. Há tempos estava a pensar, o negócio está muito mau, estamos a atravessar uma crise muito grande, nunca vi dias assim. Aliás, o meu marido gostava muito de emigrar novamente, diz que estamos a atravessar uma crise muito grande, que tenho de pensar no futuro dos meninos e... eu não consigo pensar em ir para outro lado, deixar isto tudo. Porque investi tudo aqui. A minha infância, a minha juventude, tudo.

*Tenho pena de muitas mulheres, pelo mundo fora,
nem o sol veem*

[As mulheres têm de tentar ser felizes?] Têm de lutar, porque eu lutei muito e não digo que estou arrependida, porque tenho filhos maravilhosos, eles são a minha força. Se tiver de abdicar de alguma coisa era só por causa deles. Eu gosto muito do meu marido, mas se eu tivesse de o deixar por alguma razão, deixava-o, pelos meus filhos. Ia atrás do meu sonho. Eu acho que a mulher não deve deixar de sonhar, eu acho isso. Perdi muita coisa, perdi os meus pais durante aquele tempo todo, perdi o amor deles, hoje também sou mãe e se calhar se a minha filha amanhã me fizesse isso, eu não sei se pensaria duas vezes. Eu já passei por isso, sofri e não sei se deixava minha filha fazer ou não fazer. Mas pensava duas vezes antes de tomar alguma decisão. Acho que também gostava de ver a minha filha feliz. E deixava fazer o que ela quisesse. É isso. Quero que ela tire um curso, que tenha o seu emprego, não quero que fique atrás de um balcão, não é vida, é uma sobrevivência. Quero que ela tire um curso. Quero que ela estude e os meus outros filhos também, para não terem que passar por aquilo que eu passei. E, por aquilo que os meus antepassados passaram.



ODETE RÊGO

*É quem me dera ter agora vinte anos.
Vinte, ai vinte também não queria ter, não...! Aí trinta anos.
Eu agora com trinta anos! Caraças...!*

Foi uma infância... nem desejo a ninguém.

Nasci aqui na Alta [Coimbra], na Rua do Forno e depois de lá é que passámos aqui para a rua. Morei aqui em baixo, na Rua de São Salvador mais a minha tia. Minto! Primeiro com a minha mãe, vivi na Couraça dos Apóstolos, vivi aqui na Rua do Correio, na Rua das Covas. A minha mãe quis-me meter no Doutor Elísio de Moura e a minha tia foi fazer queixa dela ao Doutor Elísio de Moura, que não me deixassem lá pôr porque a minha mãe podia tomar conta de mim. A minha mãe, danada, pôs-me aqui. Depois a minha tia mudou aqui para frente, para este rés-do-chão. A minha tia é que tomou conta de mim. Mas tomou conta de mim mal e porcamente. Dormia no chão, ela dormia numa cama no quarto aqui deste lado, que é aqui ao pé desta janela, e as filhas dormiam ao pé de mim, em cima da cama, e eu dormia no chão. Era percevejos, baratas, era tudo por cima de mim. Foi uma infância... nem desejo a ninguém. Às vezes estou aqui até me farto de chorar. Não acreditam? Só de me lembrar disto!

Depois, aos quatro anos, aqui na Alta, tínhamos de ir para a bicha do pão. As minhas primas não se levantavam. Era eu que me levantava e ia-me ali sentar à porta da padaria, para ir para a bicha do azeite e dessas coisas todas, era eu que ia para a bicha com uma garrafa na mão. Uma garrafa grande na mão e a outra pequenita, porque eles só vendiam um decilitro [...] porque tinham aquelas máquinas, que eram umas máquinas que havia, punha-se lá a garrafitinha pequena, eles enchiam aquilo e eu vinha para fora e enchia a garrafa e andava assim de bicha em bicha. Se eu não trouxesse a garrafa cheia para casa levava. Isto foi na altura do Salazar, tinha eu naquela altura cinco anos. Veja lá isto aos anos, já tenho 80 anos, veja lá aos anos que foi! Quer-se dizer que, faltava a água era eu que andava sempre a buscar a água, não eram as minhas primas, era ali ao Largo da Feira. Outras vezes, era à Sereia, lá em cima, no cimo da Sereia, há lá uma fonte e eu ia à fonte buscar a água, vinha por aí acima carregada, é por isso que eu hoje sofro da coluna. Era tudo eu, eu! Eu é que ia à fábrica. Pois, uma criança! As minhas primas ficavam em casa e eu é que ia buscar tudo. Ia buscar batatas, ia buscar coisas à fábrica da Triunfo, vinha carregada. Chegava aqui, subir esta rua por aqui acima, às vezes sentava-me aqui, sentava-me acolá, depois chegava a casa e ainda apanhava, por chegar tarde, porque as batatas eram para o almoço, essas coisas assim.

*Depois, ia para baixo para a outra Aurora
catar-lhe os piolhos para ela me dar de comer.
Era assim que eu fazia! Para comer!*

Depois, fui para a escola, mas eu não gostava de andar na escola. Então o que eu fazia. Porque antigamente aqui a Alta não era assim. Eu subia na porta dos escuteiros, o chão era mais baixo, eu entrava essa porta, metia a bolsa atrás de umas caixas que ali estavam e depois ia pelo lado da sacristia. Subia por ali acima e sentava-me na igreja, mas que ninguém me visse quem entrasse, que era para não me verem. Havia uma senhora, que era a Dona Céu, ia lá todos os dias à igreja. Cada vez que me via, dizia -“Ai, gosto muito de ti” e eu com uma vontade de rir louca, -“gosto muito de si, vem para a igreja rezar, que linda menina!” e eu, cá por dentro, - “Mal tu sabes que estou a fugir à escola.”. E nisto... quando ouvia os cachopos todos no Largo da Feira a brincar, levantava-me e descia por ali abaixo e vinha parar a casa. Parar a casa não, que a minha tia fechava a porta e levava a chave e eu ficava no meio da rua. Ia para aí para a Rua do Cabido, para umas senhoras que aí moravam. Era a Aurora Padeira e era uma outra Aurora que morava aí em baixo. A Aurora Padeira, naquela altura havia muitos piolhos, e eu ia catar-lhe os piolhos para ela me dar de comer. Era, era! Depois, ia para baixo para a outra Aurora catar-lhe os piolhos para ela me dar de comer. Outras vezes, era uma senhora mais acima que era a Olímpia, também me chamava para lanchar e assim me davam de comer durante o dia. Era assim que eu fazia! Para comer!

Entretanto veio a minha avó da Lousã, para aqui, porque a minha mãe e a minha tia eram da Lousã. Veio para aqui e foi ali para baixo, para uma casa onde havia estudantes e era onde eu ia dormir. Todos os dias ia daqui dormir lá a casa da minha avó, ao quarto, mas ali já dormia no divã, não dormia no chão. Mas, aqui em casa da minha tia... passei muito, quando era miúda. Até aos dezoito anos passei muito...

*Depois mandou-me lavar ali, com aquela coisa,
meti aquela coisa em baixo, lavou-me por dentro,
com medo de eu ficar grávida, lavei-me e fui para cima
para o quarto, quando cheguei ao quarto
-“Ai, a menstruação veio-me!” eu não sabia o que era aquilo*

Aos dezoito anos, eu ia todos os dias, ninguém me ia levar a casa. Andava lá um gajo atrás de mim e tanto andou... a gente quando é miúda olhe...! Era estudante, andava a estudar Medicina. Era muito mais velho do que eu, tinha 37 anos. Pois, já sabe que eram estudantes. Antigamente um estudante para se formar não é como agora, vem um cachopo com 17 anos, vem para Universidade e, antigamente, não era assim. Ele começou a andar atrás de mim, saíamos às vezes. Íamos lá para o Alto de Santa Clara namorar, aqui na rua não se namorava. Íamos para o Alto de Santa Clara, andávamos lá pelos pinhais, depois vínhamos para casa. À noite quando entrava é que... ele me chamava para o quarto. Eu quando entrei vejo um bidé e em cima estava umas coisas que usavam antigamente, com uma bicha por ali abaixo, era para nos lavar por baixo. Então, o gajo pôs-me para cima da cama, aquela coisa toda..., tirou-me os trêz. Depois mandou-me lavar ali, com aquela coisa, meti aquela coisa em baixo, lavou-me por dentro, com medo de eu ficar grávida, lavei-me e fui para cima para o quarto, quando cheguei ao quarto -“Ai, a menstruação veio-me!” eu não sabia o que era aquilo, -“A menstruação veio-me.”. Pus o pano. Antigamente não se usava o que se agora usa, era uns panos com uns alfinetes, púnhamos os alfinetes, um atrás outro à frente e as cuecas por cima e íamos assim com os panos. E eu convencida que era a menstruação. E venho para casa, ao outro dia e correu tudo muito bem.

A minha tia é que foi a Tribunal e tomou responsabilidade de eu sair da Tutoria e vir para casa. E saí da Tutoria, estive lá ainda um mês.

Mas o indivíduo, o que queria era que eu fugisse de Coimbra, que era para não ser obrigado a casar comigo. E eu, - burra! -, fui no paleio dele e fugi para a Figueira. Chego à Figueira vejo lá uma criatura, começo a falar com ela e depois contei-lhe o que se estava a passar. Disse-lhe que ia a fugir porque o namoro que eu tinha disse para eu fugir. E a pessoa vai assim -“Ai aqui na Figueira, então olhe eu levo-a para Espinho”. Meteu-me no carro e levou-me para Espinho. Mas não houve nada, não, o senhor por acaso viu que eu era uma criança, com dezoito anos eu era menor, naquela altura. Levou-me para Espinho. Ah! Já andava a polícia à minha procura. Houve lá um fulano que me viu, que era aqui de Coimbra, morou ali por baixo da Lucília, conheceu-me foi dar parte de mim à polícia. Entretanto, a polícia chegou, levou-me presa e trouxeram-me para Coimbra. Cheguei aqui a Coimbra (eu arran-

jei emprego na Clínica de Montes Claros, era telefonista) levaram-me logo para a Tutoria. Tiraram-me da Clínica e levaram-me para a Tutoria, porque a minha mãe não queria tomar conta de mim. A Tutoria era antigamente lá em cima, por trás do Santo António dos Olivais, da Igreja. Os miúdos que apanhavam na rua ia tudo para ali e ali estavam fechados. Não saiam dali daquela casa. E, então, meteram-me lá. A minha tia é que foi a Tribunal e tomou responsabilidade de eu sair da Tutoria e vir para casa. E saí da Tutoria, estive lá ainda um mês.

*Vem por ali abaixo, dá-me duas bofetadas na cara
e vai meter-me na camioneta. Não quis
que eu ficasse no Porto.*

A minha tia falou com ele e disse -“Veja lá Sr. Doutor, a gente não está a pedir para casar com ela, mas ao menos faça caso dela.”. Ele, de vez em quando, telefonava-me ou escrevia para eu ir lá estar com ele ao Porto. Ele era de Vila Nova de Famalicão e eu ia estar com ele ao Porto. Uma vez, no Porto, arranjei emprego para apanhadeira de malhas. Quando ele viu que eu arranjei lá um emprego a ganhar quinhentos escudos por mês... A senhora onde eu estava era cá também de Coimbra e tinha lá casa, ele conhecia-a e ela disse-me: “Olha Odete, tu arranjas aqui emprego, ele paga-te o quarto e aquilo que tu ganhas dá para tu comeres e para te vestires.”. Eu telefonei-lhe. O gajo vem por ali abaixo, dá-me duas bofetadas na cara e vai meter-me na camioneta. Não quis que eu ficasse no Porto. Vim para Coimbra. Pronto. Depois desde aí nunca mais soube nada desse gajo. Nunca mais.

*A minha mãe pôs-me fora de casa e eu fui viver
para a Rua José Falcão para casa de uma amiga minha.*

Em Coimbra, a minha mãe pôs-me fora da casa da minha tia e eu fui viver para a Rua José Falcão, para casa de uma amiga. Aí conheci o Torres. Ele gostava muito de mim, eu saía com ele, ia à República estar com ele. Era a “Milionária”, essa República acabou. Eu trabalhava ali à entrada da Rua dos Combatentes, lá numa mercearia, também era apanhadeira de malhas. Ele ia-me ali buscar todos os dias. Às sete horas ali estava, à minha espera, ao pé do Jardim Escola.

Um dia a Pê, que era cunhada dele, chamou-me lá a casa, foi o marido que mandou. -“Vais dizer à Odete que deixe o Torres, porque ele namora a minha irmã e é chato.”. Eu agarro - coitada de mim! -, agarro, saio da loja e ele virou-se, e estava a falar com um senhor, eu vou por trás do Jardim Escola e meto-me dentro do Botânico. Vocês nem calculam como eu fiquei, pernas para que te quero! Fui para os Correios, que os Correios antigamente não eram onde são agora, eram em frente. Eu entrei, viro-me assim para uma senhora -“A que horas é que a senhora sai?”. -“Saio às oito.”. -“A senhora não se importa que eu vá consigo?”. E a senhora -“Eu não menina, pelo amor de deus! Mas há alguma coisa?”, -“Não, não! A senhora sai e eu vou consigo.”. Estava-me ele ao cimo das Escadas Monumentais, que não eram aquelas escadas, eram outras escadas, aí ao pé de um quiosque, com o jornal na mão e com um grande buraco no jornal para ver quando é que eu saía dos Correios. Saio dos Correios e vejo-o a olhar para mim,... Eu fiquei... Se tivesse ali um buraco tinha-me enterrado pelo chão abaixo. E lá vou com a senhora. Desde aí ele nunca mais me passou cartão.

*Foi a primeira gravidez e eu queria-o desmanchar,
mas não havia dinheiro e eu tive que deixar vir.*

Entretanto comecei a andar aí doida com uns e com outros, que isto é assim mesmo, não é? Conheci aí um sujeito, fiquei grávida dele, que é o meu filho mais velho. Foi a primeira gravidez e eu queria-o desmanchar, mas não havia dinheiro e eu tive que deixar vir. A minha mãe pôs-me outra vez na rua, quando soube que eu andava grávida porque ia ao sítio onde eu punha os panos e não os encontrava lá. Fui para Vila Nova da Barquinha para casa de uma senhora que conheci em Coimbra. Ela aceitou-me lá em casa e, como ela mudou para Constância, eu fui viver com ela para Constância. Em Constância foi onde tive o meu filho. Arranjei lá um rapaz que era casado, eu detestava homens casados, mas apareceu-me aquele! Era muito meu amigo. Levou-me para Tomar, para uma pensão. E eu ainda estive um ano e tal naquela pensão. Como eu não podia estar a pagar a pensão, houve uma rapariga que me agarrou e disse “Vamos para Lisboa.”, e eu agarrei e fui para Lisboa!

*Meti o meu filho na Golegã, numa ama, e fui para Lisboa,
mas sem emprego sem nada.*

Meti o meu filho na Golegã, numa ama, e fui para Lisboa, mas sem emprego sem nada. Conheci lá outro senhor que vendia automóveis, chamava-se José Casal e disse que me arranjava emprego. Então, fui trabalhar para o *Bowling*, mas estava a receber carteiras, casacos, num bengaleiro. Estive aí muito tempo. Entretanto aquilo fechou e eles trataram de me meter no Café Império que é ao pé da Fonte Luminosa. Trabalhava à porta a vender gelados e a vender sumos. Estive aí muito tempo e andei muito tempo com esse senhor. Esse senhor dizia-me que era solteiro, que vivia com a mãe. Eu morava na Avenida Conde Valbom, ia por ali acima todos os dias à noite. Um dia chega-se um primo dele ao pé da porta e eu viro-me para ele - “O Casal?” e vai ele assim para mim - “Ai o Casal foi esperar a mulher”, - “Foi quê?”, - “Ah pois, foi esperar a mulher!”. - “Então ele diz que é solteiro, que vive com a mãe ali em cima, não me digas, ó Júlio!”, - “É o que eu te estou a dizer Odete, mas tu pela tua saúde não lhe digas nada”, - “Ai não?”. Vou lá para dentro e vou dizer ao patrão para me deixar sair. Desci a Almirante Reis abaixo, porque ele ia buscar a mulher à meia-noite. Quando eu chego aos Restauradores e vejo ali o carro dele... O gajo quando saiu com a mulher - ó menina! -, parece que o estou a ver: branco como a cal da parede, braço dado com ela, meteram-se no carro e foram-se embora. E eu, coitadinha de mim, subo a Avenida da Liberdade acima, vou ter a São Sebastião e depois desço a Conde Valbom e fui para casa. Ao outro dia de manhã, eu entrava às nove horas, eram sete e meia quando ele entra. Quando ele entrou - “ó Casal, desculpa, mas homens casados a mim não me servem, porque eu não gosto, assim como não gosto que me tratem mal, se fosse casada e me fizessem mal! Quanto mais eu estar a dar cabo da tua vida! Nem pensar nisso é bom!”. Ficou todo chateado comigo, eu agarrei, acabei tudo com ele e mudei de quarto.

Depois, fui buscar o meu filho à Golegã e trouxe-o para ali para os Anjos, para casa de uma senhora que também era de Coimbra e ficou a tomar conta do meu filho. Apareceu um anúncio no jornal a precisarem de uma criada. Era para casa do Champalimaud, do Carlos, não era do António. Estive lá ainda dois meses, - Oh!, dois meses... um ano e tal! Eu vinha todos os fins-de-semana ver o meu filho. Ao domingo não podia vir porque ela tinha lá as pessoas da Alta sociedade e era preciso servir o almoço... Ganhava duzentos escudos naquela altura, também não era muito, mas os duzentos escudos eram para pagar à ama.

*Entretanto, uma cachopa, que morava aqui
na Rua do Loureiro, apresentou-me o meu marido.*

Entretanto, venho-me embora para Coimbra. Vim morar aqui para baixo. Comprei uma máquina de apanhar malhas e apanhava malhas aqui em baixo. Entretanto, uma cachopa, que morava aqui na Rua do Loureiro, apresentou-me o meu marido. Pronto! Apresentou-me o meu marido, mas o meu marido..., eu julgava que era uma coisa e saiu-me outra! Entretanto, alcancei barriga do meu homem e eu disse-lhe -“Olha estou grávida”. Na altura casei-me. Casei-me com 26 anos.

Depois daqui fui viver para o Porto. O meu homem, com a bebedeira - eu não sabia que ele bebia daquela maneira! -, tratava-me muito mal, dava-me pancada. Um dia partiu-me os dentes com uma cabeçada. É por isso que eu tenho dentadura postiça. Partiu-me os três dentes de cima e dois de baixo. Um dia o advogado que lá morava no prédio chamou-me assim: - “Não minha senhora, eu vou avisar a senhora porque a senhora não tem direito de estar a viver com um homem que a está a tratar mal. Aqui nós a sabermos que a senhora é educada, que a senhora não se ouve, só se ouve ele, com *asneiredo*”. Uma casa de gente boa... Parece mal! Estar um gajo ali a insultar-me e a chamar-me tudo quanto era do piorio! E o senhor, coitado, com pena, (a mulher falou com ele e eles chamaram-me) -“A senhora vai deixá-lo” e eu, agarrei, -“Ai Sr. Doutor, tenho medo”. -“Não, a senhora faz o seguinte: agarra, chama uma camioneta, leva tudo para sua casa, para Coimbra, leva tudo, só lhe deixa ficar a roupa, não deixa ficar mais nada”. -“Ó meu sotôr eu não posso levar porque nós comprámos as mobílias e andamos a pagar x por mês”, -“Então, deixe ficar as mobílias, ele que as entregue, leve o que está, leve”. Levei. Trouxe tudo o que lá estava em casa. Ele não estava em casa, tinha vindo para Coimbra. Metemo-nos na camioneta e viemos embora para Coimbra. Mais tarde, ele apareceu aqui, bateu-me. Veio aqui dar-me pancada.

*Começámos a falar e ele disse -“A gente agora,
como eu deixo de beber, vamos alugar uma casa.”.*

O meu sogro, como era uma joia de pessoa, telefonou-me -“Odete, veja se a Odete trata de o meter no Sobral Cid, como a Odete é mulher dele...”. Lá tratei de o meter

no Sobral Cid. Sei dizer que ele esteve lá não sei quantos meses, fez o tratamento ao álcool e, como eu ia lá vê-lo, com pena, começámos a falar e ele disse -“A gente agora, como eu deixo de beber, vamos alugar uma casa.”. Entretanto esta casa vagou, mas eu não queria aqui ficar, mas a minha mãe, como morava aqui em baixo... mas depois fiquei arrependida. Ficamos então aqui. Era aqui uma pouca-vergonha de chegar ao ponto de o ter de pôr na rua. Pu-lo na rua. Chamei aqui uma camioneta, aqui era o escritório dele, tinha aqui a secretária, ali uma coisa com os livros e ele sentava-se ali. Chamei aqui uma camioneta, levaram tudo para baixo, livros tudo lá para baixo. Pronto! Desde aí, nunca mais! Entretanto, foi para o hospital, morreu com uma cirrose. Fiz o funeral, que a minha sogra me pediu. Pagou-se o funeral, recebi o dinheiro e ela também quis receber o dinheiro da reforma. Era o que faltava! Então, o dinheiro era meu, mas também não era muito porque ele já não estava na Segurança Social. A reforma dele, quando ele morreu, era dezassete contos e quinhentos. Eu tinha quarenta e dois ou quarenta e três anos, quando ele morreu. Entretanto conheci um engenheiro que andava atrás de mim. Naquela altura tinha 47 anos, de vez em quando, vinha aqui a cima, à casa, mas não havia nada na altura. Morava ali a baixo da Igreja, uma moça que era a Belinha, e a gente fazíamos aqui comeres em casa, e ele vinha aqui comer, almoçava, jantávamos... As festas era só à noite. Íamos ao ETC. Entretanto ele pediu-me se não lhe alugava aqui um quarto e eu aluguei aquele quarto ali, que estava vago. Não havia nada. Mais tarde é que, julgava que esse homem tivesse uns quarenta anos porque usava naquela altura barba, bigode. Quando mais tarde, nos anos dele, fizemos aí uma grande festa e eu perguntei-lhe, para o bolo, quanto é que ele fazia e ele me disse que ia fazer vinte e sete anos..., nem calcula como eu fiquei. Tinha quarenta e sete, era mais velha que ele vinte anos.

Começámos então a fazer vida conjugal, mas também era outro bêbado de primeira ordem, mas não me travava mal, nem me batia. Eu é que o tinha de meter na cama, porque senão ele partia-me qualquer coisa, mas bater nunca me bateu. Ainda vivi muitos anos com ele. Doze anos! Eu aturei dois bêbados! Os outros, os outros é como o outro, estavam, andava um mês ou assim com eles e depois iam-se embora. Eu era muito esquisita quando era nova. Nem tudo me servia.

A assistente social da Maternidade telefonou a perguntar se eu queria tomar conta de uma menina, mas era só por dias. Eu disse que estava bem. E ela veio então para cá. Veio para cá e cá ficou.

Antigamente tomava conta de crianças e depois comecei também a tomar conta de crianças pela Segurança Social. Quer-se dizer, veio para aqui uma miúda para minha casa, que também é minha afilhada, a Joana. A mãe não me dava dinheiro e disseram-me para ir à Segurança Social. Fui, ficou lá o meu nome e a Segurança Social é que me pagava para a miúda aqui estar. Depois, como sabiam que eu estava a tomar conta de crianças, crianças tiradas aos pais, de vez em quando, vinham-me aqui pô-las.

As primeiras crianças que eu tomei conta eram filhas de doutores, quando estava aqui o hospital. Vinham às oito horas da manhã pô-los cá e depois vinham-nas buscar às cinco. Às vezes, quando estavam de serviço, ficavam cá a dormir comigo e depois iam-se embora ao outro dia. Depois, apareceu a Marta. Foi a assistente social da Maternidade que me telefonou a perguntar se eu queria tomar conta de uma menina, mas era só por dias. Eu disse que estava bem. Ela veio para cá. Veio para cá e cá ficou. A avó dava-me dez contos por mês e ficou porque a avó não podia, não queria lá a miúda na terra e a mãe também andava a estudar, tinha dezasseis anos. A única pessoa que a vinha aqui ver era a avó. De resto, nem mãe, nem avô, não vinham aqui ver a miúda. Aqui ficou. E aqui está. Depois daí nunca mais tomei conta de crianças.

Agora tomo conta daqui das rendas da casa. Eu é que alugo e é que tomo conta dos dinheiros aqui da casa. Vou receber os dinheiros, bater à porta, ponho os bilhetes debaixo da porta, ainda ontem fui lá pôr os papéis a dizer: “Vocês vão de férias, agradeço que me paguem a renda da casa.”

A Alta velha deitaram tudo abaixo. Foi uma pena. Deram cabo disto tudo. Toda a gente ficou revoltada de deitarem a Alta toda abaixo.

E isto aqui da Alta, era uma cidade bonita, deitaram tudo abaixo. A Alta velha deitaram tudo abaixo. Foi uma pena. Deram cabo disto tudo. Toda a gente ficou revoltada de deitarem a Alta toda abaixo. Isto foi na altura do Salazar e do Bissaya Barreto. Eu tinha 17 anos naquela altura. Estas faculdades, tudo que ali está, foram tudo. Antigamente a Alta dava consolo ver, a gente saía, havia a vizinha -“Olha vamos ali abaixo a casa de fulana, de sicrana.”. Agora não. O que é que aqui há? Não há nada. Agora? Agora, é altura das férias, isto a estudantada vai toda embora. Vai tudo para férias. Quem é que aqui está? Não há ninguém. Parece uma aldeia. Quem viu esta Alta e quem a vê! Tudo casas fechadas. Dizem que vão arranjar isto, que vão vender... Casas aí fechadas... mal empregadinhas casas! Morava aqui gente, médicos, professoras e aquilo tudo, morava aqui gente boa mesmo. Agora é que não. Quem é que aqui mora? Eu? Coitada de mim! Qualquer dia morro, vou morar lá para cima para a Conchada. Pois, lá para uma sub-cave.

No tempo do Salazar levavam-me presa

No tempo do Salazar vinham, fosse quem fosse, vinham-me logo buscar aqui a casa e levavam-me presa. Muita gente foi presa. Houve aqui vizinhos que foram presos. Sentia-se isso, no tempo de Salazar sentia-se. Andávamos a comprar a massa, o arroz, isso tudo era tudo por senhas. A gente recebia essas senhas e íamos às lojas comprar. Recebíamos as senhas pela Junta. A minha tia é que ia buscar as senhas e eu é que ia buscar as compras. Quando do 25 de Abril eu estava aqui em casa, na cama. O meu homem que era, nessa altura, delegado de propaganda médica nem cá estava. Mais tarde é que o meu marido telefonou e é que me disse o que se estava a passar.

Quem era a mulher que a mãe deixava sair de casa para ir para aqui e para acolá? Ou para namorar? Ninguém!

Antigamente era diferente. Quem era a mulher que a mãe deixava sair de casa para ir para aqui e para acolá? Ou para namorar? Ninguém! Isto era, agora não. Agora é diferente. Antigamente não. O tempo era outro. Eu lá por ter [andado] como andei não quer dizer que eu, em casa da minha mãe ou da minha tia, não fazia nada disso, não é? Mas às vezes, fora... quando estava fora olha, ia..., então! Havia! Havia mais

mulheres a andarem por aí com A, B, C e D. Como andam agora. Tudo às escondidas, mas olhe lá, na altura quem é que entrava numa República? Uma pessoa para entrar numa República tinha que olhar para todo o lado, quem é que estava a ver e quem não estava. Agora não, a gente entra ali numa, entra ali nos Galifões, entra ali. Antigamente não era assim.

E quem me dera ter agora vinte anos. Vinte, aí vinte também não queria ter, não...! Aí trinta anos. Eu agora com trinta anos! Caraças...!



ORLANDA SILVA, ENFERMEIRA

*As mulheres são seres extraordinários.
Temos de dar garra, luz ao nosso ser. Andar para a frente*

*A minha infância foi passada na rua, perto da fábrica,
e é engraçado porque a rua dizia-me muita coisa,
era a minha liberdade*

Sou a primeira filha. Nasci em Leiria. Vivi até aos 18 anos na Cumeira, um lugar na Marinha Grande. Fui filha única durante 10 anos. São tempos depois de uma guerra, em que os meus pais eram pessoas muito oprimidas, trabalhadores, operários e a vida não era muito fácil para eles. A minha mãe era uma diva, não por ser minha mãe, mas uma senhora com uma inteligência acima da média, era analfabeta. Devolhe a ela tudo o que sou. Mulher. Mas tinha, realmente, uma visão de vida que me instigou sempre a mais, o que eu não queria era a realidade vivida ali. É um pouco o meu percurso de vida.

O meu pai trabalhava na indústria metalúrgica e a minha mãe trabalhava na indústria vidreira. A minha infância foi passada na rua, perto da fábrica, e é engraçado porque a rua dizia-me muita coisa, era a minha liberdade. Éramos uma família extensa, com muitos tios e tias, primos e primas, mas eu procurava sempre a minha mãe na fábrica e tornei-me a “maria da fábrica”. Corria a fábrica toda. Chamava-se Vidros Santos Barosa, visitava toda a gente, tinha muita cordialidade, brincava muito, também me feria muito, com vidros, e estava sempre a ir ao enfermeiro que me tinha de suturar. Sempre gostei muito de tomar conta dos horários da fábrica: a saída da hora do almoço, a entrada depois do almoço e a saída dos trabalhadores. Não tinha a noção, nem a consciência, mas gostava de observar a alegria das trabalhadoras e dos trabalhadores quando saíam às cinco da tarde. Havia qualquer coisa de diferente. A espontaneidade deles encantava-me.

Naquela altura, havia a PIDE e às sextas-feiras faziam um percurso semanal informativo, ir para as saídas da fábrica para ouvir os comentários dos trabalhadores e saber sobre as denúncias dos “bufos”, e a minha mãe tinha-me dito para eu não me meter com aquelas pessoas, que eram polícias à paisana, do Estado, mas eu ia sempre meter-me com eles, gostava que eles perguntassem quem era a minha mãe e quem era o meu pai e eu sorria, corria, fugia e não respondia. Soava-me a vitória, não tinha medo. As sextas-feiras eram o dia do recebimento, portanto, era o dia em que as pessoas podiam conversar e queixar-se dos salários, porque o trabalho de operário nunca deu para as necessidades. As pessoas não se podiam pronunciar. Eram

sempre dois agentes da PIDE que se colocavam perto das vendedoras que estavam à porta das fábricas. Sendo a Marinha Grande um centro que é chamado o centro comunista, sabia-se das pessoas presas em Peniche. Para mim aquilo era tudo muito dinâmico, obscuro, diferente. Apesar da minha mãe e de uma tia me dizerem que eu não podia falar, era aí que eu gostava de ver e gostava de perceber o quê. Porque é que não posso falar, porque é que eu não tenho liberdade para falar ou porque é que eu tenho que ouvir em casa a rádio que me transmite o que se passa em Angola ou Moçambique? O que é que estão a fazer os nossos soldados? Porquê a guerra ultramarina? Tudo isto, para mim, era um enigma. Porque é que eu não posso representar? Porque é que eu tenho de falar e ser aquilo que a professora quer que eu seja? Por exemplo, anos mais tarde, já na escola básica. Porque é que eu tenho de estar sempre de castigo? Porque é que eu tenho que estar sempre a levar reguadas?

A minha mãe ia para a fábrica e eu, como era muito inquieta, fui para casa de uma tia, mas não dormia lá, dormia em casa dos meus pais, só que passava o dia em casa da minha tia. E porquê? Para eu aprender a ser mulher. Porque eu não estava com muita vocação, era uma pessoa muito livre. A minha tia, por acaso, era uma pessoa que lia muito, era cabeleireira na altura e ensinou-me o ofício. A minha tia também era dramaturga no espaço cultural da terra e ensinou-me o valor da leitura e aprendi muito. Eu até pensava que tinha duas mães. Uma mãe, que era a minha mãe biológica, que eu adorava, e a outra mãe que era a minha mãe da cultura. Dá-se aqui uma colisão, é que eu tenho dois lados. Tenho, por um lado, a minha mãe, uma pessoa que me ensina a moralidade, o respeito e tudo o que está inerente, e a outra que vai para a parte da cultura, da leitura, da crítica.

Fui para a escola primária antes dos seis anos, porque eu não podia estar mais, entre aspas, à rédea solta. Não é que eu fosse muito atrevida, mas as coisas não coordenavam com as perspectivas sociais. Era uma revoltada. Desde pequenina. Não gostava dos tratamentos que eu via. O meu pai, se amava a minha mãe, se constituíram uma família, com que direito é que podia falar alto à minha mãe? Não era um homem de violências físicas. Mas com que direito é que ele falava assim à minha mãe? Porque é que a minha mãe tinha de ser criada, entre aspas, dele e não ser a companheira? A minha rebeldia, a minha constituição de ser, de vida, de observação e de formação da minha personalidade, veio desses momentos. Eu tinha um pai exemplar, tinha uma mãe que era um amor mas, havia qualquer coisa que eu discordava. Não estava dentro

dos parâmetros do meu sentir. E isso, mais tarde, revelou-se quando eu cresci e fiquei já mais senhora de mim, mais independente e fui a tal *teenager* revoltada, rebelde.

*Não era muito boa aluna na escola porque brincava muito.
Eu era criativa, mas ali não se aceitava a criatividade.*

Não era muito boa aluna na escola porque brincava muito. Eu era criativa, mas ali não se aceitava a criatividade. Na escola era induzida para aprender, era *copy paste*, eu tinha de decorar tudo. Não tem de haver imaginação ponto. Tu tens que ser um *copy paste* daquilo que o sistema quer. E eu não tinha noção, mas aquilo mexia comigo. A escola primária foi boa pelo conhecimento que eu pude adquirir. Apesar de ser muito cinzento o que se aprendia. Depois aprendi que a minha professora tinha muita autoridade e podia espancar. Era normal espancar porque nós éramos meninos diferentes. Diferentes porquê? Não era bem diferentes, não gostávamos das atitudes. Éramos crianças e respondíamos. E não se podia responder, era uma autoridade educacional.

Acabei a escola básica e fui para a escola comercial. Como estávamos no governo de Salazar só era obrigatório estudar até ao quarto ano, depois tinha-se duas alternativas, ou se ia para a escola ou não. Senão teria que ir trabalhar. Era normal as crianças com dez anos irem trabalhar. Eram os tais aprendizes. Na escola comercial só estive 2 anos, continuava a ser um bocado inquieta, chumbei e o meu pai retirou-me da escola, não podia estar a pagar a escola. Apesar de eu pedir livros ao patrão da minha mãe, pois ele emprestava-me os livros para eu estudar e eu depois restituía-os. O meu pai não estava para pagar a escola e isso criou-me muitos *bulyings* de insatisfação. A partir daí começou a minha rebeldia, mas foi uma rebeldia muito positiva.

Empreguei-me, fui costureira, o que muito me apraz, ainda encontro a minha mestra da costura e tenho um amor muito grande pela senhora, que é esplêndida. Foi muito gratificante, ainda hoje faço os meus arranjos de costura. Um bocadinho atabalhados mas eu gosto é dos pontos grandes! São os meus pontos, não tenho que esconder aquilo que faço. Eu faço um ponto é para ser notado e tenho muito prazer porque as minhas filhas roubam-me a roupa que faço, tem os pontos da mãe. A minha mestra de costura teve um filho e eu fui ama do filho. Também aprendi puericultura, não pensava eu que viria a ser enfermeira e iria trabalhar na pediatria toda a minha vida profissional.

Depois, fui empregada numa livraria, porque eram os livros o meu sonho. Fui pedir à livraria Lux e estive lá bastante tempo, dos 12 até aos 14 anos. Ia fazer as cobranças às empresas, de bicicleta e gostava muito. Um belo dia fui assediada pelo senhor meu patrão, que era um senhor muito voluntarioso da igreja e que achava que eu me devia sentar no colinho dele para ele manifestar as suas afetividades. Só que não gostei muito da conversa e fugi, senti que estava a ser assediada e nunca mais pus os pés na livraria. E mesmo que contasse à minha mãe, ou contasse à minha tia, ninguém ia perceber, porque o senhor era uma figura tão célebre, tão querido, tão voluntarioso, tão católico e eu é que era a criança que até podia ter alguns devaneios! Mas foi bom, nunca mais pus la os pés, só fui para receber o ordenado. Ganhava duzentos e setenta escudos por mês.

*Era quase como uma arvorezinha, ainda muito jovem,
uma árvore juvenzinha, muito tenrinha,
mas que tinha de criar a minha vida.*

Depois andei à procura de emprego e empreguei-me num escritório e fui estudar em regime nocturno. Aí correu bem. Tinha já 14 anos. Como estava empregada num escritório, saía para ir para a escola e chegava a casa à noite, comecei a ter grandes complicações com o meu pai, porque ele não admitia que eu andasse na rua às onze da noite. Para ele eu devia ter sido costureira, estar lá em casa a costurar, o que é que eu ia aprender mais? Começou a haver essas complicações e desentendimentos e penso que, da parte do meu pai, era um bocado a prevenção dos riscos. Eu só percebi isso mais tarde. Portanto, a minha adolescência foi muito complicada com o género masculino, o meu pai. Muito complicada mesmo. Com medos, com violências, que fui superando, custou muito a superar, tentei pôr fim à vida. Era uma menina de 15 anos, pôr fim à vida era uma demonstração de “Eu existo e estou aqui.” Não era para pôr fim à vida. Não tinha essa consciência. Era “Eu estou aqui, eu não posso viver mais desta forma.”. A minha mãe era uma sofredora com estas coisas e o meu pai era a autoridade número um lá de casa. Eu costumava dizer uma coisa: depois de abirmos e fecharmos o portão aquilo era o reino dele, ele deixava de ser a pessoa simpática que estava na rua.

Quando andava a estudar à noite tive uns professores muito engraçados e um dos professores era de Direito, de Coimbra, e dava-me uma disciplina chamada Noções

de Comércio. Então, esse professor não só dava aulas – nós estamos nos anos sessenta – também nos convidou para umas reuniões de consciencialização política numa livraria, na cave de uma livraria, de umas pessoas que eu prezo muito na minha vida e tínhamos as reuniões políticas. E eu tinha um sonho, era ir para a Rússia, para a União Soviética, para estudar. Não tinha vocação como as minhas colegas que se casaram e tiveram filhos. Eu tinha que estudar, não podia ficar ali. Era quase como uma arvorezinha, ainda muito jovem, uma árvore juvenzinha, muito tenrinha, mas que tinha de criar a minha vida.

*Por fim, queria ser enfermeira,
achava que as minhas mãos iam fazer o mundo...*

Ainda trabalhei noutra escritório, trabalhei lá até deixar a Marinha Grande, até completar o ensino secundário. Levei sempre a minha razão para a frente e cada vez me dava mais mal com o meu pai, porque eu estudei sempre. Entre os 14 e os 18 fiz sondagens, fui a casa dos capitalistas todos que conhecia que tinham empresas, era numa altura em que a indústria dos moldes dava muito dinheiro, havia muitas fábricas. Eu ia lá, dizia de quem era filha, pedia uma caução para estudar que eu depois recompensava, mas se eles me podiam ajudar a estudar. Foi uma luta de 4 anos. Aos 18, não tendo essa caução, e nenhum deles ouvindo as minhas preces, resolvi ir para freira. Então inscrevi-me. Depois, eu queria ser professora primária, mas não tinha dinheiro para o magistério. Por fim, queria ser enfermeira, achava que as minhas mãos iam fazer o mundo e a minha parte imaginativa, trabalhando as minhas mãos, eu podia segurar o sofrimento, eu podia avaliar montes de coisas.

*Fiz o curso de auxiliar de enfermagem em Coimbra,
que eram 18 meses. Não tinha possibilidades para mais
e foi onde eu tive a chamada bolsa*

Resolvi vir para Coimbra, cheguei cá em 73, já tinham fechado as inscrições. Fugi de casa. Meti-me no comboio, cheia de medo. Aquilo era uma confusão para mim. Quando cheguei à escola de enfermagem já tinham acabado as inscrições e eu disse à Directora: “Não saio daqui, não posso ir para a Marinha Grande. Eu fugi de casa e não saio daqui enquanto não reabrirem uma inscrição para mim, senão a senhora vai arranjar-me emprego como empregada.”. A senhora – que depois vim

a saber quem era – era uma senhora muito rude, toda a gente tinha medo dela, era a Directora da escola. A cadeira que ela lecionava era Deontologia, era uma senhora que realmente tinha muita religiosidade e disse-me: “Olha, já que tu és assim teimosa, vais a Celas fazer os psicotécnicos e depois falamos.” e perguntou-me se eu sabia onde era Celas e eu disse: “Eu não sei mas aprendo.”. Fui fazer os psicotécnicos, inscrevi-me e, depois, fui chamada para vir para Coimbra. Coitado do meu pai, foi muito mau para ele, porque deixava de ter os olhos em mim. O que é que eu ia ser? Estudar enfermagem iria ser, obviamente, amante do médico. Essas coisas que existiam. Que isso era uma coisa que estava instituída na sociedade e passava a ser uma desgraçada.

Fiz o curso de auxiliar de enfermagem aqui, em Coimbra, que eram 18 meses. Não tinha possibilidades para mais e foi onde eu tive a chamada bolsa. Estava interna, na Rua Alexandre Herculano, numa residência feminina. O dia-a-dia da residência era muito engraçado, tínhamos uns vizinhos que eram os Pedros e construímos uma arte de comunicação: havia uns buracos na parede por onde comunicávamos uns com os outros. Eles eram também internos e nós dávamo-nos muito bem. Através da sala de aula nós comunicávamos uns com os outros. Era engraçado. São as tais coisas oprimidas, a opressão faz a força. E as pessoas continuam a comunicar. Só tínhamos um dia de saída, eu perdia muitas vezes a quarta-feira, que era o único dia de poder sair. Perdia porque fazia algumas coisitas, de pequenita, e passava assim algumas partidas, estava sempre de castigo. Até parece que eu era muito indisciplinada, nunca gostei de estar presa. Eram governantas muito rígidas. Eram mais rígidas do que algumas freiras do convento. A nossa directora era a directora dos lares e da escola, foi saneada após o 25 de Abril. Mais tarde, encontrei-a e ela disse-me que estava no Ministério da Saúde. Foi integradíssima! Depois, fiz o outro curso de enfermagem, a equivalência e, no fim do curso, fui para Leiria trabalhar. Tinha um casamento aí a espreitar, aquele primeiro amor. Depois, aquilo falhou. Vim outra vez para Coimbra. No meu tempo pedia-se exoneração, como nós pertencíamos ao Estado podíamos andar de um lado para o outro. Fiquei a trabalhar aqui no Hospital Pediátrico de Celas.

O 25 de Abril veio, acabei o curso no dia 31 de Março de 74 e o 25 de Abril veio. Sou completamente uma profissional de Abril, uma mulher de Abril. Tinha, nessa altura, vinte anos. Vivi o 25 de Abril questionando, questionando a liberdade. O que é que

chamavam liberdade, como teríamos de reconstruir um país no qual as pessoas estavam habituadas a uma opressão muito grande, que toda a euforia vivida tinha muito para dar. Teríamos muito para aprender, muito para ensinar, nós que tínhamos 20 anos. Mas Coimbra foi, realmente, uma mãe para mim. O 25 de Abril trouxe muitas coisas, houve a unificação estudantil e começámos a ser todos iguais.

Quando eu estudei aqui em Coimbra a faculdade era a faculdade, os cursos técnicos eram os cursos técnicos, nós éramos as enfermeiras e éramos muito fáceis, porque, sendo enfermeiras, éramos a vassalagem, não é? A enfermeira era amante do médico, aliás, nós íamos para enfermagem para arranjar um médico. Porque antes do início do governo de Salazar os enfermeiros e os professores não podiam casar porque casando não dávamos o rendimento necessário. Ou seja, não nascemos para freiras. Mas como não podíamos casar, então, tínhamos que nos amantizar. Quem é que estava mais perto de nós? Eram os senhores doutores, que por acaso eram doutores de medicina. Como éramos, se calhar, bonitinhas, aquilo era uma festa... pensavam eles!

*Estive em Coimbra até 79 e, depois, fui para Lisboa.
Fui trabalhar e não conhecia ninguém, mas eu gostei
sempre do anonimato.*

Estive em Coimbra até 79 e, depois, fui para Lisboa. Fui trabalhar e não conhecia ninguém, mas eu gostei sempre do anonimato. Não conhecendo ninguém, nunca tendo estado em Lisboa, eu poderia ter já outra etapa na minha vida, que é o aprender de novo, o estar de novo. E assim passei a minha vida em Lisboa até casar e ter filhos. Casei com uma pessoa, que gostei bastante... tive a minha primeira filha. As coisas começaram bem. Tive a minha segunda filha. Depois da minha primeira filha nasceu a minha sobrinha, pois a minha irmã era mãe solteira, era uma miúda de 18 anos. Ficamos todos juntos. Veio ter comigo a Lisboa, grávida. Nasceu a quase minha segunda filha, que ainda hoje, para mim, é como segunda filha. Depois nasceram a minha terceira filha e, posteriormente, nasceu a minha quarta filha. Da minha terceira para a minha quarta filha já estava tudo muito deteriorado na minha vida conjugal. Já havia muita violência, mas eu tinha aquelas filhas todas. Trabalhava na Estefânia e trabalhava também numa Clínica particular, para pagar as despesas. O pai das minhas crianças, aquilo que se diz em sociedade, o meu senhor marido estudava e fazia artesanato. E foram anos muito difíceis.

É aqui que começa a história de alguém que luta acirradamente por resistir.

A minha vida era de sofrimento, mas eu não podia ser vítima. Uma coisa eu tinha: tinha muitas filhas. É aqui que começa a história de alguém que luta acirradamente por resistir. E começa a haver as violências domésticas, porque... eu hoje sei porquê. Porque o pai das minhas filhas foi criado num mundo de violência e as violências repetem-se, sem dúvida nenhuma. Foi uma coisa horrível. Quando fiquei grávida da minha filha mais nova já estava instituídíssima a violência doméstica. As crianças ali a viverem. Eu tinha que trabalhar, tinha que andar para a frente. Agora, quando engravidei da minha filha mais nova eu engravidei praticamente sozinha, porque eu é que quis. Decidi muito se ia ter, se ia abortar. O que é que seria da minha vida? Mais uma filha, mas não. Eu sou uma vencedora e vamos... e falava com a bebé: “Vamos vencer!” e vencemos. Ela nasceu e um ano depois eu saí de casa.

Saí de casa e fui viver para Leiria. Primeiro fui para o hospital de Leiria. Vivia na Marinha Grande porque os meus filhos ficaram em casa dos meus pais, mas depois o meu pai não se sujeitava em ter lá as crianças. Eu era uma pessoa casada, tinha uma vida. Porque havia muito isso na linhagem de educação: casaste vais embora. E eu tive que, realmente, fazer um concurso para Saúde Pública. Fiz o concurso para Saúde Pública e saí da carreira hospitalar, por causa dos horários compatíveis com as meninas, e começo a minha vida... Começo outra vez a vida. Aluguei uma casa dentro da aldeia onde trabalhava porque não tinha carro. Fui trabalhar para uma Extensão de Saúde de Leiria, que era na aldeia. E é aí que eu tenho a consciência das coisas e vem outra vez a violência doméstica. Já com a agravante que eu tinha saído de casa, volta outra vez a violência doméstica porque veio ver as filhas. Foi muito mau para mim, foi muito mau para as minhas filhas. Estávamos separados e ele vinha. Vinha quando queria, vinha de Lisboa, embriagado, chegava ali a casa... Era violentada fisicamente, verbalmente.

Faço aqui o apelo às mulheres, não estamos a proteger ninguém. Isso mais tarde é que reconhecí. Não estava a proteger as minhas filhas. Estava a passar por um período em que tinha de me respeitar. Hoje podemos apresentar uma queixa, mas naquela altura não era fácil. Tentei apresentar uma queixa e os polícias ainda se riam. Tentei ir para tribunal e as pessoas faziam chacota. Ou quando ia de urgência para o hospital diziam

que era um atropelamento. Eu dizia -“Não é um atropelamento, eu fui maltratada, eu fui violentada.” e um amigo meu médico dizia -“Diz antes que foi um atropelamento.”. Aquele velho ditado “Em casa de marido e mulher, ninguém mete a colher.” estava instituído. Eu aprendi muito, depois, quando estava completamente desfeita. Quando eu era uma mulher desfeita e ia trabalhar as minhas doentes diziam-me -“Nós também passamos por isso.”, -“Eu já passo por isso há 14 anos.”. Então isto é muito grande mesmo, a dimensão é grande. Depois, habituando-me a esta ideia de vítima, de mulher maltratada, lá fui vivendo, com um medo absoluto e fui desaparafusando, ou seja, apanhei uma grande depressão. Dessa grande depressão depois veio outro conteúdo. Fiquei doente, não sabia porquê (e isso é que as pessoas têm de ver, não dá sinais) que é o carcinoma do útero. E desse carcinoma do útero fui operada. Acabou.

*Sepultei as coisas, individualizei-me, cresci,
fiz a licenciatura, fiz a minha vida.*

Já tinha acontecido tanta coisa, que eu até podia ter morrido. Não morri por violência, podia ter morrido com o cancro no útero, mas como não morri agarrei-me e tinha as meninas pequenas, agarrei-me outra vez à vida. Fiz concurso e fui para outro Centro de Saúde, resolvi ir viver para a serra. Ali para Castanheira de Pêra. Muito bonito, mas muito só. A parte que eu gostei de viver em Castanheira de Pêra era quando eu ia fazer domicílios à serra mesmo. Porque aí é, realmente, ver como as pessoas vivem, o que as pessoas necessitam, quem são as pessoas, a identificação e não tem nada a ver com Castanheira de Pera, a vila. Depois, as meninas não se deram lá bem, fazia muito frio e enregelavam e eu vim viver outra vez para uma aldeia perto de Montereal, uma vila, é ali em Monte Redondo, que é sensivelmente a 17 km de Leiria. E começo a ir e vir todos os dias. Mais tarde voltei a trabalhar no mesmo sítio onde trabalhei anteriormente, na aldeia em que vivi quando vim de Lisboa, e de lá fui para a sede e já tinham havido estas transformações todas. Ainda morei ali uns bons tempos.

Aos 47 anos fui a Moçambique, reavivei uma relação amorosa que tive durante o período em que estive separada do meu marido. Estive 3 anos nessa relação, a ir e vir. E cresci outra vez. Eu ainda trabalhava e as meninas ainda eram pequenas, tinham 17, 18 anos, eu tinha de estar presente ainda. Eu disse sempre que não queria ter mais relação nenhuma enquanto as crianças não fossem já crescidas e independentes. Depois fui a Moçambique, andei para trás e para a frente. A distância diz muitas coisas, essa pes-

soa, que eu amava, casou-se e eu levei outra e pensei: “Isto não me pode estar a acontecer.”. Sepultei as coisas, individualizei-me, cresci, fiz a licenciatura, fiz a minha vida.

Pedi a aposentação em 2010. Já tinha 40 anos de serviço, fiquei com a aposentação e com os 56 anos e pensei -“O que é que eu vou fazer da vida agora, aposentada?”. Trabalhava numa Clínica, só, mas trabalhar numa Clínica é muito diferente de trabalhar em enfermagem a nível estatal. Numa Clínica fazemos tratamentos, a nível estatal não, existem uma série de funções e de atribuições, é o ser enfermeira de Saúde Pública. Resolvi a minha vida. Fui a Moçambique, a pessoa já estava separada e reativámos outra vez. Larguei o emprego particular e fui para Moçambique, estive lá 2 anos. Depois, achei que devia vir para Coimbra e viemos os dois.

Os dias de chuva são tão bonitos como os dias de sol, o outro aquece mais que eu sou um bocado friorenta... não estou feliz por ter uma história de vida assim, era muito melhor estar acomodadinha e ter tido uma vida mais calma, mas consigo sorrir, consigo sorrir para as coisas que vejo, para aquilo que opino, que sinto, a nível socio-económico, a nível político. Acho que..., sou feliz..., tenho tudo. Eu sei que tenho as minhas quatro meninas, que gostam de mim por ser assim. A Joana ainda fez o nono ano, foi difícil, mas fez o nono ano. Foi difícil todo o circuito dela. A Lia, que é a minha sobrinha, é Engenheira Civil, a Mafalda fez a licenciatura de Filosofia e agora está a fazer o Mestrado em Estudos Artísticos em Lisboa e a Mariana está a fazer Antropologia. Eu estou a estudar Psicologia do Desenvolvimento, estou a estudar porque só quero estudar, quero chegar a conclusões, quero saber..., quero saber tudo. A parte de saúde já foi, está lá, o que estudei, estudei. A parte de Psiquiatria que estudei, estudei. Agora quero entrar noutras vertentes.

Quando passava pela UMAR em Lisboa, o que pensava é que tínhamos de nos levantar (...) de ter uma palavra contra a sociedade, dizer que nós existimos...

A minha entrada para a UMAR... Quando andava por Lisboa a UMAR era lá em baixo ao pé da Praça da Figueira, isto há muitos anos. Quando passava pela UMAR em Lisboa, o que pensava é que tínhamos de nos levantar, tínhamos, realmente, de ter uma palavra contra a sociedade, dizer que nós existimos – isto são anos 80’ – nós

existimos, nós precisamos de aprender uma metodologia do estar. Porque nunca me conformei com esta ideia do ser mulher sorridente, de estar à espera do marido e de viver para o marido, de falar o que é que vou cozinhar logo para marido e pronto, já está dentro da minha formação. Depois ficou-me sempre a UMAR, mas nunca colaborei, digamos que eu também não tinha muito tempo. Depois, estava já a morar aqui Coimbra, comecei a ir a Lisboa, comecei a ir às manifestações. Em 2008 ou 2009 inscrevi-me no Mestrado de Estudos Feministas mas depois não me deram o estatuto de trabalhadora-estudante e eu tinha de fazer bancos e não tinha possibilidade de ir às aulas à sexta-feira e ao sábado. Quando já estava aposentada comecei a vir aqui ao CES, vinha cá aos seminários, porque eu queria ouvir e conhecer pessoas. Depois quando soube aqui da UMAR inscrevi-me naquele workshop, foi quando vos conheci. Não estava directamente ligada com a UMAR, só queria ligar-me e continuar. E era isso que eu procurava, era realmente nós identificarmos as causas. Também porquê, porque a minha mãe não falava com o meu pai. O meu pai é que falou sempre lá em casa, a minha mãe até as botas lhe ia pôr para ele calçar. Eu não podia falar, eu só podia levar porrada. Eu achava que as mulheres não podiam continuar assim. Ninguém pode ser vítima, hoje a mulher não tem de ser vítima. Estas mulheres que têm violência não podem continuar a dizer à prima, à tia, não podem, são elas que têm de tomar isto. Seja com filhos pequenos, seja com filhos crescidos, têm de ouvir por dentro. Porque é horrível. Deixas de ser tu. O que mais me custou e o que mais me custa quando me revento em tempos é como eu desci tanto do meu ser, como eu me desamei tanto. Se eu não me amar ninguém me ama. Posso ser muito simpática, mas ninguém me ama.

*O que eu sempre quis aprender é a utilizar as armas
que eu tenho, que são a minha voz e a minha cabeça.*

Quando vim aqui para a faculdade a minha mãe dizia-me -“Ai, há tanta coisa para fazer, deves descansar na tua vida.”. Descansar? No outro dia dizia à minha professora, também foi um dos amores que eu arranjei, e eu dizia-lhe que eu só queria pós-graduação, pronto, fico graduada e fico bem. Eu frequentei, estou fixe. Frequentei, é para mim, não é para os outros. Mas depois disse assim -“Professora eu venho convidá-la para ser minha orientadora de tese.”. Já pensei em tese. Porque não? Mesmo dedicando-me à UMAR ou dedicando-me depois em Moçambique, sei lá. É em todo o mundo. O mundo é global. O que eu sempre quis aprender é a utilizar as

armas que eu tenho, que são a minha voz e a minha cabeça. Então, porque não seguir isso? Agora estares ali à espera de morrer.

É preciso aceitarmo-nos, a maior parte das pessoas anda aí porque não se aceita. Eu vi em Moçambique as pessoas a querer viver e a não ter. Eu era uma impostora, estava no meio deles e era uma branca. Foi aí que senti que era branca. Engraçado. Eu senti a diferença e eu que gostava de ser preta. Porque é muito chato ser branca. Quando tu ocupas lugares de mercado. Há quem ocupe e não vê, é verdade, não vê. Eu vi essas coisas. Estas coisas estão muito incutidas em nós, é muito complicado. Agora se me perguntarem o que é que eu quero fazer, gostava de ir outra vez para Moçambique, fico é muito longe das minhas filhas, elas não querem ir lá. Moçambique ou Somália ou sei lá. Angola não quero muito. A Índia, eu adorava ir à Índia. O cheiro nauseabundo... A Índia é um país de proibição autêntica. É a proibição de ser mulher... O meu apelo é que as mulheres são seres extraordinários. Nós conseguimos fazer uma série de tarefas ao mesmo tempo. Coisa que os homens não conseguem, eles fazem uma de cada vez. Temos de dar garra, luz ao nosso ser. Andar para a frente. Ah é muito difícil, é sim senhora. Não é nada fácil. Mas nenhuma luta é fácil.

O feminismo é aquilo que lhe quiserem chamar, eu só sou uma mulher. Sou feminista porque as sociedades querem que eu seja feminista. Porque tenho direitos, valores... que têm que ser respeitados. Porque contesto as determinações sociais, de como se educa as mulheres, o que querem fazer das mulheres, as maternidades, os salários, a economia. Não está certo. E então é aí que eu sou feminista e continuarei feminista até ir embora, até à minha cremação.

Sou uma mulher completa. E as armas, não preciso de agarrar em armas para lutar, as armas estão contigo.

É assim, em termos gerais conheci de tudo um pouco. Desde a infância que tive maus tratamentos, maus tratamentos do meu pai, físicos e verbais. Mal sabia eu que ia ter violência doméstica. Agora, eu só quero pedir a todas as mulheres que continuam com violência, seja que violência for. Todas as mulheres que tenham um processamento de violência têm de fazer um *stop*. É aqueles nossos *stops* quando estamos juntas na rua, quando abordamos, é esse *stop*. Esse *stop* não é para dizer *stop*, “Ah e

agora?” é esse o fim. O fim está aqui dentro de nós. Isto não é revolucionar nada, isto é estar nos nossos direitos. E não são as instituições, nem o tribunal, nem a psicóloga ou o psicólogo da polícia, ninguém sente como uma mulher esfarrapada sente. Mas essa mulher não pode ser vítima, é só o que eu peço. Eu sei que tive uma dádiva, a dádiva é que eu era independente, tinha maneira de sobreviver. Tinha o meu ordenado ao fim do mês.

Mas estava esfarrapada. Estava em pedaços. É exactamente como aquele *poster* dos pedaços que está nos Centros de Saúde e..., eu era uma mulher assim. Não podemos. A mulher violentada jamais pode ficar fragmentada, eu passei, eu sou, eu tenho que fazer, tenho que renascer e é aí que eu quero dar a minha ajuda, e é aí que eu peço a todas as mulheres e a todos os homens, porque eles têm de trabalhar connosco.

Eu, hoje, com sessenta anos, com as minhas três mais uma, com as minhas quatro meninas, podia ter feito muita coisa da vida, podia ter estudado muito... mas tive uma vida, tive o meu castelo, era a educação das minhas filhas, era o amor das minhas filhas. Eu posso ter uma vida complicada – é engraçado que eu estou sempre pressionada – mas sou uma mulher muito feliz. Sou uma mulher completa. E as armas, não preciso de agarrar em armas para lutar, as armas estão contigo. Nem foi o meu passado que me pôs essas armas, as armas nascem contigo. Não foi o passado, não foram as amarguras do passado. O passado passou. Completou-me, fabricou-me? Talvez. Mas fica no talvez, eu não preciso do dia de ontem, eu preciso é do agora. Tu estares aqui ao pé de mim, de eu estar a falar disto. Eu não tenho problemas de falar, agora mulheres deste país, mulheres do mundo, não vivam esta agonia. Stop. Stop. Stop.



SÃO JOSÉ LAPA, 63 ANOS, ACTRIZ E ENCENADORA

*Fui uma pessoa sempre atenta do ponto de vista político,
ao que se passava à minha volta desde que abri os olhos...
para a vida*

Um projeto em comum com a filha

Chamo-me Maria de São José, mas ficou São José Lapa. Foi a minha irmã que escolheu quando eu me estreei no teatro em 1971. Vou a caminho dos 63 anos. Tenho um projecto artístico há oito anos! Começou em 2006 aqui neste espaço, meu e da minha filha, que é a Cooperativa Cultural Espaço das Aguncheiras. Representámos quase dois espectáculos por ano, para além de performances e encontros. Este ano vamos a caminho de mais dois espectáculos, com três peças. Uma é a partir das “Três Irmãs” do Tchekov, misturando com Camilo Castelo Branco, que tinha feito um folhetim quarenta anos antes de nome “Três Irmãs”. É um pequeno romance sobre o mesmo tema. Acontece, que na Rússia, trinta anos depois, um Tchekhov escreve quase a mesma coisa que um senhor talentosíssimo de nome Camilo Castelo Branco. O outro espectáculo são duas peças do Harol Pinter, que vão estrear no TEC antes de virem para cá. Bom e não temos apoio! Lá estou eu no choradinho. Eu fui actriz residente do Teatro Nacional durante quase 19 anos. Deve ter sido por isso que depois me castigaram até agora... “Não vais ter apoio nenhum!”. Houve um ano em que tive um pequeno apoio da Direcção Geral das Artes para representar Beckett. Aliás, acho que foi com esse espectáculo que fomos a um sítio muito interessante, o festival de Samuel Beckett - The Happy Days Festival em Enniskillen, no Norte da Irlanda. Recebemos muito boas críticas e gostamos muito de lá estar. Levamos quatro a cinco pequenas peças e apreciaram muito nosso trabalho, saímos-nos muito bem, dada a quantidade e qualidade dos grupos que lá estavam. Bom, se não fossem estas saídas, também para o nosso ego ficar bem, então estávamos malucos! Resumindo e concluindo, isto é um trabalho que é sobretudo meu e da minha filha Inês, que tem o curso superior de Belas Artes/Escultura e, eu, o curso do Conservatório Nacional da Escola Superior de Teatro, a chamada licenciatura.

Tinha explodido o Maio de 68 em França, na América eram as movimentações contra a guerra do Vietname, havia uma contestação enorme...

Fui uma pessoa sempre atenta do ponto de vista político e ao que se passava à minha volta desde que abri os olhos...para a vida. Fui uma estudante medíocre menos. Eu entrava na escola, no liceu, e não sabia o que estava ali a aprender, se havia tanta

coisa lá fora que era muito mais interessante. Bem sei que ainda sou do tempo do António de Oliveira Salazar e, portanto, os professores e as professoras eram rígidas e por exemplo em labores, se eu me esquecia de levar a agulha, podia ser posta a andar “Não vai à aula! Tem falta de castigo.” Isso aconteceu-me, por isso é que eu me lembro! Ficou cá dentro! Se calhar é por isso que eu coso tão mal! E para não falar da escola primária, onde levava reguadas... Quando me enervo, ainda tenho a mão assim e penso que é das reguadas que levei! É que, para além de me doer, enervava-me imenso. A minha mãe era professora nessa mesma escola, de música e de piano. Foi com ela, aliás, que me estreei nas primeiras práticas teatrais. A minha mãe era muito engraçada, era encenadora naquelas festas de natal, eram as paixões de Cristo e coisas semelhantes, e depois no final do ano. E no ano em que eu lá estive, pois nessa escola estive só um ano, foi com ela que me estreei a fazer de pastorinho com um pequenino texto. Mas a minha mãe preferiu não dizer nada à professora que me dava reguadas para não haver irritações entre pares. Preferiu tirar-me daquela escola, em vez de levantar problemas.

A maneira como eu pensei estar viva e começar a olhar para a política foi depois de estar a trabalhar. E, não querer acabar o quinto ano de ciências que chumbei. Fui para uma empresa para fazer estudos de mercado; foi aí que conheci o futuro actor Virgílio Castelo, que, tal como eu, fazia perguntas à porta das pessoas “Tem OMO/Tide?”. Passe a publicidade, já não é Tide se calhar! Faziam-se estudos de mercado para depois se lançar o produto para consumo. Mas nós precisávamos daquilo, era um bom ordenado para os que se praticavam na altura.

Fui católica praticante e crente até aos meus 16/17 anos, essa altura foi engraçada. Trabalho versus Religião. Mas foi o crescimento físico...Comecei a olhar para a vida de um outro modo. Portanto, passei a ser uma adulta, na realidade.

O meu pai era um indivíduo muito engraçado e a minha mãe também. Tenho bastantes saudades deles. O meu pai era um tipo muito alegre e bem-disposto e nunca foi simpatizante do Oliveira Salazar nem do Marcelo Caetano. Tinha apoiado o Humberto Delgado, mas sem nunca ter uma praxis política. Tomou uma atitude muito digna e isso a mim honrou-me e honra-me muito, pois podia ter tido um cargo importantíssimo na Sociedade Geral ou na CUF. O meu avô tinha lá um bom cargo

mas tinha que se ser da Legião, precisamente, e ele negou-se, disse: “não, não sou, não vou fazer”. E cortaram-lhe as vazas, não é?! Ele nunca falava muito nisso, mas foi uma coisa que ficou e, se calhar, é isso que nos dá a noção dos valores e do que é a ética. Eu acho que isso me serviu como exemplo e me fez recusar muita coisa que me teria dado uma vida mais fácil. Bom, e a partir daí, a política tornou-se uma coisa muito importante para mim.

Fui para Londres e isso deu-me uma visão mais distanciada, uma outra forma de olhar para a guerra - tenham em atenção que isto era em 1969/70; eu nasci em 1951, tinha 18 anos! Fez-me olhar para a vida de outra maneira e odiar a guerra. Tinha explodido o Maio de 68 em França, na América eram as movimentações contra a guerra do Vietname, portanto havia uma contestação enorme e todos os grandes cantores e bandas falavam sobre isso. Fui para Londres e depois voltei a trabalhar, acabei o quinto ano e tirei três cadeiras do sétimo ano. Não fiz mais.

Foi por essa altura que me fiz simpatizante do MRPP, quando estava no Conservatório, muito contestada, até por familiares, porque diziam que eram os meninos rabinos e estavam ligados à CIA. Não estou de acordo com isso, mas enfim, era um radicalismo como outro qualquer. Mas mais tarde apoiei a UDP. Engraçado, eu, o Filipe La Féria, o Mário Viegas e o Alberto, que foi depois meu marido, fizemos parte das cinco mil assinaturas da abertura da UDP. Havia, de facto uma visão muito clara do que queríamos fazer, que não era esta miscelania em que tudo se transformou, este pântano!

Depois saí, fui para Viseu. Fiz a descentralização teatral, uma coisa que na altura era bastante interessante, porque permitia que as pessoas fossem para outras regiões do país, para fazer e fomentar o teatro. Era um iato, pois não havia nada! E porque é que eu escolhi Viseu? Tinha lá uma casa de familiares, a minha mãe era da zona de Viseu e a minha avó tinha lá casas. Eu queria ir às raízes. Fui para o Norte, para o frio, para as dificuldades políticas. Convém não esquecer que na altura, em 1976 e 1977, tinham ardido sedes do PCP. Portanto eu sabia para o que ia. Tinha apoiado o Otelu também, ainda andei à pancada lá em Viseu, com membros do ELP... recebi sobretudo pancada. Não andava propriamente muito feliz mas tinha grupo interessante: era eu, o Alberto, o Jorge Fraga, a Isabel Marques, depois o Jorge Falcato, que, mais

tarde, numa manifestação, recebeu um tiro e passou a andar em cadeirinha de rodas.

Antes disso tinha acontecido o 25 de Abril e eu tinha andado na rua desde os primeiros dias, desde a primeira hora, desde as 8 da manhã; vi sair o Marcelo e vi entrar o senhor de monóculo. Foram, de facto, momentos de enorme felicidade, perceber que o povo aspirava a coisas e queria coisas, aquilo era uma festa, uma explosão de alegria! E acreditávamos que tudo se compusesse, enfim e em muitas coisas compôs-se. Eu acho que as pessoas endoideceram a partir de uma dada altura, porque os bens, os dinheiros que vieram da Europa, foram sempre pessimamente mal canalizados! Eu lembro-me que na altura em que o Senhor Cavaco era Primeiro-Ministro, eram só jipes, e jipes, e jipes nas herdades do Alentejo.

*Neste momento, eu não estou amarfanhada
numa depressão, isso não!
De maneira nenhuma... Entristeci.*

Neste momento, eu não estou amarfanhada numa depressão, isso não! De maneira nenhuma... Entristeci num país que não era aquilo que eu tinha sonhado, não tinha sido para isso eu me tinha esforçado tanto e trabalhado de graça. Houve outras vezes que ganhei e, por isso, é que ainda posso fazer teatro sem dinheiro. Hoje tenho um sítio em que posso desenvolver o meu projecto. Empatei aqui os meus dinheiros todos.

Esta sociedade está um disparate. O senhor Passos Coelho, quanto a mim, é uma pessoa inapta para governar, é uma pessoa que não tem competência de maneira nenhuma. Foi muito para além do que era necessário, pela maldita Troika. Este rapaz faz parte de uma geração que está no poder. E disso é que eu tenho medo! É uma geração dos 30, dos 40 anos, que foi gerada dentro dos partidos políticos, que são como os cogumelos, cogumelos feitos em casa. Eles não vivem na realidade.

Neste momento, as pessoas não podem pagar a electricidade, não têm dinheiro para pagar a água, as reformas foram retiradas a tanta gente que já vivia mal, porque as reformas são curtas e têm muitas vezes de apoiar os netos. Se um velho está com uma doença, não tem o hospital perto e nem tem quem cuide dele. É de uma desumanidade por parte do governo, que não tem palavras. Muitas vezes digo isto, em

vez de irmos para as câmaras de gás, vão-nos matando lentamente. Mas ainda há uma zona, no meio disto tudo, há uma certa bonomia da malta que vive mal, mas que tem alguma bonomia de existência. É a única maneira, porque senão, há um suicídio colectivo.

O Zé Gil, o filósofo, diz que somos uma cambada, um povo invejoso, um povo pequenino e com isso eu estou de acordo, do ponto de vista cultural isto nunca avançou muito. E porque é que não avançou? Porque havia uma iliteracia enorme, havia um analfabetismo enorme, e a iliteracia continua. Havia falta de dinheiro, as pessoas viviam no campo, eu lembro-me quando vivia em Viseu, de me contarem como é que se vivia no campo. Era o vinho, que dava de beber a um milhão de portugueses como dizia o Salazar, e era logo de manhã uma bezana para poderem aguentar o campo, com uma côdea de pão e uma sardinha. Era isto que alimentava!

Mas depois temos outra coisa que eu acho boa, nós miscigenamos. Nós quando estivemos nos países de África, como Angola, Moçambique, Guiné, São Tomé e Príncipe, nós misturamo-nos e daí ter nascido muita gente mestiça. Houve muitos países da Europa que não o fizeram. Isso é uma coisa de que me orgulho, dessa miscigenação. Sabe-se lá à custa de quê. Mas o que conta é que as pessoas partilharam vidas. Isso é bonito! E na Índia, os ingleses não o fizeram. Aquilo era um povo à parte. Portanto, isto são as coisas boas que me fazem dizer: é porreiro ser-se português! E é uma pena, porque isto é um país que tem tanta coisa boa de norte a sul! E está tão desertificado, és obrigado a sair para ir ganhar a vida, não é? Esta última vaga de emigração, não sei em dois anos quantos milhares já foram. Foi uma loucura, não irão por muito tempo, se calhar vão e vêm.

Lisboa está feia! Eu tenho uma casa em Lisboa desde que saí da dos meus pais, e ando muito a pé, porque em Lisboa deixo o carro parado e ando a pé. Ainda ontem, ou anteontem na Avenida António Augusto de Aguiar, e aquilo era ver casa sim, casa sim fechada, casa sim, casa sim... Os cafés continuam a ter a mesma aspecto de tasca, suja e mal cheirosa. Parece que não passaram anos na minha rua. Eu moro na Lapa, onde as tascas ainda têm o mesmo óleo que devem ter usado por 320 meses. Um cheiro que dá vontade de vomitar e a pesar disso as pessoas vão comer a sua pequenina dose, porque têm falta de dinheiro; onde vão beber uns copos. A quantidade de bêbados que

há minha rua...porque ainda existem pessoas que se alcoolizam por alguma razão, por depressão, por falta de dinheiro. Portanto, isto são coisas que sob o ponto de vista cultural não mudaram. É a mesma tasca que existia há 40 anos. Pergunto, houve um erro enorme, enorme, enorme nas praxis culturais? As pessoas agarram-se a meia dúzia de conceitos europeus para fazer avançar a cultura, conceitos esses que vêm de países que tiveram um desenvolvimento económico muito diferente do nosso.

Existiram umas feministas fantásticas na primeira república, que fizeram coisas maravilhosas. E, depois do 25 de Abril também houve uma grande mudança.

Em relação à atitude que, após o 25 de Abril, as mulheres tomaram para si – e que lhes foi permitido tomar, porque não já não havia ditadura e era na ditadura que elas não podiam sair sem autorização do marido e eram inferiorizadas - houve grandes avanços. Havia antes do 25 de Abril tantas maneiras de as inferiorizar, de observar as mulheres como um animal, menos que um animal, às vezes. E houve umas grandes mulheres, feministas, fantásticas, na primeira república, que fizeram coisas maravilhosas.

Eu fui uma miúda independente, aos 18 anos já trabalhava e isso para mim foi muito importante, esse desejo de ser autónoma, de dominar a minha existência, independentemente de qualquer apoio. De facto as mulheres, não só em Portugal, mas na Europa, na dita civilização europeia e também nas Américas, conseguiram alcançar uma grande mudança. Elas passaram a ser donas da sua mente, do seu corpo e da sua existência. Elas passaram a ter a possibilidade de terem cargos importantes, se bem que na banca portuguesa, nas empresas de grande gabarito, praticamente não existam mulheres à frente. Talvez se elas existissem, os bancos não tivessem estado tão mal e a gente não tivesse de estar a pagar-lhes. Talvez a corrupção não se tivesse acentuado tanto dentro das próprias empresas e na banca. Nos cargos políticos, elas são muito poucas. Pouquíssimas! E, às vezes, elas também são péssimas entre elas. Elas criticam de uma forma quase pífida e perversa as outras mulheres. Outras não, outras são solidárias. Eu acho que, neste momento, são elas que estão a sair das faculdades, apesar não se perceber bem para quê. Estamos com uma taxa de desemprego das maiores da Europa no que toca à juven-

tude que tirou cursos. E das duas uma: ou se pensa que se tem que dar uma volta nisto ou então tudo estará absolutamente arruinado futuramente. Portanto, houve uma grande modificação, mas nem sempre essas mudanças trouxeram felicidade. Há por aí muita gente com filhos a cargo, sem defesas. Famílias monoparentais mas sem defesas, nem direitos.

Eu lembro-me de que o actual Millennium BCP (antigamente tinha outro nome), foi um dos bancos que mais entaves pôs à entrada de mulheres, porque elas engravidavam, tinham filhos e era uma chatice! Não trabalhavam! Por isso agora, esta coisa a que eu achei graça no congresso do PSD, (pois estive atenta e ouvi), foi aquele desejo enorme do apoio à maternidade. Tivessem pensado antes nessas coisas que os bancos e as empresas fizeram. Pensem antes de deitar as leis cá para fora. Mas não pensam! Eles querem é atirar com coisas para a frente.

*Eu tenho uma neta que tem 2 anos e meio
O que eu lhe desejo é que não tenha nenhuma
guerra no sítio onde vive*

Sou absolutamente contra as guerras. Eu tenho uma neta, que tem 2 anos e meio. O que eu lhe desejo é que ela não tenha nenhuma guerra no sítio onde vive. Que não tenha de agarrar em nenhuma arma para se defender. Não compreendo que, por meros interesses económicos e políticos, se dê origem a milhares e milhares de mortos, a milhões e milhões de pessoas sem casa. Já não tenho a mesma visão que tinha quando era maoísta aos 20 anos e acreditava. Entretanto, uma pessoa entendeu, percebeu muito bem o que é que aconteceu num país como a China, que agora é detentora de tanto poder, mas à custa da escravatura, do trabalho de milhões de pessoas. O que se passou com os países da Rússia, da União Soviética...

A liberdade é uma coisa muito importante. Até hoje, ainda não se encontrou outro modo melhor de governar que não seja em democracia, porque nela tu podes combater, nela tu podes falar, nela tu podes exigir, como, por exemplo, que uma RTP dê a palavra a todas as visões políticas e ideológica e a todas as pessoas que produzam coisas. Pelo menos podes falar! Podes constituir-te num grupo de cidadãos e exercer pressão. Isso!... E sem teres de levar um tiro, ou sem teres de ir parar à prisão. Quan-

do eu, às vezes, vejo coisas, no “*face*” e até ouço pessoas perto de mim que me dizem “Ah isto era melhor era uma ditadura!”. “Tu não sabes o que dizes! Tu és pateta! És patético!” Porque uma ditadura é uma ditadura! Seja ela sanguinária ou não. Agora é evidente que estamos sob uma ditadura económica. Mas vai-se a eleições e a gente vê como é! Votem noutros! Façam parte de outros! Há um partido novo que é o Livre, quem quiser inscreva-se! Quem não quiser, que tome uma posição política. Agora, numa ditadura, não vais tomar posição política nenhuma! Ou estás a levar com um tiro em cima ou estás a fazer o que eles querem. Pronto!

